



# **PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - LICENCIATURA**

Erechim (RS), outubro de 2012.



## IDENTIFICAÇÃO INSTITUCIONAL

A Universidade Federal da Fronteira Sul foi criada pela Lei Nº 12.029, de 15 de setembro de 2009. Tem abrangência interestadual com sede na cidade catarinense de Chapecó, dois campi no Rio Grande do Sul – Cerro Largo e Erechim – e dois campi no Paraná – Laranjeiras do Sul e Realeza.

Endereço da Reitoria:

Avenida Getúlio Vargas, nº. 609, 2º andar/ Edifício Engemed

Bairro Centro - CEP 89812-000 – Chapecó/SC.

Reitor: Jaime Giolo

Vice-Reitor: Antonio Inácio Andrioli

Pró-Reitora de Graduação: Claudia Finger-Kratochvil

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Joviles Vitório Trevisol

Pró-Reitor de Planejamento: Vicente de Paula Almeida Júnior

Pró-Reitor de Administração e Infraestrutura: Péricles Luiz Brustolin

Pró-Reitor de Cultura e Extensão: Geraldo Ceni Coelho

Coordenadores de Unidades de Chapecó (SC)

Unidade Seminário: Darlan Cristiano Kroth

Unidade Bom Pastor: Antonio Valmor de Campos

Dirigentes de Cerro Largo (RS)

Diretor de Campus: Edeimar Rotta

Coordenador Administrativo: Melchior Mallmann

Coordenador Acadêmico: Ivann Carlos Lago



Dirigentes de Erechim (RS)

Diretor de Campus: Ilton Benoni da Silva

Coordenador Administrativo: Dirceu Benincá

Coordenador Acadêmico: Luís Fernando Santos Corrêa da Silva

Dirigentes de Laranjeiras do Sul (PR)

Diretor de Campus: Paulo Henrique Mayer

Coordenador Administrativo: Fernando Zatt Schardosin

Coordenador Acadêmico: Betina Muelbert

Dirigentes de Realeza (PR)

Diretor de Campi: João Alfredo Braida

Coordenador Administrativo: Jaci Poli

Coordenador Acadêmico: Antônio Marcos Myskiw



## Sumário

1 DADOS GERAIS DO CURSO.....	5
2 HISTÓRICO INSTITUCIONAL.....	6
3 EQUIPE DE COORDENAÇÃO E DE ELABORAÇÃO DO PPC.....	17
4 JUSTIFICATIVA DA CRIAÇÃO DO CURSO.....	18
5 REFERENCIAIS ORIENTADORES ( Ético-políticos, Epistemológicos, Metodológicos e Legais).....	19
6 OBJETIVOS DO CURSO.....	23
7 PERFIL DO EGRESSO.....	24
8 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	25
9 PROCESSO PEDAGÓGICO E DE GESTÃO DO CURSO E PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	126
10 AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO.....	128
11 ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO.....	130
12 QUADRO DE PESSOAL.....	135
13 INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA AO CURSO.....	137
14 ANEXOS.....	150



## 1 DADOS GERAIS DO CURSO

- 1.1 Tipo de curso: Graduação - Licenciatura
- 1.2 Modalidade: Presencial
- 1.3 Denominação do Curso: Licenciatura em História
- 1.4 Titulação: Licenciado em História
- 1.5 Local de oferta: Erechim (RS)
  
- 1.6 Número de vagas: Campus Erechim: 50 vagas noturno
  
- 1.7 Carga-horária total: 3.000 horas
- 1.8 Turno de oferta: Noturno
  
- 1.9 Coordenador do curso: Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza
- 1.10 Forma de ingresso: Com base no Exame Nacional do Ensino Médio ou outras formas definidas pela UFFS.



## 2 HISTÓRICO INSTITUCIONAL

No cenário educacional brasileiro, a chegada ao século XXI está intrinsecamente vinculada às conquistas democráticas expressas em seus documentos oficiais, e indiretamente ligada aos avanços concretos efetuados no sistema de ensino, em todos os níveis, dentre os quais merecem destaque a expansão da oferta de vagas, a sistematização de processos de avaliação e o decorrente compromisso com a busca de qualidade.

Entretanto, nota-se que no período atual a questão educacional passa a ser pautada a partir de um Plano Nacional de Educação - 2000-2010 (PNE) -, cujos objetivos vão além daqueles que orientaram suas primeiras concepções estabelecidas desde a década de 1930 - e de modo muito mais acentuado com a LDB 5692/71 e com a adesão à Teoria do Capital Humano, dos anos 70 e 80 -, que estiveram limitadas a conceber o desenvolvimento educacional em sua acepção econômica, ou seja, que o papel da educação estava circunscrito ao de agente potencializador do desenvolvimento econômico.

Os objetivos do PNE, publicado em 2001, buscam elevar o nível de escolaridade da população, melhorar a qualidade do ensino em todos os níveis, reduzir as desigualdades sociais e regionais no que concerne ao acesso do estudante à escola e à sua permanência nela, e em democratizar a gestão do ensino público. Assim, a concepção imanente ao plano que orienta o desenvolvimento da educação brasileira toma-a como base constitutiva da maturação de processos democráticos, o que indica uma mudança substantiva, porém somente realizável pela superação de problemas que persistem.

Neste sentido, não somente para a educação, mas na política nacional de um modo geral, buscou-se o diálogo mais sistemático com os movimentos sociais. Por vezes até mesmo se realizou a inserção indireta de alguns deles na estrutura do Estado. Apesar de controversa, é possível considerar essa estratégia como um passo, ainda que modesto, no horizonte da democratização do país.

Quanto ao ensino superior, os desafios que se apresentam ainda no século XXI correspondem à reduzida oferta de vagas nas instituições oficiais, a distribuição desigual das Instituições de Ensino Superior (IES) sobre o território nacional, e a descontrolada oferta de vagas no setor privado, comprometendo, dessa forma, a qualidade geral do ensino superior.

A busca pela superação desse quadro de carências foi gradualmente trabalhada nos últimos 10 anos. Ainda que não se tenham alcançado os objetivos almejados no momento da



elaboração do PNE, as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) lograram participar do Programa de Apoio à Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), com vistas a cumprir o que se pretendeu com o PNE. Todavia, durante o período do Plano, permanecemos distantes dos seus objetivos quanto ao número de jovens no ensino superior – de 30% – e da participação das matrículas públicas neste total – 40%. Os percentuais atingidos até o momento são de 12,1% e 25,9%, respectivamente<sup>1</sup>.

Por meio da adesão das IFES ao REUNI, estabeleceu-se uma política nacional de expansão do ensino superior, almejando alcançar a taxa de 30% de jovens entre 18 e 24 anos matriculados no ensino superior, aumentar para 90% a taxa de conclusão de cursos de graduação, e atingir a relação de 18 alunos por professor nos cursos presenciais. Todavia, aspectos qualitativos também foram considerados, quais sejam: a formação crítica e cidadã do graduando e não apenas a formação de novos quadros para o mercado de trabalho; a garantia de qualidade da educação superior por meio do exercício pleno da universidade no que tange às atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão; a oferta de assistência estudantil; sem esquecer da interface com a educação básica, que tem suscitado o fortalecimento das licenciaturas.

Dentre as mobilizações pela educação superior, houve aquelas que reivindicavam a expansão das IFES, especialmente no interior dos estados, pois nesses espaços o acesso ao ensino superior implicava dispêndios consideráveis, sejam financeiros, quando se cursava uma universidade privada, sejam de emigração, quando se buscava uma universidade pública próxima aos grandes centros.

Contudo, para cotejar aspectos indicativos das transformações na e da educação superior brasileira na primeira década do século XXI é imprescindível destacar que novas contradições emergiram como resultados do enfrentamento, ainda tateante, de questões estruturais neste âmbito, e que estas merecem ser abordadas com o necessário vigor democrático para contemplar as adversidades resultantes da pluralidade de concepções acerca do papel que a educação e a universidade devem cumprir para o nosso país.

Neste contexto de reivindicações democráticas, a história da Universidade Federal da Fronteira Sul começa a ser forjada nas lutas dos movimentos sociais populares da região. Lugar de denso tecido de organizações sociais e berço de alguns dos mais importantes movimentos populares do campo do país, tais características contribuíram para a formulação de um projeto de universidade e para sua concretização. Entre os diversos movimentos que

<sup>1</sup> <http://conae.mec.gov.br/images/stories/pdf/pdf/documetos/documento>



somaram forças para conquistar uma universidade pública e popular para a região, destacam-se a Via Campesina e Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar da Região Sul (Fetraf-Sul) que assumiram a liderança do Movimento Pró-Universidade.

Inicialmente proposta de forma independente nos três estados, a articulação de uma reivindicação unificada de uma universidade pública para toda a região - a partir de 2006 - deu um impulso decisivo para sua conquista.

A Mesorregião Grande Fronteira do MERCOSUL e seu entorno possui características específicas que permitiram a formulação de um projeto comum de universidade. É uma região com presença marcante da agricultura familiar e camponesa e a partir da qual se busca construir uma instituição pública de educação superior como ponto de apoio para repensar o processo de modernização no campo, que, nos moldes nos quais foi implementado, foi um fator de concentração de renda e riqueza.

Para fazer frente a esses desafios, o Movimento Pró-Universidade apostou na construção de uma instituição de ensino superior distinta das experiências existentes na região. Por um lado, o caráter público e gratuito a diferenciaria das demais instituições da região, privadas ou comunitárias, sustentadas na cobrança de mensalidades. Por outro lado, essa proposta entendia que para fazer frente aos desafios encontrados, era preciso mais do que uma universidade pública, era necessário a construção de uma universidade pública e popular.

Esse projeto de universidade aposta na presença das classes populares na universidade e na construção de um projeto de desenvolvimento sustentável e solidário para a região, tendo como seu eixo estruturador a agricultura familiar e camponesa. Busca, portanto, servir à transformação da realidade, opondo-se à reprodução das desigualdades que provocaram o empobrecimento da região.

Como expressão de seu processo de discussão, o movimento pró-universidade forjou a seguinte definição que expressa os pontos fundamentais de seu projeto, servindo como base a todo o processo de construção da UFFS:

O Movimento Pró-Universidade propõe uma Universidade Pública e Popular, com excelência na qualidade de ensino, pesquisa e extensão, para a formação de cidadãos conscientes e comprometidos na identificação, compreensão, reconstrução e produção de conhecimento para a promoção do desenvolvimento sustentável e solidário da Região Sul do País, tendo na agricultura familiar e camponesa um setor estruturador e dinamizador do processo de desenvolvimento. (UFFS, 2008, p.9)<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> UFFS. Relatório das atividades e resultados atingidos. Grupo de trabalho de criação da futura universidade federal com campi nos estados do PR, SC e RS. Março de 2008.



Desde o início a universidade foi pensada como uma estrutura multicampi, para que esta pudesse melhor atingir seus objetivos. Para o estabelecimento dos campi foram considerados diversos fatores, entre os quais: a presença da agricultura familiar e camponesa e de movimentos sociais populares, a distância das universidades federais da região sul, e a carência de instituições federais de ensino, a localização, o maior número de estudantes no Ensino Médio, o menor IDH, a infra-estrutura mínima para as atividades e a centralidade na Mesorregião. Ao final foram definidos os campi de Chapecó-SC (sede), Erechim-RS e Cerro Largo-RS, Realeza-PR e Laranjeiras do Sul-PR, já indicando possibilidades de ampliações futuras.

Neste sentido, o processo de luta pela criação da UFFS foi e tem sido a expressão concreta de parte da democratização brasileira, na medida em que, ao atender reivindicações populares, prioriza a expansão da educação superior pública e gratuita em uma região historicamente negligenciada, possibilitando que as conquistas democráticas e populares adquiram mais força.

Como resultado da mobilização das organizações sociais, o MEC aprovou, em audiência realizada em 13 de junho de 2006, a proposta de criar uma Universidade Federal para o Sul do Brasil, com abrangência prevista para o Norte do Rio Grande do Sul, o Oeste de Santa Catarina e o Sudoeste do Paraná, e assumiu o compromisso de fazer um estudo para projetar a nova universidade.

Com o projeto delineado pela Comissão Pró-Universidade, nova audiência com o Ministro de Estado da Educação ocorreu em junho de 2007. Na ocasião, o ministro propôs ao Movimento Pró-Universidade Federal a criação de um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnológica (IFET). Todavia, os membros do Movimento defenderam a ideia de que a Mesorregião da Fronteira Sul necessitava de uma Universidade, pois se tratava de um projeto de impacto no desenvolvimento econômico, social, científico e tecnológico da macrorregião sul, além de proporcionar investimentos públicos expressivos no único território de escala mesorregional ainda não contemplado com serviços desta natureza. Diante disso, decidiu-se pela criação de uma Comissão de Elaboração do Projeto, que teria a participação de pessoas indicadas pelo Movimento Pró-Universidade Federal e por pessoas ligadas ao Ministério da Educação.



Durante todo o processo de institucionalização da proposta da Universidade, o papel dos movimentos sociais foi decisivo. Em agosto, mais de quinze cidades que fazem parte da Grande Fronteira da Mesorregião do Mercosul, realizaram, concomitantemente, atos públicos Pró-Universidade, ocasião em que foi lançado o site do Movimento: [www.prouniversidade.com.br](http://www.prouniversidade.com.br). No Oeste catarinense, a mobilização ocorreu nas cidades de Chapecó, Xanxerê, Concórdia e São Miguel do Oeste. No Norte do Rio Grande do Sul, aconteceram panfletagem e manifestações nos municípios de Erechim, Palmeira das Missões, Espumoso, Sananduva, Três Passos, Ijuí, Sarandi, Passo Fundo, Soledade, Marau, Vacaria e Lagoa Vermelha. No Sudoeste do Paraná, as cidades de Francisco Beltrão e Laranjeiras do Sul realizaram seus atos públicos anteriormente.

Em outubro de 2007, o Ministro de Estado da Educação firma o compromisso do Governo em criar a Universidade. A partir disso e das discussões empreendidas pelo Movimento Pró-Universidade, a Secretaria de Educação Superior designa a Comissão de Implantação do Projeto Pedagógico Institucional e dos Cursos por meio da Portaria MEC nº 948, de 22 de novembro de 2007. O Grupo de Trabalho definiu o Plano de Trabalho e os critérios para definição da localização das unidades da Universidade. Além disso, a orientação para que a nova universidade mantivesse um alto nível de qualidade de ensino, de pesquisa e de extensão sempre foi uma preocupação no processo de constituição e consolidação da IES.

O Ministério da Educação publica, em 26 de novembro, a Portaria 948, criando a Comissão de Projetos da Universidade Federal Fronteira Sul, a qual teve três meses para concluir os trabalhos. Em 3 de dezembro, em uma reunião do Movimento Pró-universidade, em Concórdia, o grupo decide solicitar ao Ministério da Educação que a nova universidade tenha sete campi. O MEC, todavia, havia proposto três: um para o Norte gaúcho, outro para o Oeste catarinense e o terceiro para o Sudoeste do Paraná. Chapecó/SC foi escolhida para sediar a universidade pela posição centralizada na área abrangida.

Em 12 de dezembro, pelo projeto de Lei 2.199-07, o ministro da Educação anunciou a criação da Universidade Federal para Mesorregião da Grande Fronteira do Mercosul (UFMM) em solenidade de assinatura de atos complementares ao Plano Nacional de Desenvolvimento da Educação (PDE), no Palácio do Planalto, em Brasília.

Ainda em dezembro, a Comissão definiu a localização das unidades da Universidade – Erechim e Cerro Largo, no Rio Grande do Sul; Chapecó, em Santa Catarina; Realeza e Laranjeiras do Sul, no Paraná - e iniciou uma discussão sobre áreas de atuação da Instituição e



seus respectivos cursos de graduação. Nessa reunião, os representantes do Movimento Pró-Universidade discutiram a localização da sede e dos campi, perfil, estrutura curricular, áreas de atuação e critérios para definição do nome da universidade.

A última reunião da Comissão, realizada em 21 e 22 de fevereiro de 2008, na UFSC, tratou da apreciação de recursos quanto à localização das unidades; processo, demandas e datas a serem cumpridas; áreas de atuação e cursos. Nessa reunião, a Comissão de projeto apreciou pedido de impugnação da Central do Estudante e Comitê Municipal de Santo Ângelo-RS em relação à localização do campus das Missões em Cerro Largo. O Movimento Pró-Universidade Federal havia proposto um campus para a Região das Missões e, a partir disso, os movimentos sociais definiram um processo que culminou com a decisão por Cerro Largo para sediar um dos campi. A Comissão de Projeto, em 13 de dezembro de 2007, homologou a decisão, considerando que todos os critérios definidos para fins de localização das unidades são regionais e não municipais. O pedido de impugnação toma como base os critérios de localização propostos no projeto elaborado pelo Grupo de Trabalho constituído pela Portaria 352/GR/UFSC/2006. Naquele Projeto, os critérios de localização tomam como base o município, diferente dos critérios definidos, que tomam como base a região. A Comissão de Projeto definiu por referendar a decisão tomada em 13 de dezembro de 2007 e a cidade de Cerro Largo foi mantida como sede do campus missioneiro.

A Comissão também apreciou o pedido de revisão quanto à localização dos campi do Paraná. Recebeu e ouviu uma representação do Sudoeste do Paraná, que questionou a escolha por Laranjeiras do Sul, pelo fato do município estar fora da Mesorregião. Em resposta, a Comissão considerou os manifestos encaminhados ao MEC e todas as exposições feitas nos debates anteriores nos quais ficava evidente que a nova Universidade se localizaria na Mesorregião Fronteira Sul e seu entorno. Nesse sentido, a Região do Cantuquiriguaçu (PR), onde está Laranjeiras do Sul, faz parte do território proposto, não havendo pois razão para rever a decisão tomada em 13 de dezembro de 2007.

Em março de 2008, o Grupo de Trabalho de Criação da Futura Universidade Federal da Fronteira Sul finalizou sua tarefa. Em 16 de julho, o Presidente da República assina o Projeto de Lei de criação da Universidade da Mesorregião, no Palácio do Planalto, em Brasília, para enviar ao Congresso Nacional. O PL 3774/08 (que cria a UFFS) é aprovado em 12 de novembro pela Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público.



Em 4 de dezembro, uma comitiva dos três estados da Região Sul esteve em audiência na secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação (MEC), buscando agilizar os trâmites para a implantação da UFFS. Ficou acertado que as aulas deveriam iniciar no primeiro semestre de 2010. Perseguindo essa meta, o Ministro da Educação, em 11 de fevereiro de 2009, deu posse à Comissão de Implantação da UFFS (Portaria nº 148).

Na definição dos cursos de graduação, a Comissão de Implantação da UFFS priorizou as áreas das Ciências Agrárias e das Licenciaturas, tendo em vista a importância da agroecologia para a Região, a necessidade de tratamento dos dejetos, os problemas ambientais gerados pelas agroindústrias, as perspectivas da agricultura familiar e camponesa, e a sua centralidade no projeto de desenvolvimento regional proposto pela Instituição etc.; já o foco nas licenciaturas se justifica pela integração às políticas do governo federal de valorizar as carreiras do magistério. Nessa referência, em maio de 2009, foram construídas as primeiras versões dos projetos pedagógicos dos cursos. Em maio de 2009 foram definidas as primeiras versões dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação.

No âmbito da graduação, além das atividades de extensão e de pesquisa, o currículo foi organizado em torno de um domínio comum, um domínio conexo e um domínio específico. Tal forma de organização curricular tem por objetivo assegurar que todos os estudantes da UFFS recebam uma formação ao mesmo tempo cidadã, interdisciplinar e profissional, possibilitando aperfeiçoar a gestão da oferta de disciplinas pelo corpo docente e, como consequência, ampliar as oportunidades de acesso à comunidade.

Em julho, a Comissão de Implantação da UFFS decide usar o Enem – Exame Nacional do Ensino Médio – no processo seletivo, acompanhado de bônus para estudantes das escolas públicas (Portaria nº 109/2009). Para atender ao objetivo expresso no PPI de ser uma “Universidade que estabeleça dispositivos de combate às desigualdades sociais e regionais, incluindo condições de acesso e permanência no ensino superior, especialmente da população mais excluída do campo e da cidade”, a Comissão aprofunda a discussão sobre uma política de bônus que possibilite a democratização do acesso dos estudantes das escolas públicas da região à IES.

No dia 18 de agosto, a criação da UFFS é aprovada pela Comissão de Justiça do Senado e, no dia 25, é aprovada na Comissão de Educação do Senado Federal. Após um longo processo, a lei 12.029 de 15 de setembro de 2009, assinada pelo Presidente da República, criou a Universidade Federal da Fronteira Sul, concretizando, desta forma, o trabalho do



Movimento Pró-Universidade alicerçado na demanda apontada pelos movimentos sociais dos três estados da região sul.

A promulgação da lei fez intensificar as atividades de estruturação da nova universidade, já que havia a meta de iniciar as atividades letivas no primeiro semestre de 2010. Em 21 de setembro de 2009, o Ministro da Educação designou o professor Dilvo Ristoff para o cargo de reitor pro-tempore da UFFS. A posse aconteceu no dia 15 de outubro de 2009 em cerimônia realizada no Salão de Atos do Ministério da Educação, em Brasília. A partir desse momento, as equipes de trabalho foram constituídas e ao longo do tempo definiram-se os nomes para constituir as pró-reitorias e as diretorias gerais para os campi de Erechim (RS), Cerro Largo (RS), Realeza (PR) e Laranjeiras do Sul (PR).

O mês de outubro de 2009 foi marcado por tratativas e definições acerca dos locais com caráter provisório para o funcionamento da universidade em cada campus. Também são assinados contratos de doação de áreas e são firmados convênios entre municípios para a compra de terrenos. Para agilizar questões de ordem prática, é feito um plano de compras de mobiliário e equipamentos para equipar a reitoria e os cinco campi, o qual foi entregue no Ministério da Educação. As primeiras aquisições foram realizadas em dezembro, mês em que foi realizada a compra dos primeiros 12 mil exemplares de livros para as bibliotecas da instituição.

O primeiro edital para seleção de professores foi publicado no Diário Oficial da União em 2 de outubro de 2009. Aproximadamente três mil candidatos se inscreveram para o concurso público que selecionou 165 professores para os cinco campi da universidade. Já a seleção dos primeiros 220 servidores técnicos administrativos foi regida por edital publicado no Diário Oficial da União em 3 de novembro de 2009. Quase 6000 candidatos inscreveram-se para as vagas disponibilizadas. A nomeação dos primeiros aprovados nos concursos acontece no final de dezembro de 2009.

A instalação da Reitoria da UFFS na cidade de Chapecó (SC) ocorreu oficialmente em 1º de março de 2010. Até então o gabinete do reitor esteve localizado junto à UFSC (tutora da UFFS). Em 11 de março foi realizada uma cerimônia para apresentação da reitoria à comunidade regional.



Com muita expectativa, no dia 29 de março de 2010, deu-se início ao primeiro semestre letivo. Simultaneamente, nos cinco campi, os 2.160 primeiros alunos selecionados com base nas notas do Enem/2009 e com bonificação para os que cursaram o ensino médio em escola pública, foram recepcionados e conheceram os espaços provisórios que ocuparão nos primeiros anos de vida acadêmica. Essa data simboliza um marco na história da Universidade Federal da Fronteira Sul. Em cada campus foi realizada programação de recepção aos estudantes com o envolvimento de toda comunidade acadêmica. O primeiro dia de aula constituiu-se num momento de integração entre direção, professores, técnicos administrativos, alunos e lideranças locais e regionais.

Desde a chegada dos primeiros professores, um trabalho intenso foi realizado no sentido de finalizar os projetos pedagógicos dos cursos (PPCs). Importante salientar que o processo de construção coletiva dos PPCs iniciou ainda em 2009, quando foram convidados docentes de outras universidades, os quais delinearão o ponto de partida para elaboração dos dezenove projetos pedagógicos referentes aos cursos oferecidos pela UFFS no ano de 2010. Já com a chegada dos primeiros docentes concursados pela instituição, as discussões passaram a incorporar experiências e sugestões desse grupo de professores. A partir de então, a formatação dos PPCs ficou sob responsabilidade dos colegiados de curso. A organização e as definições dos projetos pedagógicos estiveram pautadas em torno de três eixos: (1) Domínio comum; (2) Domínio Conexo e (3) Domínio Específico, sendo levadas em consideração propostas de cunho multi e interdisciplinar. Por se constituir numa universidade multicampi, um dos desafios, nesse momento, foi a sistematização das contribuições dos colegiados de curso que são ofertados em mais de um campus da instituição. O trabalho foi concluído com êxito.

Outro momento importante da UFFS foi o processo de elaboração do Estatuto Provisório da instituição. Esse processo ocorreu de forma participativa, envolvendo professores, técnicos administrativos e estudantes de todos os campi. Estabeleceu-se um calendário intenso de discussões e ponderações acerca dos pontos que constituem o documento. No final do processo, uma plenária aprovou o estatuto que foi, então, enviado ao MEC. A UFFS foi concebida de modo a promover o desenvolvimento regional integrado, a partir do acesso à educação superior de qualidade e a articulação do ensino, da pesquisa e da extensão voltados para a interação e a integração das cidades e estados que fazem parte da grande fronteira do Mercosul e seu entorno. Nesse sentido, ao longo do primeiro semestre



letivo, aconteceu a I Conferência de Ensino, Pesquisa e Extensão (I COEPE) com o tema “Construindo Agendas e Definindo rumos”. Mais uma vez, toda a comunidade acadêmica esteve envolvida. O propósito fundamental da conferência foi aprofundar a interlocução entre a comunidade acadêmica e as lideranças regionais, com o intuito de definir as políticas e as agendas prioritárias da UFFS no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão. As discussões ocorridas na conferência foram organizadas em onze fóruns temáticos realizados em cada um dos campi da universidade: (1) Conhecimento, cultura e formação Humana; (2) História e memória regional; (3) Movimentos Sociais, cidadania e emancipação; (4) Agricultura familiar, agroecologia e desenvolvimento regional; (5) Energias renováveis, meio Ambiente e sustentabilidade; (6) Desenvolvimento regional, tecnologia e inovação; (7) Gestão das cidades, sustentabilidade e qualidade de vida; (8) Políticas e práticas de promoção da saúde coletiva; (9) Educação básica e formação de professores; (10) Juventude, cultura e trabalho; (11) Linguagem e comunicação: interfaces. Após quatro meses de discussões, envolvendo os cinco campi da UFFS e aproximadamente 4.000 participantes (docentes, técnico-administrativos, estudantes e lideranças sociais ligadas aos movimentos sociais), a I COEPE finalizou os trabalhos em setembro de 2010, aprovando em plenária o Documento Final, que estabelece as políticas norteadoras e as ações prioritárias para cada uma das áreas-fim da UFFS (ensino, pesquisa e extensão).

Finalizada a COEPE, diversas ações começaram a ser empreendidas com o propósito de implementar as políticas e as ações firmadas no Documento Final. Entre as ações, cabe destacar o “Plano de Desenvolvimento da Pós-Graduação Stricto Sensu da UFFS” e as “Diretrizes para a Organização das Linhas e dos Grupos de Pesquisa da UFFS”, cujos processos encontram-se em andamento e resultarão na implantação dos primeiros cursos de mestrado e de doutorado.

Com apenas um ano de existência muitas conquistas foram realizadas. No entanto, vislumbra-se um longo caminho a ser percorrido. Muitas etapas importantes já foram realizadas, algumas precisam ser consolidadas e outras serão definidas e construídas ao longo dos anos. Os espaços físicos começam a ser edificados, projetos de pesquisa e de extensão estão sendo desenvolvidos pelos docentes, e futuros cursos de pós-graduação começam a ganhar forma. O importante é o comprometimento e a capacidade de trabalhar colaborativamente, até então demonstrados por todos os agentes envolvidos neste processo.



Muito mais que colocar em prática ideias e processos já pensados, tais agentes são responsáveis por construir uma universidade pública e popular, desenvolvendo ações para o desenvolvimento regional e para a consolidação da UFFS na grande região da fronteira sul.

Angela Derlise Stübe  
Antonio Alberto Brunetta  
Antonio Marcos Myskiw  
Leandro Bordin  
Leonardo Santos Leitão  
Vicente Neves da Silva Ribeiro



### **3 EQUIPE DE COORDENAÇÃO E DE ELABORAÇÃO DO PPC**

3.1 Coordenação: Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza

3.2 Elaboração:

Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin de Souza

Prof. Msc. Thiago Kramer de Oliveira

Prof. Msc. Débora Clasen de Paula

3.3 Comissão de acompanhamento pedagógico curricular

Diretora de organização pedagógica: Adriana Salete Loss

Pedagogas: Dariane Carlesso, Adriana Folador e Neuza Maria Franz

Técnico em Assuntos Educacionais: Alexandre Luis Fassina

Revisor: Robson Luiz Wazlawick (revisão referências).

3.4 Núcleo docente estruturante do curso

Conforme a Resolução da CONAES Nº 1 de 17 de junho de 2010 e respectivo Parecer Nº 4 de 17 de junho de 2010, o Núcleo Docente Estruturante – NDE de um curso de graduação, constitui-se de um grupo de professores, com atribuições acadêmicas de acompanhamento, atuante no processo de concepção, consolidação e contínua atualização do projeto pedagógico.

PORTARIA Nº 526/GR/UFFS/2012 - Erechim

I – Fábio Francisco Feltrin de Souza – Siape 1885626 (Presidente - coordenador do curso);

II – Débora Clasen de Paula – Siape 1658137;

III – Êmerson Neves da Silva – Siape 1268355;

IV – Gerson Luís Egas Severo – Siape 1815330;

V – Gerson Wasen Fraga – Siape 1550618; VI – Isabel Rosa Gritti – Siape 1838141;

VII – Paulo José Sá Bittencourt – Siape 1772029;

VIII – Tiago Kramer de Oliveira – Siape 1880865;

IX – Anibal Lopes Guedes – Siape 1836907

X – Adriana Regina Sanceverino Losso – Siape 1837885



## 4 JUSTIFICATIVA DA CRIAÇÃO DO CURSO

Fruto da ação da sociedade civil organizada, a Universidade Federal da Fronteira Sul está situada em uma área historicamente desassistida pelo Ensino Público Superior. Seja como decorrência natural desta lacuna, seja como resultado da natureza excludente do ensino privado, em especial no que tange aos cursos de licenciatura, é possível perceber nesta região uma defasagem entre a necessidade de professores com formação específica em sua área de atuação e a realidade escolar, em especial àquela ofertada pelos poderes públicos.

Outra carência histórica, resultante da ausência de uma instituição de ensino público superior na região, diz respeito aos resultados que emanam das ações de pesquisa e extensão decorrentes da própria natureza de uma Universidade Federal. Atuando fortemente no campo da pesquisa o curso de História da UFFS visa produzir problematização a cerca nas identidades construídas, as narrativas de memória oficializadas, os apagamentos e inviabilizações. Dessa forma, produzindo deslocamentos, erosões, questionamentos, possibilitando, assim, a construção de sujeitos mais livres e autônomos politicamente. Já a extensão, por sua vez, terá como objetivo promover a aproximação entre universidade e comunidade.

A criação do curso de História numa Universidade do Sistema Federal também se justifica pelo fato de que oferta desse curso ter sido historicamente oferecido por universidades privadas ou comunitárias. Além dessas universidades passarem por sérios problemas financeiros, os sentidos políticos de um curso de licenciatura ministrado por uma Universidade pública é distinto, está pautado por outros referenciais teóricos e visa, antes de tudo, o bem público, o desenvolvimento do país. Uma Universidade Federal pressupõe outros marcos de qualidade, sobretudo porque os dados do IDEB têm se mostrado insuficientes e precisam ser melhorados. A oferta do curso de Licenciatura em História também visa suprir essa deficiência histórica.<sup>3</sup>

Nesse sentido a oferta do Curso de História no campus Erechim visa atender, principalmente, a grande demanda concernente à formação de professores para toda a região, possibilitando uma experiência formativa que articule ensino, pesquisa e extensão.

<sup>3</sup> Cf. <http://portalideb.inep.gov.br/>



## 5 REFERENCIAIS ORIENTADORES ( Ético-políticos, Epistemológicos, Metodológicos e Legais)

### 5.1 Referenciais legais

Os referenciais legais que norteiam a implementação e operacionalização do curso de licenciatura em História são:

- As Diretrizes Curriculares para os Cursos de História – estabelecidas pela Resolução CNE/CES no. 13/2002 de 13 de março de 2002 e com fundamentos nos pareceres CNE/CES no. 492/2001 de 09 de julho de 2001 e CNE/CES no. 1.363/2001 de 25 de janeiro de 2002.
- As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena – instituída pela Resolução CNE/CP no. 01/2002 de 18 de fevereiro de 2002 e com fundamentos nos Pareceres CNE/CP no. 09/2001 e CNE/CP no. 27/2001 de 17 de janeiro de 2002.
- A Resolução CNE/CP no. 02/2002 de 19 de fevereiro de 2002, com fundamentos no Parecer CNE/CP no. 28/2001 de 17 de janeiro de 2002, que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior.
- Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e Médio.
- A Lei no. 9.394/1996 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
- A Lei no. 10.172 de 09 de janeiro de 2001, que aprovou o Plano Nacional de Educação e que destaca como núcleo estratégico do ensino superior a manutenção da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, além de determinar a implantação de ações extensionistas no currículo de Graduação.
- A Lei no. 11.645/2008, que prevê a obrigatoriedade do ensino de conteúdos de História da África, da luta dos negros no Brasil, da Cultura Afro-Brasileira e da História Indígena no Ensino Fundamental e Médio.



## 5.2 - Referenciais éticos-políticos, epistemológicos e metodológicos

A formação continuada é uma das tarefas decisivas dos cursos de formação de professores e será um dos eixos das ações de extensão do curso de história da UFFS. Entendemos por extensão não uma difusão de conhecimento que emanam do lugar onde se sabe para quem não sabe. Ao contrário entendemos a extensão como uma articulação, um diálogo da universidade com outros sujeitos. Esta concepção será importante para pensarmos a formação continuada não como cursos de reciclagem de professores mas como a produção de espaços nos quais os saberes produzidos na escola e na universidade possam se encontrar.

Uma das orientações do curso de história da UFFS é a formação integral do historiador. Esta se define como a formação de um professor-pesquisador, isto é fomentando a capacidade no estudante de produzir conhecimentos e ensiná-los. Neste sentido, as atividades de ensino e pesquisa não estão restritas somente a disciplinas específicas mas atravessam o conjunto dos componentes curriculares. Dessa forma, foram criadas 5 disciplinas optativas, pensadas como tópicos especiais, em que o aluno, necessariamente, deverá escolher, de acordo com a oferta do colegiado, dentro de um rol de 34 componentes curriculares, sendo 4 de caráter prático, e mais 4 seminários temáticos. Com isso, visamos oferecer ao aluno uma visão menos totalizante e mais temática da Histórica, de acordo com as pesquisas e vinculações metodológico-formativa do professores.

Um dos desafios centrais do curso de história é ensinar a pensar historicamente. Para isso, o conhecimento dos processos históricos é imprescindível, porém não menos importante é compreender a produção do conhecimento histórico. Isto é, não se trata de aprender um maior número de informações históricas mas sim formar-se para compreender como estes conhecimentos são produzidos, possibilitando tornar-se um produtor de conhecimento histórico e, desta forma, relacionar-se de forma problematizadora com este conhecimento. Isto permitirá perceber o conhecimento histórico enquanto invenção e não como a busca por apreender informações, mas igualmente questionar as condições de produção e os critérios de validade destas informações. Assim, busca-se analisar o passado não como algo estático e pronto para ser desvelado; busca-se compreender como determinadas verdades tiveram uma condição de emergência num dado momento, num dado lugar. Nesse sentido, não há dicotomia entre uma história “verdadeira” e uma “mentirosa”, mas sim uma História que é produzida e que não pode ser vista como engano ou mentira. Portanto, a História, antes



considerada “mestra da vida” e o historiador o condutor rumo ao “esclarecimento” e indicador dos caminhos da felicidade é radicalmente questionada e superada. Além disso, o ideal romântico também estava presente e fazer História era exaltar a nação, ou as narrativas regionais museificadas, dão lugar a uma história problematizada.

A preocupação formativa está centrada na capacidade dos sujeitos de se moldarem, de se constituírem, para isso, o caráter problematizador e inquietante do professor-pesquisador faz parte das balizas do sentido formativo do curso. Isto é, compreender como se ensina e se aprende a pensar historicamente, desnaturalizado todos os processos de cristalização e interrogando, antes, como as coisas se tornam o que são, é um dos objetivos formativos do curso. A prática docente na escola básica será o objetivo principal desta formação, ainda que o currículo preveja igualmente a preparação para a atuação em outros espaços educativos, bem como visa formar pesquisadores. Uma história viva, com movimento, fonte de inspiração e de compreensão da realidade cultural, social e política em que vivemos. E que os sujeitos sociais, ao perceberem que o presente - da forma como o conhecemos - foi construído, e que estando insatisfeitos com ele, percebam a possibilidade de modificá-lo, tendo em vista o conhecimento de que nada é natural e que tudo tem historicidade. Sob este enfoque, a História tem uma importância mais profunda, por ser uma História mais próxima do cotidiano, mais próxima da vida concreta das mulheres e homens e que provavelmente torna-se mais significativa no questionamento do presente em que estes vivem.

Foi por conta dessa perspectiva acumulada nos dois anos de criação do curso e da Universidade, que os NDE's (Núcleos Docente Estruturante) dos cursos de História de Erechim e Chapecó optaram por uma profunda reformulação do PPC e da Matriz curricular elaborada em 2010. Nesse sentido, após, um anos de debates no NDE e no Colegiado de Curso, conforme atas em anexo, construímos este atual projeto; igualmente passageiro e fruto das condições de emergência postas no presente.

A tarefa de formação de professores-pesquisadores não ficará restrita somente aos componentes curriculares do domínio conexo de formação de professores ou nos estágios curriculares supervisionados. Sua presença como fio condutor ao longo do currículo será proporcionada pela horas de Prática Pedagógica do Componente Curricular (PPCC), presentes na maior parte dos componentes curriculares do domínio específico. Acreditamos que é importantíssimo caminhar no sentido de uma formação teórico-metodológica que busque



constituir um profissional que seja capaz de articular a pesquisa e o ensino. Esta é uma luta árdua e contínua, que exige o desafio de conviver com a diversidade de perspectivas de trabalho, de concepções diversas sobre a importância da produção e da difusão do conhecimento histórico e com a desconfiança diante de debates que buscam tratar da importância social dos compromissos de nossa prática profissional como historiadores em relação ao contexto social e político em que vivemos. Nosso intento é o de formar profissionais que busquem contribuir para o dever de um mundo diferente; justo, democrático, fraterno, diverso, livre.



## 6 OBJETIVOS DO CURSO

### Objetivos Geral

Formar professores-pesquisadores para atuarem com qualidade nas diversas esferas do ensino e pesquisa.

### Objetivos específicos

- Dominar as diferentes concepções metodológicas que são base para a investigação das relações sócio-históricas e culturais.
- Transitar pelas áreas afins da história visando uma prática mais qualificada no ensino e na pesquisa.
- Interferir com criticidade e autonomia nos mais diversos acontecimentos sociais e políticos.
- Problematizar, nas múltiplas dimensões das experiências, a construção dos sujeitos históricos
- Elaborar, coordenar, executar, desenvolver e avaliar projetos de pesquisa, ensino e difusão, visando uma interferência significativa na sociedade.
- Reconhecer o papel social e político do professor.



## 7 PERFIL DO EGRESSO

O licenciado em História deverá ser capaz de atuar como docente na Educação Básica, Ensino Fundamental e Médio, bem como na pesquisa acadêmica, considerando que o exercício do magistério tem uma dimensão que ultrapassa a mera tarefa pedagógica de transmitir o conhecimento.

Também deverá ter condições de desenvolver atividade de pesquisa, sobretudo de temas relacionados à história local e regional, assim como de criar instrumentos e materiais capazes de dar publicidade a tal produção. Além disso, de desenvolver atividades de assessoramento e de consultoria a movimentos sociais e políticos, de propor a criação e curadoria de museus e de casas de cultura, atuação e organização de arquivos históricos, de participar de pesquisas arqueológicas, de assessorar projetos de turismo histórico-cultural, entre outros.

Deverá, ainda, ser capaz de perceber a indispensável articulação entre ensino, pesquisa e extensão vivenciada no processo de formação universitária pertinente ao curso de História, articulando teoria e prática e evidenciando capacidade de reflexão e de ação. Como licenciado em História deverá perceber as atividades de pesquisa como dinamizadoras da aprendizagem através da produção de materiais de difusão do conhecimento e pela reflexão do passado e suas implicações na atualidade.



## 8 ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

### 8.1 Integralização Curricular

O currículo estará organizado em 09 fases , devendo o formando:

1. Cumprir um número total de no mínimo 2.970 horas dentre as oferecidas na matriz curricular do Curso, distribuída entre componentes curriculares dos domínio comum, conexo e específico, optativas do específico, estágio supervisionado e seminário do trabalho de conclusão de curso.
2. Ter realizado 240 horas-aula de atividade complementar, conforme regulamento.
3. Ter vivenciado as 400 horas de horas práticas oferecidas no interior dos componentes curriculares do domínio específico [conforme orientações constantes no Ato Deliberativo Nº 1/2014 - CCLH/UFFS/2014](#).

### 8.2 Carga horária componentes curriculares do curso.

As disciplinas ofertadas no Curso de História deverão ter a mesma carga horária, ficando limitadas a 60 horas (04 créditos) cada uma. Haverá componentes curriculares de 04 créditos voltadas à estudos temáticos oferecidas em caráter opcional, sendo que o aluno deverá cursar pelo menos 5 componentes.

### 8.3 Matriz curricular

Fase	Nº. de Ordem	Código	Componentes Curriculares	Créditos	Horas	Pré Requisitos
1 <sup>a</sup>	1	GCH290	Iniciação à prática científica	4	60	
	2	GLA104	Produção textual acadêmica	4	60	
	3	GCH291	Introdução ao Pensamento social	4	60	
	4	GCH333	Fundamentos da Educação	4	60	
	5	GCH334	História antiga I	4	60	
<b>Subtotal</b>				<b>20</b>	<b>300</b>	
2 <sup>a</sup>	6	GEX208	Informática básica	4	60	
	7	GCS239	Direitos e cidadania	4	60	
	8	GCH335	História antiga II	4	60	
	9	GCH336	Teoria e metodologia do ensino de História	4	60	



	10	GCH337	Introdução aos estudos históricos	4	60	
<b>Subtotal</b>				<b>20</b>	<b>300</b>	
3 <sup>a</sup>	11	GCH338	Didática Geral	4	60	
	12	GCH339	História da África	4	60	
	13	GCH340	História medieval	4	60	
	14	GCH341	Teoria e metodologia da História I	4	60	
	15		Optativa I	4	60	
<b>Subtotal</b>				<b>20</b>	<b>300</b>	
4 <sup>a</sup>	16	GCH342	Política educacional e legislação do ensino no Brasil.	4	60	
	17	GCH343	História Indígena	4	60	
	18	GCH344	Teoria e Metodologia da História II	4	60	
	19		Optativa II	4	60	
	20	GCH345	História Moderna	4	60	
<b>Subtotal</b>				<b>20</b>	<b>300</b>	
5 <sup>a</sup>	21	GLA109	Língua Brasileira de Sinais (Libras)	4	60	
	22	GCH346	História da América I	4	60	
	23	GCH347	História do Brasil I	4	60	
	24	GCH348	Teoria e Metodologia da História III	4	60	
	25		Optativa III	4	60	
<b>Subtotal</b>				<b>20</b>	<b>300</b>	
6 <sup>a</sup>	26	GCH349	Estágio Curricular Supervisionado I	8	120	
	27	GCH350	História do Brasil II	4	60	
	28	GCH351	História Contemporânea I	4	60	
	29	GCH352	História da América II	4	60	
	30	GCS238	Meio ambiente, economia e sociedade	4	60	
<b>Subtotal</b>				<b>24</b>	<b>360</b>	
7 <sup>a</sup>	31	GCH353	Estágio Curricular Supervisionado II	8	120	
	32	GCH354	História do Brasil III	4	60	
	33	GCH355	História Contemporânea II	4	60	
	34	GCH356	História da América III	4	60	
	35		Optativa IV	4	60	
<b>Subtotal</b>				<b>24</b>	<b>360</b>	
8 <sup>a</sup>	36	GCH357	Estágio Curricular Supervisionado III	8	120	
	37	GCH358	Seminário do trabalho de conclusão de curso I	4	60	
	38	GCH359	História Contemporânea III	4	60	
	39		Optativa V	4	60	
<b>Subtotal</b>				<b>20</b>	<b>300</b>	
	40	GCH360	Estágio Curricular Supervisionado IV	8	120	



9 <sup>a</sup>	41	GCH361	Seminário do trabalho de conclusão de curso II	4	60	37
	42	GCH292	História da Fronteira Sul	4	60	
<b>Subtotal</b>				<b>16</b>	<b>240</b>	
<b>Subtotal Geral</b>				<b>184</b>	<b>2760</b>	
Atividades Curriculares Complementares				16	240	
<b>Total Geral</b>				<b>200</b>	<b>3000</b>	

[Alterado conforme Ato Deliberativo 1/2017-CCLH-ER/UFFS/2017](#)

#### 8.4 Componentes curriculares optativos

Nº Ordem	Código	Componentes Curriculares	Créditos	Horas	Pré-Requisitos
43	GCH575	Pesquisa Arqueológica: pesquisa e método	4	60	
44	GCH547	Cinema e História	4	60	
45	GCH548	Corpo, sexualidade e nação	4	60	
46	GCH549	Filosofia e História	4	60	
47	GCH407	A formação histórica da colônia Erechim	4	60	
48	GCH550	A guerra civil-espanhola, a revolução e o franquismo	4	60	
49	GCH568	Historiografia brasileira	4	60	
50	GCH552	História social da América Latina	4	60	
51	GCH553	História da Ciência	4	60	
52	GCH554	História da educação brasileira	4	60	
53	GCH555	História das religiões	4	60	
54	GCH556	História da imprensa no Brasil	4	60	
55	GCH557	História do Futebol	4	60	
56	GCH558	Imagem e História	4	60	
57	GCH559	Intérpretes do Brasil	4	60	
58	GCH560	Literatura e História	4	60	
59	GCH561	Marxismo	4	60	
60	GCH562	História, fontes orais e memória	4	60	
61	GCH563	Modernidades: História, linguagens e ficções	4	60	
62	GCH564	História dos movimentos sociais no campo	4	60	
63	GCH565	História do pensamento econômico	4	60	
64	GCH448	História do pensamento latino-americano	4	60	
65	GCH566	História das relações interétnicas	4	60	
66	GCH567	Tempo, memória e narrativa	4	60	



68	GCH569	História e Antropologia da alimentação	4	60	
69	GCH570	História das mulheres e das relações de gênero	4	60	
70	GCH571	História, escravidão e pós-abolição	4	60	
71	GCH572	História , patrimônio e museu	4	60	
72	GCH573	História da Arte	4	60	
73	GCH395	Educação Popular e EJA	4	60	
74	GCH529	Seminário temático em História I	4	60	
75	GCH530	Seminário temático em História II	4	60	
76	GCH531	Seminário temático em História III	4	60	
77	GCH532	Seminário temático em História IV	4	60	
78	GCH1770	Seminário Temático em História V	4	60	
79	GCH1771	Seminário Temático em História VI	4	60	
80	GCH1772	Seminário Temático em História VII	4	60	
81	GCH1773	Seminário Temático em História VIII	4	60	
82	GCH1774	Seminário Temático em História IX	4	60	
83	GCH1775	Seminário Temático em História X	4	60	

Optativas inseridas conforme RESOLUÇÃO Nº 2 / 2023 - CCLH - ER / Processo 23205.019572/2023-66



8.5 Análise vertical e horizontal da matriz curricular:

Ano/ Sem.	1.a fase	2.a fase	3.a fase	4.a fase	5.a fase	6.a fase	7.a fase	8.a fase	9.a fase
Ere- chim	Iniciação à prática científica	Informática básica	Didática Geral	Política educacional e legislação do ensino no Brasil	Língua Brasileira de Sinais (Libras)	Meio ambiente, economia e sociedade	Estágio Curricular Supervisionado II	Estágio Curricular Supervisionado III	História da Fronteira Sul
	Produção textual acadêmica	Direitos e cidadania	História da África	História Indígena	História da América I	Estágio Curricular Supervisionado I	História do Brasil III	Seminário do Trabalho de Conclusão de Curso I	Estágio Curricular Supervisionado IV
	Introdução ao pensamento social	Teoria e metodologia do ensino de História	História Medieval	História Moderna	História do Brasil I	História da América II	História da América III	História Contemporânea III	Seminário do Trabalho de Conclusão de Curso II
	Fundamentos da educação	Introdução aos estudos históricos	Teoria e metodologia da História I	Teoria e metodologia da História II	Teoria e metodologia da História III	História do Brasil II	História Contemporânea II	Optativa V	
	História Antiga I	História Antiga II	Optativa I	Optativa II	Optativa III	História Contemporânea I	Optativa IV		



## 8.6 Ementários, objetivos, bibliografias básicas e complementares dos componentes curriculares

<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
GCH290	INICIAÇÃO À PRÁTICA CIENTÍFICA	04	60
<b>EMENTA</b>			
A instituição Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Ciência e tipos de conhecimento. Método científico. Metodologia científica. Ética na prática científica. Constituição de campos e construção do saber. Emergência da noção de ciência. O estatuto de cientificidade e suas problematizações.			
<b>OBJETIVO</b>			
Proporcionar reflexões sobre as relações existentes entre universidade, sociedade e conhecimento científico e fornecer instrumentos para iniciar o acadêmico na prática da atividade científica.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ADORNO, T. Educação após Auschwitz. In: _____. <b>Educação e emancipação</b> . São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.			
ALVES, R. <b>Filosofia da Ciência</b> : introdução ao jogo e as suas regras. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.			
CHAUI, M. <b>Escritos sobre a Universidade</b> . São Paulo: Ed. UNESP, 2001.			
HENRY, J. <b>A Revolução Científica</b> : origens da ciência moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.			
JAPIASSU, Hilton F. <b>Epistemologia</b> . O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Série Logoteca).			
MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. <b>Fundamentos de Metodologia Científica</b> . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.			
SEVERINO, A. J. <b>Metodologia do trabalho científico</b> . 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
APPOLINÁRIO. <b>Metodologia da ciência</b> : filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson, 2006.			
D'ACAMPORA, A. J. <b>Investigação científica</b> . Blumenau: Nova Letra, 2006.			
GALLIANO, A. G. <b>O Método Científico</b> : teoria e prática. São Paulo: HARBRA, 1986.			
GIACOIA JR., O. Hans Jonas: O princípio responsabilidade. In: OLIVEIRA, M. A. <b>Correntes fundamentais da ética contemporânea</b> . Petrópolis: Vozes, 2000. p. 193-206.			
GIL, A. C. <b>Métodos e Técnicas de Pesquisa Social</b> . 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.			
GONSALVES, E. P. <b>Iniciação à Pesquisa Científica</b> . Campinas: Alínea, 2001.			
MORIN, E. <b>Ciência com Consciência</b> . Mem-Martins: Publicações Europa-América, 1994.			
OMMÈS, R. <b>Filosofia da ciência contemporânea</b> . São Paulo: Unesp, 1996.			



REY, L. **Planejar e Redigir Trabalhos Científicos**. 4. ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2003.

SANTOS, A. R. dos. **Metodologia científica: a construção do conhecimento**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

SILVER, Brian L. **A escalada da ciência**. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GLA104	Produção Textual Acadêmica	04	60
<b>EMENTA</b>			
Língua, linguagem e sociedade. Leitura e produção de textos. Mecanismos de textualização e de argumentação dos gêneros acadêmicos: resumo, resenha, handout, seminário. Estrutura geral e função sociodiscursiva do artigo científico. Tópicos de revisão textual.			
<b>OBJETIVO</b>			
Desenvolver a competência textual-discursiva de modo a fomentar a habilidade de leitura e produção de textos orais e escritos na esfera acadêmica.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ANTUNES, I. <b>Análise de Textos: fundamentos e práticas.</b> São Paulo: Parábola, 2010. CITELLI, Adilson. <b>O texto argumentativo.</b> São Paulo: Scipione, 1994. MACHADO, Anna R.; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília S. <b>Resenha.</b> São Paulo: Parábola Editorial, 2004. MARCUSCHI, L. A. <b>Produção textual, análise de gêneros e compreensão.</b> São Paulo: Parábola Editorial, 2008. MEDEIROS, João B. <b>Redação científica.</b> São Paulo: Atlas, 2009. MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. <b>Produção textual na universidade.</b> São Paulo: Parábola Editorial, 2010. SILVEIRA MARTINS, Dileta; ZILBERKNOP, Lúbia S. <b>Português Instrumental: de acordo com as atuais normas da ABNT.</b> 27. ed. São Paulo: Atlas, 2010.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. <b>NRB 6028: Informação e documentação - Resumos - Apresentação.</b> Rio de Janeiro, 2003. _____. <b>NRB 6023: Informação e documentação – referências - Elaboração.</b> Rio de Janeiro, 2002. _____. <b>NRB 10520: Informação e documentação - Citações - Apresentação.</b> Rio de Janeiro, 2002. BLIKSTEIN, Izidoro. <b>Técnicas de comunicação escrita.</b> São Paulo: Ática, 2005. COSTA VAL, Maria da Graça. <b>Redação e textualidade.</b> São Paulo: Martins Fontes, 2006. COSTE, D. (Org.). <b>O texto: leitura e escrita.</b> Campinas: Pontes, 2002. FARACO, Carlos A.; TEZZA, Cristovão. <b>Oficina de texto.</b> Petrópolis: Vozes, 2003. GARCEZ, Lucília. <b>Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever.</b> São Paulo:			



Martins Fontes, 2008.

KOCH, Ingedore V. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2009.

\_\_\_\_\_, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

MOYSÉS, Carlos A. **Língua Portuguesa: atividades de leitura e produção de texto**. São Paulo: Saraiva, 2009.

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José L. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2006.

SOUZA, Luiz M.; CARVALHO, Sérgio. **Compreensão e produção de textos**. Petrópolis: Vozes, 2002.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH291	Introdução ao Pensamento Social	04	60
<b>EMENTA</b>			
Cultura e processos sociais: senso comum e desnaturalização. Fundamentos do pensamento sociológico, antropológico e político clássico e contemporâneo.			
<b>OBJETIVO</b>			
Proporcionar aos estudantes o contato com as ferramentas conceituais e teóricas que lhes permitam interpretar e analisar científica e criticamente os fenômenos sociais, políticos e culturais.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
GIDDENS, Anthony. <b>Sociologia</b> . Porto Alegre: Artmed, 2005. LALLEMENT, Michel. <b>História das ideias sociológicas: das origens a Max Weber</b> . Petrópolis: Vozes, 2005. LAPLANTINE, François. <b>Aprender antropologia</b> . São Paulo: Brasiliense, 1988. QUINTANERO, Tania; BARBOSA, Maria; OLIVEIRA, Márcia. <b>Um toque de clássicos</b> . 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010. TEIXEIRA, Aloisio (Org.). <b>Utópicos, heréticos e malditos</b> . São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2002.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
ADORNO, Theodor. <b>Introdução à sociologia</b> . São Paulo: Unesp, 2008. CORCUFF, Philippe. <b>As novas sociologias: construções da realidade social</b> . Bauru: EDUSC, 2010. GEERTZ, Clifford. <b>A interpretação das culturas</b> . Rio de Janeiro: LTC, 2008. GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). <b>Teoria social hoje</b> . São Paulo: Unesp, 1999. LANDER, Edgardo (Org.). <b>A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais</b> . Buenos Aires: CLACSO, 2005. LEVINE, Donald N. <b>Visões da tradição sociológica</b> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. MARTINS, Carlos Benedito. <b>O que é sociologia</b> . São Paulo: Brasiliense, 1994. OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom (Org.). <b>Dicionário do pensamento social do século XX</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 1996.			



Código	Componente Curricular	Créditos	Horas
GCH333	Fundamentos da Educação	4	60

#### EMENTA

1. Relações entre sociedade, cultura e educação. 2. Modernidade e Educação: Igualdade, Democracia e Emancipação. 4. Conhecimento e formação humana: Reconhecimento, Alteridade e Identidade. 5. A Instituição escolar na atualidade e políticas de formação docente.

#### OBJETIVO

Desenvolver uma reflexão sistemática e interdisciplinar acerca das diferentes perspectivas que constituem as práticas educativas, atribuindo ênfase aos fundamentos históricos, sociológicos e filosóficos que possibilitam o pensamento pedagógico contemporâneo.

#### REFERÊNCIAS BÁSICAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Os intelectuais, o princípio educativo: Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2.
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: o que é esclarecimento? In: **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

#### REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 2000.
- COMENIUS. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DURKHEIM, Émile. **A evolução pedagógica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.
- LIMA, Júlio César F.; NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **Fundamentos da Educação escolar no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação: da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 1997.
- MORAES, Maria C. M. de (Org.). **Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH334	História Antiga I	4	60
<b>EMENTA</b>			
A evolução histórica das sociedades da Antiguidade Oriental: economia, sociedade, política e cultura.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender conceitualmente a história das sociedades da Antiguidade Oriental, tendo como referencial investigativo abordagens arqueológica e historiográfica e perspectivas teórico-metodológica e de prática de ensino.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
AMIET, Pierre. <b>A antiguidade oriental</b> . Mem Martins: Europa-América, 2004. ASHERI, David. <b>O estado persa: ideologias e instituições no império aquemênida</b> . São Paulo: Perspectiva, 2006. CARDOSO, Ciro Flamarion. <b>O Egito antigo</b> . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. CARDOSO, Ciro Flamarion. <b>Sociedades do antigo oriente próximo</b> . 4. ed. São Paulo: Ática, 2007. FINLEY, Moses. <b>História antiga: testemunhos e modelos</b> . São Paulo: Martins Fontes, 1994. HOLLAND, Tom. <b>Fogo persa: o primeiro império mundial</b> . Rio de Janeiro: Record, 2008.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
ALBANESE, Marília. <b>Índia antiga</b> . Barcelona: Folio, 2006. ANDRÉ-SALVINI, Béatrice. <b>Babilônia</b> . Mem Martins: Europa-América, 2003. BOUZON, Emanuel. <b>Ensaio Babilônicos</b> . Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. CARDOSO, Ciro Flamarion. <b>Deuses, Múmias e Ziggurats – uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia</b> . Porto Alegre: Edipucrs, 1999. HOLLAND, Tom. <b>Fogo persa: o primeiro império mundial</b> . Rio de Janeiro: Record, 2008. JOHNSON, Paul. <b>História ilustrada do Egito Antigo</b> . Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. LEICK, Gwendolyn. <b>Mesopotâmia – a invenção da cidade</b> . Rio de Janeiro: Imago, 2004. LÉVÊQUE, Pierre (Org.). <b>As primeiras civilizações</b> . Lisboa: ed. 70, 1990. 1 v. SALLES, Catherine. <b>Nos submundos da antiguidade</b> . São Paulo: Brasiliense, 1987. SCARPARI, Mauricio. <b>A China antiga</b> . Barcelona: Folio, 2006.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GEX208	Informática Básica	04	60
<b>EMENTA</b>			
Fundamentos de informática. Conhecimentos de sistemas operacionais. Utilização da rede mundial de computadores. Ambientes virtuais de aprendizagem. Conhecimentos de softwares de produtividade para criação de projetos educativos e/ou técnicos e/ou multimidiáticos.			
<b>OBJETIVO</b>			
Operar as ferramentas básicas de informática de forma a poder utilizá-las interdisciplinarmente, de modo crítico, criativo e pró-ativo.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ANTONIO, João. <b>Informática para Concursos: teoria e questões</b> . Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2009.			
CAPRON, H. L.; JOHNSON, J. A. <b>Introdução à Informática</b> . 8. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.			
NORTON, P. <b>Introdução à informática</b> . São Paulo: Pearson, 2010.			
SEBBEN, A.; MARQUES, A. C. H. (Org.). <b>Introdução à informática: uma abordagem com libreoffice</b> . Chapecó: UFFS, 2012. 201 p. ISBN 978-85-64905-02-3. Disponível em: <cc.uffs.edu.br/downloads/ebooks/Introducao_a_Informatica.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2012.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
FEDELI, Ricardo D.; POLLONI, Enrico G. P.; PERES, Fernando E. <b>Introdução à ciência da computação</b> . 2. ed. São Paulo: CENGAGE Learning, 2010.			
HILL, Benjamin Mako; BACON, Jono. <b>O livro oficial do Ubuntu</b> . 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2008.			
LANCHARRO, Eduardo Alcalde; LOPEZ, Miguel Garcia; FERNANDEZ, Salvador Peñuelas. <b>Informática básica</b> . São Paulo: Pearson Makron Books, 2004.			
MANZANO, André Luiz N. G.; TAKA, Carlos Eduardo M. <b>Estudo dirigido de microsoft windows 7 ultimate</b> . São Paulo: Érica, 2010.			
MEYER, M.; BABER, R.; PFAFFENBERGER, B. <b>Nosso futuro e o computador</b> . Porto Alegre: Bookman, 1999.			
MONTEIRO, M. A. <b>Introdução à organização de computadores</b> . 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2007.			
MORGADO, Flavio. <b>Formatando teses e monografias com BrOffice</b> . Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008.			
SCHECHTER, Renato. <b>BROffice Calc e Writer: trabalhe com planilhas e textos em software livre</b> . Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCS239	Direitos e Cidadania	04	60
<b>EMENTA</b>			
Origens históricas e teóricas da noção de cidadania. O processo moderno de constituição dos direitos civis, políticos, sociais e culturais. Políticas de reconhecimento e promoção da cidadania. Direitos e cidadania no Brasil.			
<b>OBJETIVO</b>			
Permitir ao estudante uma compreensão adequada acerca dos interesses de classe, das ideologias e das elaborações retórico-discursivas subjacentes à categoria cidadania, de modo possibilitar a mais ampla familiaridade com o instrumental teórico apto a explicar a estrutural ineficácia social dos direitos fundamentais e da igualdade pressuposta no conteúdo jurídico-político da cidadania na modernidade.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BOBBIO, Norberto. <b>A Era dos Direitos</b> . Rio de Janeiro: Campus, 1992.			
CARVALHO, José Murilo. <b>Cidadania no Brasil: o longo caminho</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.			
MARX, Karl. <b>Crítica da Filosofia do Direito de Hegel</b> . São Paulo: Boitempo, 2005.			
SARLET, Ingo Wolfgang. <b>A eficácia dos direitos fundamentais: uma teoria geral dos direitos fundamentais na perspectiva constitucional</b> . Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2011.			
TORRES, Ricardo Lobo (Org.). <b>Teoria dos Direitos Fundamentais</b> . 2. ed. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
BONAVIDES, Paulo. <b>Ciência Política</b> . São Paulo: Malheiros, 1995.			
BRASIL. <b>Constituição da República Federativa do Brasil</b> . Brasília, DF: Senado Federal - Centro Gráfico, 1988. 292 p.			
DAHL, Robert A. <b>Sobre a democracia</b> . Brasília: UNB, 2009.			
DAL RI JÚNIO, Arno; OLIVERIA, Odete Maria. <b>Cidadania e nacionalidade: efeitos e perspectivas nacionais, regionais e globais</b> . Ijuí: Unijuí, 2003.			
DALLARI, Dalmo de Abreu. <b>Elementos de teoria geral do Estado</b> . São Paulo: Saraiva, 1995.			
FÜHRER, Maximilianus Cláudio Américo. <b>Manual de Direito Público e Privado</b> . 18. ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.			
HONNETH, Axel. <b>Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais</b> . Trad. Luiz Repa. São Paulo: ed. 34, 2003.			
IANNI, Octavio. <b>A sociedade global</b> . 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.			
LOSURDO, Domenico. <b>Democracia e Bonapartismo</b> . Editora UNESP, 2004.			
MORAES, Alexandre. <b>Direito constitucional</b> . São Paulo: Atlas, 2009.			
MORAIS, José Luis Bolzan de. <b>Do direito social aos interesses transindividuais: o Estado</b>			



e o direito na ordem contemporânea. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1996.

NOBRE, Marcos. **Curso livre de teoria crítica**. Campinas-São Paulo: Papirus, 2008.

PINHO, Rodrigo César Rebello. **Teoria Geral da Constituição e Direitos Fundamentais**. São Paulo: Saraiva, 2006.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TOURAINÉ, Alain. **Igualdade e diversidade: o sujeito democrático**. Tradução Modesto Florenzano. Bauru, São Paulo: Edusc, 1998.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH335	História Antiga II	4	60
<b>EMENTA</b>			
A evolução histórica das sociedades da Antiguidade Ocidental: economia, sociedade, política e cultura.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender conceitualmente a história das sociedades da Antiguidade Clássica, tendo como referencial investigativo abordagens arqueológica e historiográfica e perspectivas teórico-metodológica e de prática de ensino.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
FLORENZANO, Maria Beatriz. <b>O mundo antigo: economia e sociedade</b> (Grécia e Roma). São Paulo: Brasiliense, 1998.			
FUNARI, Pedro Paulo. <b>Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos</b> . Campinas: Unicamp, 2003.			
OLIVEIRA, Waldir Freitas. <b>A antiguidade tardia</b> . São Paulo: Ática, 1990.			
VERNANT, Jean-Pierre. <b>Mito e pensamento entre os gregos: estudo de psicologia histórica</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.			
VEYNE, Paul. <b>Acreditaram os gregos nos seus mitos?</b> Lisboa: ed. 70, 1987.			
VIDAL-NAQUET, Pierre. <b>O mundo de Homero</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2002.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
CARDOSO, Ciro Flamarion. <b>O trabalho compulsório na antiguidade</b> . Rio de Janeiro: Graal, 2003.			
FUNARI, Pedro Paulo; SILVA, Maria Aparecida (Org.). <b>Política e Identidades no Mundo Antigo</b> . São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.			
_____. <b>Grécia e Roma</b> . São Paulo: Contexto, 2001.			
GIORDANNI, Mario C. <b>História da Grécia: Antiguidade Clássica I</b> . 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.			
_____. <b>História de Roma: Antiguidade Clássica II</b> . 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.			
GRANDAZZI, Alexandre. <b>As origens de Roma</b> . São Paulo: UNESP, 2010.			
HARTOG, François. <b>O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro</b> . Belo Horizonte: UFMG, 1999.			
MARSHALL, Francisco. <b>Édipo tirano: a tragédia do saber</b> . Brasília/Porto Alegre: UnB-UFRGS, 2000.			
PETIT, Paul. <b>A paz romana</b> . São Paulo: Pioneira/Edusp, 1989.			
SENNET, Richard. <b>Carne e Pedra</b> . Rio de Janeiro: Record, 1994.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH336	Teoria e metodologia do ensino de história	04	60
<b>EMENTA</b>			
A Didática da História e a Teoria e Metodologia da História. O Ensino de História como parte do ofício do historiador. História do Ensino de História no Brasil. Abordagens teóricas e metodológicas sobre a prática docente do professor de História.			
<b>OBJETIVO</b>			
Possibilitar aos alunos de História uma aproximação com as questões teóricas e metodológicas que envolvem o Ensino de História, tanto como área de atuação profissional, quanto como área de produção de conhecimento histórico.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BITTENCOURT, Circe (Org.). <b>Ensino de História: fundamentos e métodos</b> . São Paulo: Cortez, 2004. FONSECA, Selva. <b>Caminhos da história ensinada</b> . Campinas: Papyrus, 1993. FONSECA, Thais N. L. <b>História &amp; ensino de história</b> . 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. <b>Rev. Bras. de His. da Ed.</b> Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001. RÜSSEN, Jörn. A Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. <b>Praxis Educativa</b> , Ponta Grossa/PR, v. 1, n. 2, p. 07-16, jul-dez, 2006.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). <b>Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia</b> . Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. BITTENCOURT, Circe (Org.). <b>O saber histórico em sala de aula</b> . São Paulo: Contexto, 1997. KARNAL, L. (Org.). <b>História na sala de aula</b> . São Paulo: Contexto, 2003. NADAI, Elza. Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectivas. <b>Revista Brasileira de História</b> , n. 25/26, p. 143-162, 1993. NIKITIUK, S. (Org.). <b>Repensando o Ensino de História</b> . São Paulo: Cortez, 1996. PINSKY, J. (Org.). <b>O ensino de história e a construção do fato</b> . 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997. REGO, Teresa C. <b>Memória, História e Escolarização</b> . Petrópolis: Vozes, 2011. RÜSEN, Jörn. <b>Razão histórica</b> . Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: ed. UNB, 2001. SCHIMIDT, Maria Auxiliadora M. S. <b>Ensinar História</b> . São Paulo: Scipione, 2004. ZAMBONI, E. (Org.). <b>O saber Histórico na sala de aula</b> . São Paulo: Contexto, 1997.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH337	Introdução aos estudos históricos	4	60
<b>EMENTA</b>			
Introdução das questões relativas ao ofício do historiador e da disciplina histórica. Análise dos conceitos fundamentais da História: tempo, sociedade, espaço, sujeito, fato, estrutura, memória, fonte, cultura, problema e método. A questão da pesquisa e o ensino de história.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender o curso de história em suas dimensões disciplinares e profissionais, enfatizando os principais conceitos necessários à produção do conhecimento histórico e o campo de atuação do historiador.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ARÓSTEGUI, Julio. <b>A pesquisa histórica</b> . Teoria e método. Bauru: Edusc, 2006. BLOCH, Marc. <b>Apologia da história ou o ofício do historiador</b> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. BURKE, Peter (Org.). <b>A escrita da história</b> . São Paulo: Unesp, 2001. CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. <b>Domínios da História</b> . Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997. HOBSBAWM, Eric. <b>Sobre História</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1998. LE GOFF, Jacques. <b>História e memória</b> . Campinas: Unicamp, 2003.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
AGUIRRE ROJAS, Carlos. <b>Antimanual del mal historiador o como hacer una buena historia crítica</b> . México: La Vasija, 2002. ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. <b>História: a arte de inventar o passado</b> . Bauru: Edusc, 2007. BORGES, Vavy. <b>O que é história</b> . São Paulo: Brasiliense, 1993. CARDOSO, Ciro. <b>Uma introdução à História</b> . São Paulo: Brasiliense, 1986. FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína. <b>Usos e abusos da história oral</b> . Rio de Janeiro: FGV, 1998. GUAZZELLI, Cesar et al. <b>Questões de teoria e metodologia da História</b> . Porto Alegre: UFRGS, 2000. KARNAL, Leandro. <b>História na sala de aula</b> . Conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2005. MATTOS, Marcelo Badaró (Org.). <b>História: pensar &amp; fazer</b> . Rio de Janeiro: Laboratório Dimensões da História, 1998. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). <b>Fontes históricas</b> . São Paulo: Contexto, 2005. VILAR, Pierre. <b>Iniciación al vocabulario del análisis histórico</b> . Barcelona: Crítica, 1999.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH338	DIDÁTICA GERAL	04	60
<b>EMENTA</b>			
1. História e importância da didática. 2. Fatores sociais condicionantes das relações entre educação, ensino e didática. 3. A escola, o(a) aluno(a), o(a) professor(a) e o trabalho docente. 4. O processo ensino e aprendizagem em contextos formais e não formais. 5. Planejamento de ensino e currículo escolar. 6. Mediação Pedagógica. 7. Interdisciplinaridade. 8. A pesquisa na formação do(a) professor(a). 9. Ensino e pesquisa no cotidiano da aula. 10. Avaliação do processo de ensino-aprendizagem.			
<b>OBJETIVO</b>			
Construir um conjunto de referenciais teóricos e metodológicos sobre a docência em diversos espaços e contextos, considerando aspectos sócio-históricos, culturais e perspectivas contemporâneas do campo da didática buscando a compreensão da prática pedagógica e possibilidades efetivas de ação.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
CANDAU, Vera M. (Org.). <b>Rumo a uma Nova Didática</b> . São Paulo: Vozes, 2010.			
GASPARIN, João Luiz. <b>Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica</b> . São Paulo: Autores Associados, 2009.			
LOSSO, Adriana R. S. <b>A Mediação na Formação dos Profissionais da Educação: reflexões de uma professora tutora</b> . São Paulo: Mercado de Letras, 2008.			
SANTOMÉ, Jurjo Torres. <b>Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado</b> . Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.			
SILVA, JANSEN F.; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria T. (Org.). <b>Práticas Avaliativas e Aprendizagens Significativas em Diferentes Áreas do Currículo</b> . 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
ALVES, Gilberto Luiz. <b>O Trabalho Didático na Escola Moderna: formas históricas</b> . Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (Coleção Educação Contemporânea).			
COMENIUS, J. A. <b>Didática Magna</b> . São Paulo: Martins Fontes, 2006.			
DEMO, Pedro. <b>Educar pela Pesquisa</b> . São Paulo: Autores Associados, 2000.			
FREIRE, Paulo. <b>Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa</b> . São Paulo: Paz e Terra, 1996.			
GENTILI, P.; ALENCAR, Chico. <b>Educar na esperança em tempos de desencanto</b> . 2. ed. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2002.			
GIROUX, Henry. <b>Os Professores como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem</b> . São Paulo: Artmed, 1997.			
HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. <b>A organização do currículo por projetos de trabalho – o conhecimento é um caleidoscópio</b> . Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.			
LIBÂNEO, José C. <b>Adeus Professor, Adeus Professora?</b> Novas exigências educacionais e			



profissão docente. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa época; v. 67).  
PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. São Paulo: Cortez, 2005.  
SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 1996.



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
GCH339	História da África	4	60
<b>EMENTA</b>			
Ementa: Estruturas sócio-políticas e culturais da África. Organizações políticas e dinâmicas econômicas do período pré-colonial. O comércio com o oriente e a expansão do islamismo. Processos de constituição dos sistemas coloniais e reflexos do comércio escravocrata. A África na Revolução Industrial. A descolonização. A África na nova ordem mundial. Abordagens historiográficas e suas perspectivas teóricas e de prática de ensino.			
<b>OBJETIVO</b>			
Oferecer um panorama da historicidade do continente africano, destacando o caráter específico de sua historicidade. Compreender os processos históricos que conduzem às dinâmicas contemporâneas da sociedade africana. Capacitar os discentes para sua futura atuação em sala de aula, tendo em vista o disposto na lei 11.645/2008.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
CANEDO, Leticia Bicalho. <b>A Descolonização da Ásia e da África</b> . São Paulo: Atual, 1994. COSTA E SILVA, Alberto da. <b>A enxada e a lança: a África antes dos portugueses</b> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. COSTA E SILVA, Alberto da. <b>A manilha e o libambo: a África e a escravidão, de 1500 a 1700</b> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. GEBARA, Alexsander. <b>A África de Richard Francis Burton: antropologia, política e livre-comércio, 1861-1865</b> . São Paulo: Alameda, 2010. KI-ZERBO, J. (Ed.). <b>História Geral da África</b> . Brasília: Unesco, 2010. 8 v. WESSELING, H. L. <b>Dividir para dominar: a partilha da África, 1880-1914</b> . Rio de Janeiro: Revan/UFRJ, 2008.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
COSTA e SILVA, Alberto. <b>Um Rio Chamado Atlântico</b> . A África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato Pinto. <b>Ancestrais: uma introdução a História da África</b> . Rio de Janeiro: Campus, 2004. FERRO, Marc (Org.). <b>O livro negro do colonialismo</b> . Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. HERNANDES, Leila Leite. <b>África na sala de aula</b> . São Paulo: Summus Editorial/Selo Negro, 2005. LOPES, Ana Monica. <b>História da África: uma introdução</b> . Belo Horizonte: Crisalida, 2005. LOVEJOY, Paul E. <b>A escravidão na África: uma história de suas transformações</b> . São Paulo: Civilizações Brasileira, 2002. MILLER, Joseph. A África central durante a era do comércio de escravizados, de 1490 a 1850. In: HEYWOOD, Linda (Org.). <b>Diáspora negra no Brasil</b> . São Paulo: Contexto, 2010.			



READER, John. **África** – Biografia de um Continente. Lisboa: Europa-América, 2004.

SCHERMANN, Patrícia Santos. **Dimensões da História da África contemporânea**. Rio de Janeiro: FEUC, 2002.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VANDONEM, Carlos Moore. **Novas bases para o ensino de História da África no Brasil**. Salvador, 2005.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH340	História Medieval	4	60
<b>EMENTA</b>			
O conceito de Idade Média e Feudalismo. A evolução do Ocidente e o Oriente medievais em perspectiva histórica. O Ocidente e o Oriente Medievais em perspectiva sincrônica-estrutural: estruturas espaciais e temporais, economia, sociedade e mentalidades.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender conceitualmente a história do Ocidente e do Oriente medievais, tendo como referencial investigativo as abordagens histórica e historiográfica e as perspectivas teórico-metodológica e de prática de ensino.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BASCHET, Jérôme. <b>A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América.</b> São Paulo: Globo, 2006.			
FRANCO JÚNIOR, Hilário. <b>A idade média: nascimento do ocidente.</b> São Paulo: Brasiliense, 2001.			
HOURANI, Albert. <b>Uma história dos povos árabes.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 1994.			
LE GOFF, Jacques. <b>A civilização do ocidente medieval.</b> São Paulo: EDUSC, 2005.			
PEDRERO-SANCHEZ, Maria Guadalupe. <b>História da idade média: textos e documentos.</b> São Paulo: UNESP, 2000.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ANDERSON, Perry. <b>Passagens da antiguidade ao feudalismo.</b> São Paulo: Brasiliense, 2001.			
ANDRADE FILHO, Ruy. <b>Os muçulmanos na Península Ibérica.</b> São Paulo: Contexto, 1997.			
BLOCH, Marc. <b>Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio (França e Inglaterra).</b> São Paulo: Companhia das Letras, 2005.			
DUBY, Georges (Org.). <b>História da vida privada: da Europa Feudal à Renascença.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 2 v.			
ECO, Umberto. <b>Arte e beleza na estética medieval.</b> Rio de Janeiro: Record, 2010. 351 p.			
LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). <b>Dicionário temático do ocidente medieval.</b> Bauru: EDUSC, 2002. v. 2.			
MAALOUF, Amin. <b>As cruzadas vistas pelos árabes.</b> São Paulo: Brasiliense, 1994.			
MACEDO, José Rivair. <b>Heresia, cruzada e inquisição na França Medieval.</b> Porto Alegre: Edipucrs, 2000.			
MANGO, Cyril. <b>Bizâncio: o império da Nova Roma.</b> Lisboa: ed. 70, 2008.			
VEYNE, Paul. <b>Quando nosso mundo se tornou cristão (312-394).</b> Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH341	Teoria e metodologia da História I	4	60
<b>EMENTA</b>			
<p>História das ideias, noções e conceitos sobre o que seja História. Fundamentação epistemológica da natureza do conhecimento histórico. Uma abordagem introdutória às teorias, metodologias, campos de investigação e linhas de pesquisa em História. Concepções de História na Antiguidade: origens; Heródoto e a “História”, Tucídides e a “História da Guerra do Peloponeso”; historiografia romana. Concepções de História no mundo medieval: Santo Agostinho; historiografia cristã. A História na Modernidade: do Renascimento à elaboração do paradigma iluminista.</p>			
<b>OBJETIVO</b>			
<p>Exposição, análise e interpretação das teorias e metodologias da História da Antiguidade aos princípios de Modernidade, em diálogo com o desenvolvimento atual do debate histórico/historiográfico, e envolvendo, ainda, a interface desse universo conceitual com o ensino de História.</p>			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<p>ARÓSTEGUI, Julio. <b>A pesquisa histórica: teoria e método</b>. Petrópolis: Vozes, 2010. FONTANA, Josep. <b>História: Análise do Passado e Projeto Social</b>. São Paulo: Edusc, 1998. FUNARI, Pedro Paulo. <b>Teorias da História</b>. São Paulo: Brasiliense, 2006.</p>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
<p>BARROS, José D'Assunção. <b>Teoria da História</b>. Petrópolis: Vozes, 2011. BLOCH, Marc. <b>Apologia da História ou o ofício do historiador</b>. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. BOTTOMORE, Tom. <b>Dicionário do pensamento marxista</b>. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. BURKE, Peter. <b>A Escola dos Annales (1929-1989) – a Revolução Francesa da Historiografia</b>. São Paulo: Unesp, 1990. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. <b>Domínios da História – Ensaio de Teoria e Metodologia</b>. Rio de Janeiro: Campus, 1997. DOSSE, François. <b>A História em migalhas – Dos Annales à Nova História</b>. São Paulo: Ensaio, 2003. FOUCAULT, Michel. <b>Microfísica do poder</b>. Rio de Janeiro: Graal, 1979. GINZBURG, Carlo. <b>Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. KOSELLECK, Reinhart. <b>Futuro passado</b>. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006. VEYNE, Paul. <b>Como se escreve a história</b>. Lisboa: ed. 70, 2008.</p>			



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
	Optativa I	4	60
A ser definida pelo colegiado do curso			
<b>OBJETIVO</b>			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			



Código	Componente Curricular	Créditos	Horas
GCH342	POLÍTICA EDUCACIONAL E LEGISLAÇÃO DO ENSINO NO BRASIL	4	60
<b>EMENTA</b>			
1. Estado e políticas educacionais: conceitos básicos. 2. O estado brasileiro e a política educacional: aspectos históricos, reformas. 3. Políticas de financiamento da educação. 4. Formação de professores para a Educação Básica. 5. Legislação e políticas vigentes (sistemas de ensino e escolas). 6. Organização da Educação Básica: níveis e modalidades.			
<b>OBJETIVO</b>			
Estudar e analisar a política educacional brasileira compreendendo os diferentes contextos, aspectos históricos, sociológicos e tendências, considerando o ordenamento legal e normativo da educação no Brasil.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
AZEVEDO, Janete M. Lins de. <b>A educação como política pública</b> . 2. ed. amp. Campinas: Autores Associados, 2001.			
SHIROMA, Eneida Oto; MORAES, Maria Célia M. de; EVANGELISTA, Olinda. <b>Política educacional</b> . Rio de Janeiro: DP&A, 2000.			
VIEIRA, Sofia L.; FARIAS, Isabel M. S. de. <b>Política educacional no Brasil: introdução histórica</b> . Brasília: Liber Livro, 2007.			
VIEIRA, Sofia Lerche. <b>Educação básica: política e gestão da escola</b> . Brasília: Liber Livro, 2009.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Políticas e práticas de formação de professores da educação básica no Brasil: um panorama nacional. <b>RBP</b> , Porto Alegre, v. 27, n. 1, 39-52, jan./abr. 2011.			
CORBUCCI, Paulo Roberto et al. <b>Vinte anos da Constituição Federal de 1988: avanços e desafios na educação brasileira</b> . IPEA. Disponível em: <a href="http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/bpsociais/bps_17/volume02/04_capt01.pdf">http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/bpsociais/bps_17/volume02/04_capt01.pdf</a> .			
COSTA, Messias. <b>A educação nas constituições do Brasil: dados e direções</b> . Rio de Janeiro: DP&A, 2002.			
DAVIES, Nicholas; ADRIÃO, Theresa. Noções gerais sobre o financiamento da educação no Brasil. <b>Eccos</b> , v. 8, n. 1, São Paulo, p. 23-46, jan/jun 2006.			
DAVIES, Nicolas. A educação nas constituições federais e em suas emendas de 1824 a 2010. <b>Revista HISTEDBR On-line</b> , Campinas, n. 37, p. 266-288, mar. 2010.			
FARENZENA, Nalú. <b>Políticas de assistência financeira da união no marco das responsabilidades (inter)governamentais em educação básica</b> . Curitiba: ANPED, 2010.			
KRAWCZYK, Nora; CAMPOS, Maria Malta; HADDAD, Sérgio (Org.). <b>O cenário educacional latino-americano no limiar do século XXI: reformas em debate</b> . Campinas: Autores Associados, 2000.			
OLIVEIRA, Romualdo Portela de; SANTANA, Wagner (Org.). <b>Educação e federalismo</b>			



**no Brasil:** combater as desigualdades, garantir a diversidade. Brasília: UNESCO, 2010.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. O direito à educação. In: OLIVEIRA, Romualdo Portela de; ADRIÃO, Theresa (Org.). **Gestão, financiamento e direito à educação:** análise da Constituição Federal e da LDB. 3. ed. rev. ampliada. São Paulo: Xamã, 2007.

SCHEIBE, Leda. Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo plano nacional de educação. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 981-1000, jul.-set. 2010.

VIEIRA, Sofia Lerche. A educação nas constituições brasileiras: texto e contexto. **RBEP**, Brasília, v. 88, n. 219, p. 291-309, maio/ago. 2007.

\_\_\_\_\_. **Política educacional em tempos de transição (1985-1995)**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2008.

Documentos/legislação:

Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e emendas.

Legislação pertinente.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/96.

Plano Nacional de Educação – 2001-2010 e 2011-2020 (projeto de lei).



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH343	História Indígena	4	60
<b>EMENTA</b>			
História das sociedades indígenas brasileiras. Processo de povoamento e sociedades pré-cabralinas. O indígena brasileiro diante da conquista europeia: formas de dominação e resistência física e cultural. O indígena no processo de formação da nacionalidade brasileira (século XIX). A luta pelo direito à terra e pelo reconhecimento da cidadania. Questões indígenas contemporâneas. O ensino de história indígena.			
<b>OBJETIVO</b>			
Conhecer as abordagens e discussões historiográficas e arqueológicas sobre o povoamento original brasileiro, contribuindo para o entendimento da situação atual e das reivindicações das diferentes sociedades indígenas. Compreender a forma de inserção do indígena na construção da nacionalidade brasileira em termos teóricos e práticos. Capacitar os discentes para sua futura atuação em sala de aula, tendo em vista o disposto na lei 11.645/2008.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). <b>História dos Índios do Brasil</b> . São Paulo: Cia das Letras, 1992.			
FAUSTO, Carlos. <b>Os Índios antes do Brasil</b> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.			
KERN, Arno; SANTOS, Maria Cristina; GOLIN, Tau (Org.). <b>História Geral do Rio Grande do Sul</b> . Povos Indígenas. Passo Fundo: UPF/Méritos, 2009. 5 v.			
MONTEIRO, John Manuel. <b>Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo</b> . São Paulo: Cia das Letras, 1994.			
PROUS, André. <b>O Brasil antes dos Brasileiros</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 2007.			
RIBEIRO, Berta. <b>O índio na História do Brasil</b> . São Paulo: Global, 1993.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
BARÃO, Vanderlise; FRAGA, Gerson. O nativo e a nação: a formação da nacionalidade brasileira e a figura do índio integrado. In: BARROSO, Vera et al. <b>Ensino de História: desafios contemporâneos</b> . Porto Alegre: EST, 2010. p 135-150.			
BECKER, Ítala Irene Basile. <b>O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul</b> . São Leopoldo: Unisinos, 1995.			
BERGAMASCHI, Maria Aparecida. <b>NEMBO'E Enquanto o Encanto Permanece!</b> Processos e Práticas de Escolarização nas Aldeias Guarani. Tese de doutorado/UFRGS, Porto Alegre, 2005.			
CARINI, Joel João. <b>Estados, índios e colonos: o conflito na reserva indígena de Serrinha: norte do Rio Grande do Sul</b> . Passo Fundo: UPF, 2005.			
GASPAR, Madu. <b>Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro</b> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.			
LINO, Jaisson Teixeira. <b>Arqueologia Guarani no Vale do Rio Araranguá, Santa Catarina: aspectos da territorialidade e variabilidade funcional</b> . Erechim: Habilis, 2009.			



MOTA, Lucio Tadeu. **As Guerras dos Índios Kaingang:** a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). Maringá: EDUEM, 1994.

PROUS, A. O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica. **Revista Usp**, n. 34, São Paulo, p. 08-21, 1989.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. **Índios e brancos no sul do Brasil:** a dramática experiência dos Xokleng. Florianópolis: Lunardelli, 1973.

VAINFAS, Ronaldo. **História Indígena:** 500 anos de despovoamento. IBGE. Brasil: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. p. 37-59.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH344	Teoria e Metodologia da História II	4	60
<b>EMENTA</b>			
O capitalismo e a incursão liberal na história. Os materialismos dialético e histórico. O pensamento de esquerda e a crítica ao capitalismo. Os marxismos. A segunda metade do século XIX e a constituição da História como ciência acadêmica. História pré-Analles: a Nova História Econômica. História, Sociologia e Antropologia – o Estruturalismo.			
<b>OBJETIVO</b>			
Exposição, análise e interpretação das teorias e metodologias da História modernas e contemporâneas, da Revolução Francesa ao pré-História dos Analles, adensando o diálogo com o desenvolvimento atual do debate histórico/historiográfico, e envolvendo, ainda, a interface desse universo conceitual com o ensino de História.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BURKE, Peter. <b>Vico</b> . São Paulo: UNESP, 1985.			
FURET, F. <b>A oficina da história</b> . Lisboa: Gradiva, s/d.			
WHITE, Hyden. <b>Trópicos do discurso</b> . São Paulo: Edusp, 1990.			
REIS, José Carlos. <b>A história entre a filosofia e a ciência</b> . São Paulo: Ática, 1996.			
REIS, José Carlos. <b>História, a ciência dos homens no tempo</b> . Londrina: Eduel, 2009.			
NIETZSCHE, Friedrich. <b>Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da história para a vida</b> . Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ARENDDT, Hanna. <b>A Condição Humana</b> . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.			
CASSIRER, E. <b>A filosofia do iluminismo</b> . Campinas: UNICAMP, 1992.			
COLLINGWOOD, R. G. <b>A ideia de história</b> . 8. ed. Lisboa: Presença, 1994.			
FALCON, Francisco. <b>Iluminismo</b> . São Paulo: Ática, 1991.			
GAY, P. <b>O estilo na história</b> . São Paulo. Companhia das Letras, 1990.			
HEGEL, F. <b>A razão na História</b> . Lisboa: ed. 70, 1995.			
LOWY, Michael. <b>As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen</b> . São Paulo: Cortez, 2003.			
MICHELET, J. <b>História da revolução francesa</b> . São Paulo: Cia. das Letras/Circulo do Livro, 1989.			
REMOND, René. <b>O século XIX</b> . São Paulo: Cultrix, 1997.			
SILVA, Franklin Leopoldo e. <b>Descartes: a metafísica da modernidade</b> . São Paulo: Moderna, 1995.			



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
	Optativa II	4	60
<b>EMENTA</b>			
A ser definida pelo colegiado do curso.			
<b>OBJETIVO</b>			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH345	História Moderna	4	60
<b>EMENTA</b>			
O renascimento. A Formação do Estado Nacional e o absolutismo. Expansão ultramarina, os sistemas coloniais e o mercantilismo. As reformas religiosas. Revoltas camponeses. A Cultura Popular no período moderno. Revoluções inglesa.			
<b>OBJETIVO</b>			
Promover uma reflexão historiográfica sobre a emergência dos sentidos de modernidade desde o Renascimento até a revolução francesa.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ANDERSON, Perry. <b>Linhagens do estado absolutista</b> . São Paulo: Brasiliense, 1995.			
BURKE, Peter. <b>A cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800</b> . São Paulo: Cia das Letras, 1991.			
COLLINSON, Patrick. <b>A reforma</b> . Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. (Col. História essencial).			
DAVIS, Natalie. <b>Culturas do povo</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.			
HILL, Christopher. <b>O mundo de ponta cabeça: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640</b> . São Paulo: Cia das Letras, 1987.			
REVEL, Jacques. <b>A Invenção da Sociedade</b> . Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ARGAN, Giulio Carlo. <b>História da arte com história da cidade</b> . São Paulo: Martins Fontes, 1998.			
ARIÈS, Philippe. <b>História Social da Criança e da Família</b> . Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.			
BAKHTIN, Mikhail. <b>A cultura popular na idade média e no Renascimento</b> . São Paulo: HUCITEC, 1987.			
BURCKHARDT, Jacob. <b>A cultura do Renascimento na Itália</b> . São Paulo: Cias das Letras, 1991.			
DAVIS, Natalie Zemon. <b>Sociedade e Cultura no início da França Moderna</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.			
DELUMEAU, Jean. <b>História do medo no ocidente: 1300-1800</b> . São Paulo: Cia das Letras, 1993.			
ELIAS, Norbert. <b>O processo civilizador</b> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.			
FERRO, Marc. <b>História das colonizações</b> . São Paulo: Cia das Letras, 1999.			
GINSZBURG, Carlo. <b>O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição</b> . São Paulo: Cia. das Letras, 1987.			
HILL, Christopher. <b>A Revolução Inglesa de 1640</b> . Lisboa: Presença, 1977.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GLA109	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (Libras)	04	60
<b>EMENTA</b>			
1. Visão contemporânea da inclusão e da educação especial na área da surdez. 2. Cultura e identidade da pessoa surda. 3. Tecnologias voltadas para a surdez. 4. História da linguagem de movimentos e gestos. 4. Breve introdução aos aspectos clínicos, educacionais e sócio-antropológicos da surdez. 5. Características básicas da fonologia de Libras: configurações de mão, movimento, locação, orientação da mão, expressões não-manuais. 5. O alfabeto: expressões manuais e não manuais. 6. Sistematização e operacionalização do léxico. 7. Morfologia, sintaxe, semântica e pragmática da Libras; 8. Diálogo e conversação. 9. Didática para o ensino de Libras.			
<b>OBJETIVO</b>			
Dominar a língua brasileira de sinais e elaborar estratégias para seu ensino, reconhecendo-a como um sistema de representação essencial para o desenvolvimento do pensamento da pessoa surda.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BRASIL. <b>Língua Brasileira de Sinais</b> . Brasília: SEESP/MEC, 1998. BRITO, Lucinda Ferreira. <b>Por uma gramática de línguas de sinais</b> . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995. COUTINHO, Denise. <b>LIBRAS e Língua Portuguesa: Semelhanças e diferenças</b> . João Pessoa: Arpoador, 2000. FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myrna. <b>LIBRAS em Contexto: Curso Básico: Livro do Professor</b> . 4. ed. Rio de Janeiro: LIBRAS Editora Gráfica, 2005. QUADROS, Ronice Muller de. <b>Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos</b> . Porto Alegre: Artmed, 2004. SACKS, Oliver W. <b>Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1998.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
BRASIL. <b>Decreto 5.626/05</b> . Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 2005. CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. <b>Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe – LIBRAS</b> . São Paulo: EDUSP/Imprensa Oficial, 2001. LABORIT, Emmauelle. <b>O Vôo da Gaivota</b> . Paris: Editora Best Seller, 1994. LODI, Ana Cláudia Balieiro et al. <b>Letramento e Minorias</b> . Porto Alegre: Mediação, 2002. MOURA, Maria Cecília de. <b>O surdo: caminhos para uma nova identidade</b> . Rio de Janeiro: Ed. Revinter, 2000. _____. <b>Língua de Sinais e Educação do Surdo</b> . Série neuropsicológica. São Paulo: TEC ART, 1993. v. 3.			



PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice Muller de. **Curso de LIBRAS 1**. 1. ed. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos**. A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Editora Artmed, 1997

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes** – Uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

WILCOX, Sherman. **Aprender a ver**. Rio de Janeiro: editora Arara Azul, 2005.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH346	História da América I	04	60
<b>EMENTA</b>			
As sociedades indígenas americanas no período anterior a colonização europeia. Conquista e colonização na América do Sul espanhola, na América Central e na América do Norte. Cultura, política, economia e sociedade nas Américas nos séculos XVI, XVII e XVIII. O Ensino de História da América.			
<b>OBJETIVO</b>			
Oportunizar aos acadêmicos a reflexão, o debate e a apropriação de conhecimentos sobre a História da América.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BERNAND, Carmen; GRUZINSKI, Serge. <b>História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia.</b> São Paulo: Edusp, 1997.			
BETHELL, Leslie (Org.). <b>História da América Latina.</b> São Paulo: Edusp, 2007.			
REMOND, René. <b>História dos Estados Unidos.</b> São Paulo: Martins Fontes, 1989.			
SCHWARTZ, Stuart; LOCKHART, James. <b>A América Latina na época colonial.</b> Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.			
TODOROV, Tzvetan. <b>A conquista da América. A questão do outro.</b> São Paulo: Martins Fontes, 1999.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
FAVRE, Henri. <b>A civilização inca.</b> Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.			
GENDROP, Paul. <b>A civilização maia.</b> Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.			
GRUZINSKI, Serge. <b>A Colonização do Imaginário.</b> Sociedades Indígenas e Ocidentalização no México Espanhol: Séculos XVI – XVIII. 1. ed. Tradução: Beatriz Perrone. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.			
KARNAL, Leandro (Org.). <b>História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.</b> São Paulo: Contexto, 2003.			
KARNAL, Leandro et al. <b>História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI.</b> Contexto, 2007.			
MORSE, Richard M. <b>O Espelho de Próspero: cultura e idéias nas Américas.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 1988.			
REMOND, René. <b>História dos Estados Unidos.</b> São Paulo: Martins Fontes, 1989.			
SOUSTELLE, Jacques. <b>Os astecas na véspera da conquista espanhola.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 1990.			
SOUSTELLE, Jacques. <b>A civilização asteca.</b> Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.			
VESPÚCIO, Américo. <b>Novo mundo: as cartas que batizaram a América.</b> São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH347	História do Brasil I	4	60
<b>EMENTA</b>			
<p>Processo de colonização no Brasil. Sociedade colonial. O trabalho escravo. Relações econômicas na colônia e entre a colônia e a metrópole. O império português e as relações com o Brasil. Questões sociais e culturais do cotidiano colonial. Revoltas do período colonial. A crise do sistema colonial. Abordagens historiográficas e suas perspectivas teóricas e de prática de ensino.</p>			
<b>OBJETIVO</b>			
<p>Compreender o processo de formação do Brasil colonial a partir da ocupação portuguesa, enfatizando as relações econômicas e socioculturais construídas ao longo do período.</p>			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<p>ALENCASTRO, Luiz Felipe de. <b>O Trato dos Viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul</b>. São Paulo: Cia das Letras, 2000.</p> <p>BOXER, Charles R. <b>O Império Marítimo Português, 1415 – 1825</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.</p> <p>HOLANDA, Sérgio Buarque de. <b>Raízes do Brasil</b>. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.</p> <p>MATTOSO, Katia M. De Queiros. <b>Ser escravo no Brasil</b>. São Paulo: Brasiliense, 2001.</p> <p>MONTEIRO, John Manuel. <b>Negros da Terra</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.</p> <p>SOUZA, Laura de Mello e. <b>O diabo e a terra de Santa Cruz</b>. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.</p>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
<p>BOSI, Alfredo. <b>Dialética da Colonização</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.</p> <p>CUNHA, Manuela Carneiro da (Org.). <b>História dos Índios no Brasil</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.</p> <p>DEL PRIORE, Mary. <b>História das Mulheres no Brasil</b>. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>_____. <b>História das crianças no Brasil</b>. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2010.</p> <p>FARIA, Scheila de Castro. <b>A colônia em movimento</b>. Fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.</p> <p>FREYRE, Gilberto. <b>Casa Grande e Senzala</b>. São Paulo: Global, 2006.</p> <p>LARA, Silvia Hunold. <b>Fragmentos setecentistas</b>. Escravidão, cultura e poder na América portuguesa. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.</p> <p>NOVAIS, Fernando A. (Org.). <b>História da Vida Privada no Brasil</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 1 v.</p> <p>VAINFAS, Ronaldo. <b>Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)</b>. São Paulo: Objetiva, 2000.</p> <p>_____. <b>Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil</b>. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.</p>			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH348	Teoria e metodologia da História III	4	60
<b>EMENTA</b>			
A crítica ao positivismo e ao marxismo no século XX. A tradição historiográfica dos Annales. A controvérsia foucaultiana. História nova. Pós-estruturalismo e a História. Pós-modernidade e a História. Nova história cultural e a História social. A micro-história.			
<b>OBJETIVO</b>			
Analisar a produção historiográfica no século XX.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BENJAMIN, Walter. <b>Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura</b> . 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.			
BURKE, Peter. <b>A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia</b> . São Paulo: UNESP, 1993.			
CHARTIER, Roger. <b>A história cultural entre práticas e representações</b> . Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand, 1990.			
GINSBURG, Carlo. <b>O queijo e os vermes</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1987.			
THOMPSON, Edward P. <b>A formação da classe operária inglesa</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.			
WHITE, Hayden. <b>Meta-história</b> . São Paulo: EDUSP, 1992.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. <b>História: a arte de inventar o passado</b> . Bauru: EDUSC, 2007.			
BRAUDEL, Fernand. <b>Escritos sobre a História</b> . São Paulo: Perspectiva, 1978.			
BURKE, Peter. <b>A escrita da história: novas perspectivas</b> . São Paulo: UNESP, 1992.			
CHARTIER, Roger. <b>À Beira da falésia: a história entre certezas e inquietude</b> . Porto Alegre: UFRGS, 2002.			
DOSSE, François. <b>A história em migalhas</b> . São Paulo/Campinas: Ensaio e UNICAMP, 1992.			
FOUCAULT, Michel. <b>Arqueologia do saber</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1987.			
_____. <b>Microfísica do poder</b> . 20. ed. São Paulo: Graal, 2004.			
GEERTZ, Clifford. <b>A interpretação das culturas</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 1978.			
GINZBURG, Carlo. <b>Mitos, emblemas e sinais</b> . São Paulo: Cia. das Letras, 1990.			
HUNT, Lynn. <b>A nova história cultural</b> . São Paulo: Martins Fontes, 1992.			



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
	Optativa III	04	60
<b>EMENTA</b>			
<b>OBJETIVO</b>			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH349	Estágio Curricular Supervisionado I	08	120
<b>EMENTA</b>			
Fundamentação teórica e metodológica para a realização de pesquisa de campo didático-histórica e para a formulação de projetos em Ensino de História no ensino fundamental. Pesquisa de campo didático-histórica nos dois últimos ciclos do ensino fundamental (6º ao 9º ano). Os parâmetros e diretrizes para a disciplina de História em nível fundamental. Os materiais didáticos para o ensino fundamental. Realização de pesquisa de campo didático-histórica. Elaboração de projeto de pesquisa e intervenção em Didática da História. Elaboração de relatório de estágio.			
<b>OBJETIVO</b>			
Preparar os graduandos para a realização de pesquisa de campo e para o exercício das práticas docentes em Ensino de História no ensino fundamental.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BITTENCOURT, Circe (Org.). <b>Ensino de História: fundamentos e métodos</b> . São Paulo: Cortez, 2004.			
CARDOSO, Oldimar. “Para uma definição de Didática da História”. <b>Revista Brasileira de História</b> , São Paulo, v. 28, n. 55, p. 153-170, 2008.			
FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. “A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira”. <b>Educação e Pesquisa</b> , São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.			
FONSECA, Selva G. <b>Didática e prática de ensino de História</b> . Campinas: Papyrus, 2003.			
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. <b>Parâmetros Curriculares Nacionais / História – Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental</b> . Brasília, 1997.			
PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. <b>Estágio e Docência</b> . São Paulo: Cortez, 2004.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). <b>Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia</b> . Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.			
ALMEIDA NETO, Antonio Simplício. Relatos da caixa preta: representações como elemento da cultura escolar. <b>Educar</b> , Curitiba, n. 37, p. 173-189, maio/ago. 2010.			
BITTENCOURT, Circe (Org.). <b>O saber histórico em sala de aula</b> . São Paulo: Contexto, 1997.			
DIEHL, Astor A. (Org.). <b>O livro didático e o currículo de História em transição</b> . Passo Fundo: EDIUPF, 1999.			
KARNAL, L. (Org.). <b>História na sala de aula</b> . São Paulo: Contexto, 2003.			
LE GOFF, Jacques. <b>História e Memória</b> . Campinas: UNICAMP, 1992.			



PADRÓS, Enrique Serra et al. **Ensino de História:** formação de professores e cotidiano escolar. Porto Alegre: EST, 2002.

PINSKY, J. (Org.). **O ensino de história e a construção do fato.** 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

SCHIMIDT, Ma. Auxiliadora. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2004.

ZAMBONI, E. (Org.). **O saber Histórico na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1997.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH350	História do Brasil II	4	60
<b>EMENTA</b>			
Processo de separação política e organização do Brasil independente. A economia cafeeira no contexto do novo ordenamento econômico. A questão da terra: posse e propriedade. Apogeu e crise do trabalho escravo. Processos imigratórios. Crise do império e proclamação da República. Conflitos internos e externos do período imperial. Questões sociais e culturais do cotidiano. Abordagens historiográficas e suas perspectivas teóricas e de prática de ensino.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender o processo de formação do Brasil independente e sua organização enquanto tal, enfatizando as relações econômicas e socioculturais construídas ao longo do período imperial, bem como a formação do regime republicano.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
CARVALHO, José Murilo de. <b>A formação das almas: o imaginário da república no Brasil.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 2000.			
_____. <b>A Construção da Ordem.</b> Teatro de Sombras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.			
CHALHOUB, Sidney. <b>Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 1990.			
GUIMARÃES, Alberto Passos. <b>Quatro séculos de latifúndio.</b> 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.			
GRIMBERG, Keila; SALLES, Ricardo (Org.). <b>O Brasil Imperial.</b> v. II: 18331-1870. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.			
SCHWARCZ, Lilia Moritz. <b>As barbas do Imperador.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 1998.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
CARVALHO, José Murilo de. <b>Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 1987.			
CHIAVENATTO, Julio José. <b>Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai.</b> 27. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.			
CONRAD, Robert. <b>Os últimos anos da escravatura no Brasil (1850-1888).</b> Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.			
COSTA, Emília Viotti da. <b>Da Monarquia à República: momentos decisivos.</b> São Paulo: Brasiliense, 1987.			
DORATIOTTO, Francisco. <b>Maldita Guerra.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 2002.			
FAORO, Raymundo. <b>Os Donos do Poder.</b> Porto Alegre: Globo, 2001.			
HOLANDA, Sérgio Buarque de. <b>História Geral da Civilização Brasileira.</b> Tomo II. O Brasil Monárquico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 5 v.			



- LAPA, José Roberto do Amaral. **A economia cafeeira**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- MALERBA, Jurandir. **A corte no Exílio** – Civilização e Poder no Brasil às vésperas da Independência (1808-1821). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MAURO, Frédéric. **O Brasil no tempo de Dom Pedro II (1831-1889)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- MATTOS, Hebe Maria. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no Sudeste escravista – Brasil, séc. XIX. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- NOVAIS, Fernando A.; ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). **História da Vida Privada no Brasil** - v. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- REIS, João José. **Negociações e conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- VAINFAS, Ronaldo (Dir.). **Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH351	História Contemporânea I	4	60
<b>EMENTA</b>			
Revolução Francesa e suas origens; Revolução Industrial; a consolidação do capitalismo no século XIX; o Imperialismo e a eclosão dos nacionalismos; os primeiros passos do movimento operário e as ondas revolucionárias de 1830 e 1848; o surgimento do anarquismo e do socialismo; a consolidação do domínio burguês: política e cultura.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender a História Contemporânea como período envolvendo forças contraditórias que levam à constituição da sociedade burguesa, a formação do proletariado e a afirmação do capitalismo.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
CHARTIER, Roger. <b>Origens culturais da Revolução Francesa</b> . São Paulo: Unesp, 2009. DARNTON, Robert. <b>O Grande massacre dos gatos</b> . Rio de Janeiro: Graal, 1986. HOBSBAWM, Eric. <b>A era do capital: 1848-1875</b> . São Paulo: Paz e Terra, 2007. HOBSBAWM, Eric. <b>A era dos impérios: 1875-1914</b> . São Paulo: Paz e Terra, 2008. HUNT, Lynn. <b>Política, cultura e classe na Revolução Francesa</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2007. PERROT, Michelle. <b>Os Excluídos da História</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ANDERSON, Benedict. <b>Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2008. ARRUDA, José Jobson de Andrade. <b>Nova História Moderna e Contemporânea</b> . Bauru: Edusc, 2006. 2 v. BADINTER, Elisabeth. <b>Um amor conquistado: O mito do amor materno</b> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. BEER, Max. <b>História do Socialismo e das lutas sociais</b> . São Paulo: Expressão Popular, 2006. BERMAN, Marshall. <b>Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2001. DARNTON, Robert. <b>Os dentes falsos de Geroge Washington</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2005. GRESPLAN, Jorge Luis da Silva. <b>Revolução Francesa e Iluminismo</b> . São Paulo: Contexto, 2003. HOBSBAWM, Eric. <b>Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008. HUNT, Lynn. <b>A Invenção da pornografia: obscenidade e as origens da modernidade</b> . São Paulo: Hedra, 1999. MICELI, Paulo. <b>As revoluções burguesas</b> . São Paulo: Atual, 1994.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH352	História da América II	4	60

#### EMENTA

O processo de Independência. Independência da América Espanhola. A América Latina no século XIX: o caudilhismo e o processo de formação do estado nacional. Os casos de Argentina e México. Independência dos Estados Unidos. Os Estados Unidos no século XIX. A Guerra de Secessão e a expansão para o oeste. Os Estados Unidos e sua relação com a América Latina. A independência de Cuba e o pensamento de José Martí.

#### OBJETIVO

A disciplina promoverá o contato do aluno com o universo temático da história da América nos séculos XIX e início do XX, instrumentalizando-o para a análise e a interpretação da história, bem como para seu ensino.

#### REFERÊNCIAS BÁSICAS

- BETHEL, Leslie (Org.). **História de América Latina**. São Paulo: Edusp, 2001.
- CANO, Wilson. **Soberania e Política Econômica na América Latina**. São Paulo: Unesp, 1999.
- GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **História Contemporânea da América Latina (1960-1990)**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.
- LOPEZ, Luiz Roberto. **História da América Latina**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
- WASSERMAN, Cláudia. **História Contemporânea da América Latina (1900-1930)**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

#### REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.

- ANDERSON, John Lee. **Che Guevara – Uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BITTENCOURT, Paulo José Sá. **Espelhos de Cronos: a relação entre passado e futuro no discurso bolivariano**. Erechim: Habilis, 2008.
- CAMÍN, Héctor Aguilar; MEYER, Lorenzo. **À sombra da Revolução Mexicana - História Mexicana Contemporânea, 1910-1989**. São Paulo: Edusp, 2000.
- DONGHI, Túlio Halperin. **História da América Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Problemas atuais da filosofia na hispano-américa**. São Leopoldo: Unisinos, 1993.
- \_\_\_\_\_. **O marxismo na América Latina**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.
- FURTADO, Celso. **A economia latino-americana**. Formação histórica e problemas contemporâneos. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1986.
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza dos Estados Unidos da América (nós, o povo)**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- RÉMOND, René. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- WASSERMAN, Cláudia; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **História da América Latina – Do descobrimento a 1900**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
--------	-----------------------	----------	-------



GCS238	MEIO AMBIENTE, ECONOMIA E SOCIEDADE	04	60
<b>EMENTA</b>			
Modos de produção: organização social, Estado, mundo do trabalho, ciência e tecnologia. Elementos de economia ecológica e política. Estado atual do capitalismo. Modelos produtivos e sustentabilidade. Experiências produtivas alternativas.			
<b>OBJETIVO</b>			
Proporcionar aos acadêmicos a compreensão acerca dos principais conceitos que envolvem a Economia Política e a sustentabilidade do desenvolvimento das relações socioeconômicas e do meio ambiente.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ALTIERI, Miguel. <b>Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável</b> . Porto Alegre: UFRGS, 1998.			
ANDERSON, Perry. <b>Passagens da Antiguidade ao Feudalismo</b> . São Paulo: Brasiliense, 2004.			
BECKER, B.; MIRANDA, M. (Org.). <b>A geografia política do desenvolvimento sustentável</b> . Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.			
FERREIRA, L. C.; VIOLA, E. (Org.). <b>Incertezas de sustentabilidade na globalização</b> . Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.			
HARVEY, David. <b>Espaços de Esperança</b> . São Paulo: Loyola, 2004.			
HUNT, E. K. <b>História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica</b> . 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.			
MAY, Peter H.; LUSTOSA, Maria Cecília; VINHA, Valéria da (Org.). <b>Economia do meio ambiente</b> . Teoria e Prática. Rio de Janeiro: Campus, 2003.			
MONTIBELLER FILHO, Gilberto. <b>O mito do desenvolvimento sustentável</b> . 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.			
SACHS, Ignacy. A Revolução Energética do Século XXI. <b>Revista Estudos Avançados</b> , USP, v. 21, n. 59, 2007.			
SANTOS, Milton. <b>1992: a redescoberta da natureza</b> . São Paulo: FFLCH/USP, s/d.			
VEIGA, José Eli. <b>Desenvolvimento Sustentável: o desafio do século XXI</b> . Rio de Janeiro: Garamond, 2006.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
ALIER, Jean Martinez. <b>Da economia ecológica ao ecologismo popular</b> . Blumenau: Edifurb, 2008.			
CAVALCANTI, C. (Org.). <b>Sociedade e natureza: estudos para uma sociedade sustentável</b> . São Paulo: Cortez; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1998.			
DOBB, Maurice Herbert. <b>A evolução do capitalismo</b> . São Paulo: Abril Cultural, 1983. 284 p.			



- FOSTER, John Bellamy. **A Ecologia de Marx, materialismo e natureza**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- FURTADO, Celso. **A economia latino-americana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GREMAUD, Amaury; VASCONCELLOS, Marco Antonio; JÚNIOR TONETO, Rudinei. **Economia brasileira contemporânea**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. 21. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1986.
- IANNI, O. **Estado e capitalismo**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- LÖWY, Michael. Eco-socialismo e planificação democrática. **Crítica Marxista**, São Paulo, UNESP, n. 29, 2009.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- NAPOLEONI, Cláudio. **Smith, Ricardo e Marx**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia, a experiência da Itália moderna**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.
- SEN, Amartia. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SMITH, Adam. **Riqueza das nações: Uma investigação sobre a natureza e causas da riqueza das nações**. Curitiba: Hermes, 2001.



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
GCH353	Estágio Curricular Supervisionado II	08	120
<b>EMENTA</b>			
Fundamentação teórica e metodológica para a prática da regência, no ensino fundamental. Elaboração de planos de aula e desenvolvimento de metodologias de ensino de História para o ensino fundamental. Desenvolvimento de metodologias no ensino fundamental que mobilizem a multiplicidade de linguagens e meios de comunicação. Prática de ensino supervisionada nas escolas de ensino fundamental. Execução do projeto de pesquisa e intervenção. Elaboração de Relatório de Estágio.			
<b>OBJETIVO</b>			
Preparar os graduandos para a realização de projetos de pesquisa e intervenção e para o exercício das práticas docentes em Ensino de História no ensino fundamental.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BITTENCOURT, Circe (Org.). <b>Ensino de História: fundamentos e métodos</b> . São Paulo: Cortez, 2004.			
FONSECA, Selva G. <b>Didática e prática de ensino de História</b> . Campinas: Papyrus, 2003.			
KARNAL, L. (Org.). <b>História na sala de aula</b> . São Paulo: Contexto, 2003.			
BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. <b>Parâmetros Curriculares Nacionais/História –Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental</b> . Brasília, 1997.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). <b>Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia</b> . Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.			
ABUD, Kátia Maria et al. <b>Ensino de História</b> . São Paulo: Cengage Learning, 2010.			
ALMEIDA NETO, Antonio Simplício. “Relatos da caixa preta: representações como elemento da cultura escolar”. <b>Educar</b> , Curitiba, n. 37, p. 173-189, maio/ago. 2010.			
BITTENCOURT, Circe (Org.). <b>O saber histórico em sala de aula</b> . São Paulo: Contexto, 1997.			
DIEHL, Astor A. (Org.). <b>O livro didático e o currículo de História em transição</b> . Passo Fundo: EDIUPF, 1999.			
LE GOFF, Jacques. <b>História e Memória</b> . Campinas: UNICAMP, 1992.			
PADRÓS, Enrique Serra et al. <b>Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar</b> . Porto Alegre: EST, 2002.			
PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. <b>Estágio e Docência</b> . São Paulo: Cortez, 2004.			
SCHIMIDT, M <sup>a</sup> . Auxiliadora. <b>Ensinar História</b> . São Paulo: Scipione, 2004.			
ZAMBONI, E. (Org.). <b>O saber Histórico na sala de aula</b> . São Paulo: Contexto, 1997.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH354	História do Brasil III	4	60
<b>EMENTA</b>			
Sociedade brasileira a partir do século XX. Debates acerca da modernização do Brasil. A questão da terra. Grupos populares e classe operária. A era Vargas. O processo de nacionalização. Desenvolvimento e dependência. Democracia e populismo. Ditadura militar e redemocratização e o Brasil recente. O Brasil e a intelectualidade. Movimentos sociais no período republicano. Abordagens historiográficas e suas perspectivas teóricas e de prática de ensino.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender o processo de formação do Brasil republicano em suas relações econômicas, políticas e socioculturais construídas no período.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BATALHA, Cláudio. <b>O movimento operário na primeira república</b> . São Paulo: Jorge Zahar, 2000.			
CARVALHO, José Murilo de. <b>Forças armadas e política no Brasil</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 2005.			
CHAUÍ, Marilena. <b>Brasil: mito fundador e sociedade autoritária</b> . São Paulo: Perseu Abramo, 2000.			
FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. Neves (Org.). <b>O Brasil republicano</b> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 4 v.			
GOMES, Ângela de Castro. <b>A invenção do trabalhismo</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.			
NOVAIS, Fernando A.; SEVCENKO, Nicolau (Org.). <b>História da Vida Privada no Brasil</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 3 v.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
BATALHA, Cláudio et al. (Org.). <b>Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado</b> . Campinas: Unicamp, 2004.			
CHALHOUB, Sidney. <b>Trabalho, lar &amp; botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro na belle époque</b> . 2. ed. Campinas: Unicamp, 2001.			
DE LUCA, Tânia Regina. <b>A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação</b> . São Paulo: UNESP, 1999.			
DECCA, Edgar S. de. <b>1930: o silêncio dos vencidos</b> . São Paulo: Brasiliense, 1997.			
NOVAIS, Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). <b>História da Vida Privada no Brasil</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 4 v.			
RAGO, Luiza Margareh. <b>Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)</b> . 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.			
REIS FILHO, Daniel Aarão et al. (Org.). <b>O século XX. O tempo das dúvidas. Do declínio das utopias às globalizações</b> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 2 v.			



RIDENTI, Marcelo. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: UNESP, 1995.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Campanha das Letras, 1995.

TOLEDO, Caio Navarro de. **O Governo Goulart e o golpe de 64**. São Paulo: Brasiliense, 1989.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH355	História contemporânea II	4	60
<b>EMENTA</b>			
Origens dos conflitos mundiais; Primeira Guerra Mundial e Revolução Russa. A crise de 1929. Entre-guerras e a ascensão dos Estados totalitários. A Guerra Civil Espanhola. A Segunda Guerra. A configuração do mundo após os conflitos mundiais. Abordagens historiográficas e suas perspectivas teóricas e de prática de ensino.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender a História da primeira metade do século XX como fruto das políticas de afirmação da sociedade industrial-burguesa, que conduziram a quadros de crise e conflitos mundiais. Estabelecer tal período como crucial para o entendimento da sociedade atual, estabelecendo reflexões que permitam ao aluno o posicionamento crítico diante das questões prementes de seu próprio tempo (o neo-totalitarismo, o pensamento-único, a emergência de novos e antigos preconceitos) bem como para sua futura atividade docente.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
HOBSBAWM, Eric. <b>A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1995. KONDER, Leandro. <b>Introdução ao fascismo</b> . Rio de Janeiro: Graal, 1991. REIS FILHO, Daniel Aarão. <b>O século XX</b> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 3 v. RÉMOND, René. <b>O século XX (1914-1975)</b> . São Paulo: Cultrix, s/d. SALVADÓ, Francisco Romero. <b>A Guerra Civil Espanhola</b> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. <b>História do Século XX</b> . Porto Alegre: Novo Século, 1998.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ARRUDA, José Jobson de Andrade. <b>Nova História Moderna e Contemporânea</b> . Bauru: Edusc, 2006. 3 v. BROUÉ, Pierre. <b>União Soviética. Da Revolução ao colapso</b> . Porto Alegre: UFRGS, 1996. GALBRAITH, John Kenneth. <b>1929: A Grande Crise</b> . Larousse do Brasil, 2010. HERNANDEZ, Jesus. <b>Breve Historia da Segunda Guerra Mundial</b> . São Paulo: Madras, 2010. HOBSBAWM, Eric. <b>Como mudar o mundo: Marx e o marxismo (1840-2011)</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2011. HOBSBAWM, Eric. <b>Tempos interessantes: uma vida no século XX</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2002. NAKATANI, Paulo; MARQUES, Rosa Maria. <b>O que é capital fictício e sua crise</b> . São Paulo: Brasiliense, 2009. REED, John. <b>Dez dias que abalaram o mundo</b> . Porto Alegre: L&PM, 2010. VILAR, Pierre. <b>A Guerra da Espanha (1936-1939)</b> . Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1989. VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes; MILMAN, Luis (Org.). <b>Neonazismo, negacionismo e extremismo político</b> . Porto Alegre: UFRGS/CORAG, 2000.			



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
GCH356	História da América III	4	60
<b>EMENTA</b>			
s Américas diante do século XX. A Revolução Mexicana. O Big Stick, a diplomacia do dólar e a política de cooperação. A primeira revolução sandinista. A América diante das guerras mundiais. A industrialização e a perenidade do mundo rural. O populismo. A Guerra Fria nas Américas e as Ditaduras de Segurança Nacional. A Revolução Cubana e a Crise dos Mísseis. A segunda Revolução Sandinista e a revolução em El Salvador. A América Latina e os países não alinhados. As redemocratizações. A vaga neoliberal e os governos populares do início do século XXI. Abordagens historiográficas e suas perspectivas de prática de ensino			
<b>OBJETIVO</b>			
Promover o estudo da História Americana e Latino-Americana no contexto do século XX e da atualidade.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BETHELL, Leslie. <b>História da América Latina</b> . São Paulo: Edusp, 2001. v. 5 a 7.			
GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. <b>História Contemporânea da América Latina: 1960-1990</b> . Porto Alegre: UFRGS, 2004.			
PRADO, Luiz Fernando Silva. <b>História Contemporânea da América Latina (1930-1960)</b> . Porto Alegre: UFRGS, 1996.			
WASSERMAN, Cláudia (Org.). <b>Ditaduras militares na América Latina</b> . Porto Alegre: UFRGS, 2004.			
WASSERMAN, Cláudia. <b>História Contemporânea da América Latina (1900-1930)</b> . Porto Alegre: UFRGS, 2004.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
CUEVA, Agustin. <b>O desenvolvimento do capitalismo na América Latina</b> . São Paulo: Global, 1983.			
FERNANDES, Florestan. <b>Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana</b> . São Paulo: Expressão Popular, 2007.			
FICHO, Jean-Pierre. <b>A civilização americana</b> . Campinas: Papyrus, 1990.			
GALEANO, Eduardo. <b>As veias abertas da América Latina</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.			
LOPEZ, Luiz Roberto. <b>História da América Latina</b> . Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.			
MARIÁTEGUI, José Carlos. <b>Sete ensaios de interpretação da realidade peruana</b> . São Paulo: Expressão Popular/Clacso, 2010.			
PADRÓS, Enrique Serra. <b>Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Segurança Nacional - Uruguai (1968-1985): do Pachecato à Ditadura Civil-Militar</b> . Porto Alegre: UFRGS/Tese de Doutorado, 2005.			
PRADO, Maria Lígia. <b>O populismo na América Latina</b> . São Paulo: Brasiliense, 1995.			



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
	Optativa IV	04	60
<b>EMENTA</b>			
A ser definida pelo colegiado do curso.			
<b>OBJETIVO</b>			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH357	Estágio Curricular Supervisionado III	08	120
<b>EMENTA</b>			
Fundamentação teórica e metodológica para a realização de pesquisa de campo didático-histórica e para a formulação de projetos em Ensino de História no ensino médio. Pesquisa de campo didático-histórica no ensino médio. Os parâmetros e diretrizes para a disciplina de História em nível médio. Os materiais didáticos para o ensino médio. Realização de pesquisa de campo didático-histórica. Elaboração de projeto de pesquisa e intervenção em Didática da História. Elaboração de relatório de estágio.			
<b>OBJETIVO</b>			
Preparar os graduandos para a elaboração de projetos de pesquisa e intervenção e para planejamento de práticas de intervenção docente em Ensino de História no ensino médio.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. <b>Parâmetros Curriculares Nacionais/História</b> . Ensino Médio. Brasília, 2000.			
PINSKY, Carla (Org.). <b>Novos temas nas aulas de História</b> . São Paulo: Contexto, 2009.			
REGO, Teresa C. (Org.). <b>Memória, História e Escolarização</b> . Petrópolis: Vozes, 2011.			
SILVA, Marcos; FONSECA, Selva G. <b>Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido</b> . Campinas: Papyrus, 2007.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). <b>Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia</b> . Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.			
ABUD, Kátia Maria et al. <b>Ensino de História</b> . São Paulo: Cengage Learning, 2010.			
ALMEIDA NETO, Antonio Simplicio. “Relatos da caixa preta: representações como elemento da cultura escolar”. <b>Educar</b> , Curitiba, n. 37, p. 173-189, maio/ago. 2010.			
BITTENCOURT, Circe (Org.). <b>O saber histórico em sala de aula</b> . São Paulo: Contexto, 1997.			
DIEHL, Astor A. (Org.). <b>O livro didático e o currículo de História em transição</b> . Passo Fundo: EDIUPF, 1999.			
FONSECA, Selva G. <b>Ensinar e Aprender História: formação, saberes e práticas educativas</b> . Campinas: Ed. Alínea, 2009.			
PADRÓS, Enrique Serra et al. <b>Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar</b> . Porto Alegre: EST, 2002.			
SCHIMIDT, M. Auxiliadora. <b>Ensinar História</b> . São Paulo: Scipione, 2004.			
ZAMBONI, E. (Org.). <b>O saber Histórico na sala de aula</b> . São Paulo: Contexto, 1997.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH358	Seminário do trabalho de conclusão de curso I	4	60
<b>EMENTA</b>			
Estrutura do trabalho monográfico. Elaboração do projeto de pesquisa. Utilização de normas da ABNT e técnicas científicas. Seminário de trabalhos de conclusão de curso de caráter monográfico. Definição dos orientadores.			
<b>OBJETIVO</b>			
Orientar a construção projeto de trabalho de conclusão do curso.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ARÓSTEGUI, Julio. <b>A pesquisa histórica: teoria e método</b> . Bauru: Edusc, 2006. CANDIOU, François (Org.). <b>Como se faz a história</b> . Petrópolis: Vozes, 2007. GOLDEMBERG, Mirian. <b>A arte de pesquisar</b> . Rio de Janeiro: Record, 1998. PINSKY, Carla bassanezi. <b>Fontes históricas</b> . São Paulo: Contexto, 2006. REIS, José Carlos. <b>História e Teoria</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. VIEIRA, Maria Pillar et al. <b>A pesquisa em história</b> . São Paulo: Ática, 1991.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: <b>Enciclopédia Einaudi</b> . Rio de Janeiro: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. 5. v. BOSI, Ecléa. <b>Memória e sociedade: lembranças de velhos</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1994. CHARTIER, Roger. <b>A história cultural entre práticas e representações</b> . Rio de Janeiro: Difel, 1990. DEL PRIORE, Mary. <b>Histórias do cotidiano</b> . São Paulo: Contexto, 2001. FOUCAULT, Michel. <b>Arqueologia do saber</b> . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986. FREITAS, Marcos Cezar (Org.). <b>Historiografia brasileira e perspectiva</b> . São Paulo: Contexto, 1998. POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: <b>Estudos Históricos – 3: memória</b> . Rio de Janeiro: PUC, 1989. 2. v. VEYNE, Paul. <b>Como se escreve a história</b> . Brasília: UNB, 1982.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH359	História contemporânea III	4	60
<b>EMENTA</b>			
A Guerra Fria. A descolonização e emergência dos países não alinhados. A Revolução Cubana e a Crise dos Mísseis; Revolução Chinesa; A Guerra do Vietnã. As transformações sociais, culturais e tecnológicas no século XX. O neoliberalismo e os movimentos de resistência na virada do século XX para o XXI. A fragmentação dos Balcãs. As “guerras do Golfo Pérsico”. Abordagens historiográficas e suas perspectivas teóricas e de prática de ensino.			
<b>OBJETIVO</b>			
Promover o estudo acerca do período que se inicia com a Guerra Fria e de desdobra até o Tempo Presente como período crucial para o entendimento da sociedade atual, estabelecendo reflexões que permitam ao aluno o posicionamento crítico diante das questões prementes de seu próprio tempo (o neo-totalitarismo, o pensamento-único, a emergência de novos e antigos preconceitos) bem como para sua futura atividade docente.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BORON, Atilio (Org.). <b>Nova Hegemonia Mundial</b> : alternativas de mudança e movimentos sociais. São Paulo: Clacso, 2005.			
HOBSBAWM, Eric. <b>A era dos extremos</b> : o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.			
JUDT, Tony. <b>Pós-Guerra</b> : uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.			
REIS FILHO, Daniel Aarão. <b>O século XX</b> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 3 v.			
VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. <b>Dez anos que abalaram o século XX</b> : da crise do socialismo à guerra ao terrorismo. Porto Alegre: Leitura XXI, 2002.			
VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes. <b>História do Século XX</b> . Porto Alegre: Novo Século, 1998.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ARRUDA, José Jobson de Andrade. <b>Nova História Moderna e Contemporânea</b> . Bauru: Edusc, 2006. 3 v.			
BROUÉ, Pierre. <b>União Soviética</b> . Da Revolução ao colapso. Porto Alegre: UFRGS, 1996.			
HOBSBAWM, Eric. <b>Tempos interessantes</b> : uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.			
KONDER, Leandro. <b>Introdução ao fascismo</b> . Rio de Janeiro: Graal, 1991.			
MARQUES, Adhemar Martins; FARIA, Ricardo de Moura; BERUTTI, Flávio Costa. <b>História do tempo presente</b> . São Paulo: Contexto, 2003.			
NAKATANI, Paulo; MARQUES, Rosa Maria. <b>O que é capital fictício e sua crise</b> . São Paulo: Brasiliense, 2009.			
SOARES, Jurandir. <b>Iugoslávia</b> : guerra civil e desintegração. Porto Alegre: Novo Século,			



1999.

VIZENTINI, Paulo Gilberto Fagundes; MILMAN, Luis (Org.). **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: UFRGS/CORAG, 2000.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Após o liberalismo**: em busca da reconstrução do mundo. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZORGBIBE, Charles. **O Pós-Guerra Fria no mundo**. Campinas: Papirus, 1996.



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
	Optativa V	4	60
<b>EMENTA</b>			
A ser definida pelo colegiado			
<b>OBJETIVO</b>			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH360	Estágio Curricular Supervisionado IV	08	120
<b>EMENTA</b>			
Fundamentação teórica e metodológica para a prática da regência, no ensino médio. Elaboração de planos de aula e desenvolvimento de metodologias de ensino de História para o ensino médio e prática de ensino supervisionada nas escolas no ensino médio. Desenvolvimento de metodologias voltadas para o ensino médio que mobilizem a multiplicidade de linguagens e meios de comunicação. Execução do projeto de pesquisa e intervenção. Elaboração de Relatório de Estágio.			
<b>OBJETIVO</b>			
Orientar os graduandos na realização de projetos de pesquisa e intervenção e para o exercício das práticas docentes em Ensino de História no ensino médio.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Org.). <b>Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia.</b> Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.			
ABUD, Kátia Maria et al. <b>Ensino de História.</b> São Paulo: Cengage Learning, 2010.			
BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE. <b>Parâmetros Curriculares Nacionais/História – Ensino Médio.</b> Brasília, 2000.			
PINSKY, J. (Org.). <b>O ensino de história e a construção do fato.</b> 7. ed. São Paulo: Contexto, 1997.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
BARROSO, Vera Lucia M. et al. (Org.). <b>Ensino de História: desafios contemporâneos.</b> Porto Alegre: Est/Exclamação/Anpuh/RS, 2010.			
BITTENCOURT, Circe (Org.). <b>O saber histórico em sala de aula.</b> São Paulo: Contexto, 1997.			
DIEHL, Astor A. (Org.). <b>O livro didático e o currículo de História em transição.</b> Passo Fundo: EDIUPF, 1999.			
FONSECA, Selva G. <b>Ensinar e Aprender História: formação, saberes e práticas educativas.</b> Campinas: Alínea, 2009.			
GASPARELLO, Arlette M. (Org.). <b>Ensino de História. Sujeitos, saberes e práticas.</b> Rio de Janeiro: Mauad, 2007.			
PADRÓS, Enrique Serra et al. <b>Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar.</b> Porto Alegre: EST, 2002.			
PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro. <b>Estágio e Docência.</b> São Paulo: Cortez, 2004.			
PINSKY, Carla (Org.). <b>Novos temas nas aulas de História.</b> São Paulo: Contexto, 2009.			
SILVA, Marcos; FONSECA, Selva G. <b>Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido.</b> Campinas: Papirus, 2007.			



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
GCH361	Seminário do trabalho de conclusão de curso II	4	60
<b>EMENTA</b>			
Estrutura do trabalho monográfico. Utilização de normas da ABNT e técnicas científicas. Seminário de trabalhos de conclusão de curso de caráter monográfico. Acompanhamento das pesquisas. Organização e realização das bancas de defesa pública das monografias.			
<b>OBJETIVO</b>			
Elaborar um texto de caráter monográfico, de acordo com as normas técnicas, que contenha coerência metodológica, domínio dos conceitos/noções e interpretação das fontes documentais apresentando-o em banca de defesa pública.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH292	HISTÓRIA DA FRONTEIRA SUL	04	60
<b>EMENTA</b>			
Construção dos sentidos históricos. Noções de Identidade e de Fronteira. Invenção das tradições. Processos de povoamento, despovoamento e colonização. Conflitos econômicos e políticos. Choques culturais no processo de colonização. Questão indígena, cabocla e afrodescendente.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender o processo de formação da região sul do Brasil por meio da análise de aspectos históricos do contexto de povoamento, despovoamento e colonização.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-CUCHE, Denys. <b>A noção de cultura das Ciências sociais</b> . Bauru: EDUSC, 1999.			
FENART, Jocelyne. <b>Teorias da etnicidade</b> . Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Editora da UNESP, 1998. p 185-228.			
HALL, Stuart. <b>A identidade cultural na pós-modernidade</b> . 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.			
HOBSBAWM, Eric. <b>A invenção das tradições</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.			
LE GOFF, Jacques. <b>Memória e História</b> . Campinas: Ed. Unicamp, 1994.			
PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena. (Org.). <b>Fronteiras culturais – Brasil, Uruguay, Argentina</b> . São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Miniz. <b>Preconceito contra a origem geográfica e de lugar – As fronteiras da discórdia</b> . 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007.			
AMADO, Janaína. <b>A Revolta dos Mucker</b> . São Leopoldo: Unisinos, 2002.			
AXT, Gunter. <b>As guerras dos gaúchos: história dos conflitos do Rio Grande do Sul</b> . Porto Alegre: Nova Prova, 2008.			
BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord.). <b>História Geral do Rio Grande do Sul</b> . Passo Fundo: Méritos, 2006. 6 v.			
CEOM. <b>Para uma história do Oeste Catarinense</b> . 10 anos de CEOM. Chapecó: UNOESC, 1995.			
GRIJÓ, Luiz Alberto; NEUMANN, Eduardo (Org.). <b>O continente em armas: uma história da guerra no sul do Brasil</b> . Rio de Janeiro: Apicurí, 2010.			
GUAZZELLI, César; KUHN, Fábio; GRIJÓ, Luiz Alberto; NEUMANN, Eduardo (Org.). <b>Capítulos de História do Rio Grande do Sul</b> . Porto Alegre: UFRGS, 2004.			
LEITE, Ilka Boaventura (Org.). <b>Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e territorialidade</b> . Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.			
MACHADO, Paulo Pinheiro. <b>Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das</b>			



chefias caboclas (1912-1916). Campinas: UNICAMP, 2004.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009.

NOVAES, Adauto (Org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

PESAVENTO, Sandra. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RENK, Arlene. **A luta da erva: um ofício étnico da nação brasileira no oeste catarinense**. Chapecó: Grifos, 1997.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento**. São Paulo: Unesp, 2010.

SILVA, Marcos A. da (Org.). **República em migalhas: História Regional e Local**. São Paulo: Marco Zero/MCT/CNPq, 1990.

TEDESCO, João Carlos; CARINI, Joel João. **Conflitos agrários no norte gaúcho (1960-1980)**. Porto Alegre: EST, 2007.

\_\_\_\_\_. **Conflitos no norte gaúcho (1980-2008)**. Porto Alegre: EST, 2008.

TOTA, Antônio Pedro. **Contestado: a guerra do novo mundo**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p 14-90.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1988.



### 10.1 Ementários, objetivos, bibliografias básicas e complementares dos componentes curriculares optativos.

Código	Componente Curricular	Créditos	Horas
GCH575	Pesquisa arqueológica: teoria e prática	4	60
<b>EMENTA</b>			
Principais correntes teóricas da arqueologia: histórico-cultural, processual e enfoques pós-processuais (arqueologia crítica, arqueologia do gênero, arqueologia da etnicidade e arqueologia pública). Arqueologia Histórica, Arqueometria e Etnoarqueologia. Métodos utilizados nas pesquisas de campo e laboratório: técnicas de levantamentos sistemáticos e oportunistas, escavações, análises tipológicas de material cerâmico, lítico, ósseos humanos e vestígios faunísticos e florísticos.			
<b>OBJETIVO</b>			
Conhecer, em termos teóricos e práticos, a Arqueologia, notadamente em sua relação com a História e as possibilidades de atuação profissional.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BICHO, Nuno Ferreira. <b>Manual de Arqueologia Pré-Histórica</b> . Lisboa: ed. 70, 2006. FUNARI, Pedro Paulo Abreu. <b>Arqueologia</b> . São Paulo: Ática, 1988. JOHNSON, M. <b>Teoría arqueológica</b> . Barcelona: Ariel, 2000. ORSER, Charles. <b>Introdução à arqueologia histórica</b> . Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992. RAHTZ, Philip. <b>Convite à Arqueologia</b> . Rio de Janeiro: Imago, 1989. TRIGGER, Bruce G. <b>História do pensamento arqueológico</b> . São Paulo: Odysseus, 2004.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
ACUTO, F. A.; ZARANKIN, A. (Org.). <b>Sed Non Satiata: Teoría social en la arqueologia latinoamericana contemporânea</b> . Buenos Aires: Del Tridente, 1999. p. 7-15. BINFORD, L. <b>En Busca del Pasado</b> . Barcelona: Crítica, 1988. BROCHADO, José Proenza; LA SALVIA, Fernando. <b>Cerâmica Guarani</b> . Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989. DUNNEL, Robert C. <b>Classificação em Arqueologia</b> . São Paulo: Edusp, 2007. HODDER. <b>Theory and Practice in Archaeology</b> . London and New York: Routledge, 1992. LAMING-EMPERAIRE, Annette. <b>Guia para o Estudo das Indústrias Líticas da América do Sul</b> . Curitiba: UFPR, 1967. LUCAS, Gavin. <b>Critical Approaches to Fieldwork: Contemporary and Historical Archaeological Practice</b> . London and New York: Routledge, 2001. MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. <b>Como interpretar a linguagem da cerâmica – manual para arqueólogos</b> . Washington: Smithsonian Institute, 1970. MERRIMAN, N. (Org.). <b>Public Archaeology</b> . London and New York: Routledge, 2004. p. 224-239. RENFREW, Colin; BAHN, Paul. <b>Arqueologia: teorias, métodos y práctica</b> . Madrid: Akal, 1993.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH560	Literatura e História	4	60
<b>EMENTA</b>			
História do livro, da literatura, da leitura e das práticas de leitura em perspectiva histórica. Representações da leitura na Antiguidade, no mundo medieval e na modernidade. Momentos escolhidos da história da literatura universal e brasileira. De Homero a Shakespeare e Proust, da carta de Caminha a Machado de Assis. Outras literaturas: África, Ásia e América Latina. O debate alta cultura versus cultura popular. Perspectivas do livro e da leitura em tempos de hegemonia da imagem.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender a evolução das idéias literárias e das práticas de leitura em sua articulação com a história (jamais um merco “contexto”, mas um outro texto), bem como o impacto das grandes obras da literatura universal e brasileira sobre a história das idéias e os processos históricos. Oferecer, assim, ao estudante de graduação em História interessado em Letras e Literatura uma abordagem interdisciplinar que, diferentemente do que em geral ocorre com a História da Literatura, considera as duas perspectivas em pé de igualdade.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BLOOM, Harold. <b>O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo.</b> Rio de Janeiro: Objetiva, 1994. CALVINO, Italo. <b>Por que ler os clássicos.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 1993. ECO, Umberto. <b>Os limites da interpretação.</b> São Paulo: Perspectiva, 2010. MANGUEL, Alberto. <b>Uma história da leitura.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 2001. PRATT, Mary Louise et al. <b>Literatura e história: perspectivas e convergências.</b> Bauru: EDUSC, 1999.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
BLOOM, Harold. <b>Shakespeare: a invenção do humano.</b> Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. _____. <b>Onde encontrar a sabedoria?</b> Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. FISCHER, Luis Augusto. <b>Literatura brasileira: modos de usar.</b> Porto Alegre: L&PM, 2007. GONZAGA, Sergius. <b>Manual de literatura brasileira.</b> Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. LYONS, Martyn. <b>Livro – Uma história viva.</b> São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011. MACHADO, Ana Maria. <b>Balaio – Livros e leituras.</b> Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. MANGUEL, Alberto. <b>A biblioteca à noite.</b> São Paulo: Companhia das Letras, 2006. _____. <b>Ilíada e Odisséia de Homero: uma biografia.</b> Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. MORICONI, Italo. <b>Como e por que ler a poesia brasileira do século XX.</b> Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. SEYMOUR-SMITH, Martin. <b>Os 100 livros que mais influenciaram a humanidade: a história do pensamento dos tempos antigos à atualidade.</b> Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.			



**SILVEIRA, Julio; RIBAS, Martha. A paixão pelos livros. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.**



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH550	A guerra civil-espanhola, a revolução e o franquismo	4	60
<b>EMENTA</b>			
<p>Estudo da Guerra Civil Espanhola. Análise sócio-política da Espanha anterior à década de 1930. A ditadura de Primo de Rivera. A queda de Afonso XIII. A II República: o biênio vermelho e o biênio negro. A eclosão da Guerra Civil: forças e ideias políticas em confronto. A intervenção estrangeira. A Revolução Anarquista abortada (Barcelona, maio de 1937). A centralização dos poderes militares e o desenvolvimento do conflito. O franquismo e a repressão pós-guerra. A Espanha diante da II Guerra Mundial e da Guerra Fria. A redemocratização. A recepção da Guerra Civil Espanhola no Brasil.</p>			
<b>OBJETIVO</b>			
<p>Promover o Estudo da Guerra Civil Espanhola, compreendendo seus antecedentes e desdobramento, dentro dos marcos da História Contemporânea.</p>			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<p>FERNÁNDEZ, Jorge Christian. A Guerra Civil Espanhola: prelúdio sangrento da Segunda Guerra Mundial. In: PADRÓS, Enrique; RIBEIRO, Luis Dario; GERTZ, René (Org.). <b>Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón</b>. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB-PRP/Palmarinca, 2000.</p> <p>LARA, Manuel; ARÓSTEGUI, Julio; VIÑAS, Ángel; CARDONA, Gabriel; BRICAL, Josep. <b>La Guerra Civil Española: 50 años después</b>. Barcelona: Labor, 1986.</p> <p>MORAES, Reginaldo C. de. <b>A 'redemocratização' espanhola: uma distensão lenta, gradual e insegura</b>. São Paulo: Brasiliense, 1983.</p> <p>SALVADÓ, Francisco Romero. <b>A Guerra Civil Espanhola</b>. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.</p>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
<p>C.N.T. <b>A Guerra Civil Espanhola nos documentos libertários</b>. São Paulo: Imaginário, 1999.</p> <p>CARVALHO, Apolônio de. <b>Vale a pena sonhar</b>. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.</p> <p>CERQUEIRA, João Francisco Delgado. <b>Arte e literatura na Guerra Civil Espanhola</b>. Porto Alegre: Zouk, 2005.</p> <p>FRAGA, Gerson Wasen. <b>Branco e vermelho: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939)</b>. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.</p> <p>GARZA, Hedda. <b>Franco</b>. São Paulo: Nova Cultural, 1987.</p> <p>PADRÓS, Enrique Serra. Guernica: tragédia, versões, história. In: PADRÓS, Enrique; RIBEIRO, Luis Dario; GERTZ, René (Org.). <b>Segunda Guerra Mundial: da crise dos anos 30 ao Armagedón</b>. Porto Alegre: Folha da História/CD-AIB-PRP/Palmarinca, 2000.</p> <p>RIZZONI, Gianni. <b>Pró e contra Franco</b>. São Paulo: Melhoramentos, 1975.</p> <p>SOUZA, Ismara Izepe de. <b>República espanhola: um modelo a ser evitado</b>. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2001.</p>			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH547	Cinema e História	4	60

#### EMENTA

História e noções de teoria do cinema. A questão da imagem. A obra de Marc Ferro. As relações entre Cinema e História e entre História e Cinema. O Cinema na perspectiva da “revolução documental” para a pesquisa em História. Cinema e ensino de História. Uma introdução à análise filmica. Cinema e ideologia.

#### OBJETIVO

A disciplina tem o objetivo de criar um momento específico para o aprofundamento dos temas atinentes à relação Cinema e História, tanto no que diz respeito às possibilidades dessa relação em termos de pesquisa, como no que se refere ao uso de filmes como suporte pedagógico para o ensino de História.

#### REFERÊNCIAS BÁSICAS

- BAZIN, André. **O cinema**: ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é Cinema**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CAPELATO, Maria Helena et al. **História e Cinema**: dimensões históricas do audiovisual. São Paulo: Alameda, 2011.
- COSTA, Antonio. **Compreender o Cinema**. São Paulo: Globo, 2003.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- SADOUL, Georges. **História do cinema mundial**. Lisboa: Horizonte, 1983. 3 v.

#### REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.

- BERNARDET, Jean Claude. **Cinema brasileiro**: propostas para uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- KEMP, Philip. **Tudo sobre Cinema**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- KOFF, Rogério Ferrer. **Pensando com o Cinema**: uma aventura interdisciplinar. Santa Maria: Facos, 2002.
- LEBEL, Jean-Patrick. **Cinema e ideologia**. Lisboa: Estampa, 1975.
- MORETTIN, Eduardo Victorio. **História e documentário**. São Paulo: FGV, 2012.
- PADRÓS, Enrique Serra; GUAZZELLI, Augusto César Barcellos (Org.). **68**: História e Cinema. Porto Alegre: EST, 2008.
- PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário**: história, identidade, tecnologia. Lisboa: Cosmos, 1999.
- SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SOARES, Mariza de Carvalho; FERREIRA, Jorge (Org.). **A História vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise filmica**. Campinas: Papyrus, 2002.

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
--------	-----------------------	----------	-------



GCH548	Corpo, sexualidade e nação	4	60
<b>EMENTA</b>			
O corpo como construção cultural e a historicidade de suas representações. O corpo como disputa de poder. Os corpos na concepção da Igreja católica. O corpo educado: civilidade, condutas, e honra. Os saberes médico-científicos: sanidade e moralidade. O corpo-útero da nação e a perfectibilidade da raça. Corpo, natureza e educação. Os debates sobre a contracepção. As abordagens recentes sobre o corpo.			
<b>OBJETIVO</b>			
Problematizar o corpo como um lugar privilegiado de escritura do poder compreendendo a sexualidade e a nação como seus agenciamentos privilegiados.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BUTLER, Judith. <b>Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade</b> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.			
CORBAIN, Alan et al. <b>História do Corpo (I, II, III)</b> . São Paulo: Vozes, 2008.			
FLORES, Maria Bernardete Ramos. <b>Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza</b> . Chapecó: Argos, 2007.			
FOUCAULT, Michel, <b>História da sexualidade (I, II, III)</b> . Rio de Janeiro: Graal, 2001.			
LOURO, Guacira Lopes. <b>O corpo educado: pedagogias da sexualidade</b> . Belo Horizonte: Autêntica, 2000.			
SILVA, Tomaz Tadeu da. <b>Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano</b> . Belo horizonte: Autêntica, 2000.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
AGAMBEN, Giorgio. <b>Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I</b> . Belo Horizonte: UFMG, 2002.			
BOLTANSKI, Luc. <b>As classes sociais e o corpo</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.			
BENTO, Berenice. <b>A reinvenção do corpo</b> . Rio de Janeiro: Garamond, 2006.			
BORDO, Susan; JAGGAR, Alison. <b>Gênero, corpo e conhecimento</b> . Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.			
CANGUILHEM, Georges. <b>O normal e o patológico</b> . Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.			
FOUCAULT, Michel. <b>Vigiar e punir</b> . Petrópolis: Vozes, 1987.			
FOUCAULT, Michel. <b>Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)</b> . São Paulo: Martins Fontes, 2000.			
KATZ, Jonathan. <b>A invenção da homossexualidade</b> . Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.			
LOURO, Guacira Lopes. <b>Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista</b> . Petrópolis: Vozes, 1999.			
MORAES, Eliane Robert. <b>O corpo impossível</b> . São Paulo: Iluminuras, 2002.			
SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). <b>Identidade e diferença</b> . Petrópolis: Vozes, 2000.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH549	Filosofia e História	4	60
<b>EMENTA</b>			
Os gregos. Ocidente e Oriente em perspectiva comparada. Cristianismo e Filosofia. Os inícios da ciência moderna. O racionalismo. O empirismo. A filosofia da Iluminismo e da Revolução Francesa. A filosofia alemã. Política e Filosofia. A filosofia do século XX.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender a evolução das idéias filosóficas em sua articulação com a história (jamais um mero “contexto”, mas um outro texto), bem como o impacto das grandes obras da filosofia universal sobre a história das idéias e os próprios processos históricos. Oferecer, assim, ao estudante de graduação em História interessado em Filosofia, uma abordagem interdisciplinar que, diferentemente do que em geral ocorre com a História da Filosofia ou com a Filosofia da História, considera as duas perspectivas em pé de igualdade.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
AGOSTINHO. <b>Confissões</b> . Petrópolis: Vozes, 1997. BOUVERESSE, Jacques et al. <b>História da filosofia</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 8 v. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. <b>Mil Platôs</b> . Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. 3 v. DESCARTES, René. <b>Discurso do método</b> . Porto Alegre: L&PM, 2005. GAARDER Jostein. <b>O mundo de Sofia</b> . Romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. JAEGER, Werner. <b>Paidéia – A invenção do homem grego</b> . São Paulo: Martins Fontes, 2010.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
CIRNE-LIMA, Carlos. <b>Depois de Hegel: uma reconstituição crítica do sistema neoplatônico</b> . Caxias do Sul: Educs, 2006. DORION, Louis-André. <b>Compreender Sócrates</b> . Petrópolis: Vozes, 2006. LUFT, Eduardo. <b>Sobre a coerência do mundo</b> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. MAGEE, Bryan. <b>História da filosofia</b> . São Paulo: Loyola, 2001. MATOS, Olgaria. <b>Arcanos do inteiramente outro: A Escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução</b> . São Paulo: Brasiliense, 1989. PASCAL, George. <b>Compreender Kant</b> . Petrópolis: Vozes, 2007. ROUANET, Sergio Paulo. <b>Mal-estar na modernidade</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2003. ROUDINESCO, Elisabeth. <b>Filósofos na tormenta – Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida</b> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. SOLOMON, Robert C.; HIGGINS, Kathleen M. <b>Uma breve história da filosofia</b> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. WARBURTON, Nigel. <b>Uma breve história da filosofia</b> . Porto Alegre: L&PM, 2012.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH407	A formação histórica da colônia Erechim	4	60
<b>EMENTA</b>			
Colonização e positivismo. A diversidade étnica e cultural. A historiografia e a literatura Regional. A filmografia Regional.			
<b>OBJETIVO</b>			
Discutir a formação social da colônia Erechim através da historiografia e da literatura produzida sobre a mesma.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BENINCÁ, Dirceu. <b>Energia e Cidadania</b> : a luta dos atingidos por barragens. São Paulo: Cortez, 2011.			
CASSOL, Ernesto. <b>Carlos T. Gonçalves</b> : vida, obra e significado. Erechim: São Cristóvão, 2003.			
GRITTI, Isabel Rosa. <b>Imigração Judaica no Rio Grande do Sul</b> : A Jewish Colonization Association e a colonização de Quatro Irmãos. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.			
SASS, Vera Beatriz. <b>O Satírico e o Picaresco em Gladstone Osório Mársico</b> . Porto Alegre: Movimento, 1994.			
SEMINOTTI, Jonas J. <b>A Arte de Politizar</b> : o papel político da Igreja Católica no Alto Uruguai do RS. (1974 – 1990). Erechim: Graffoluz, 2008.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
CARNEIRO, Maria L. T. <b>Preconceito Racial no Brasil Colônia</b> . São Paulo: Brasiliense, 1983.			
CIMA, Sônia M. <b>Padre Busato</b> . Passo Fundo: UPF, 2005.			
GIARETTA, Jane G. S. <b>O Grande e Velho Erechim</b> : Ocupação e Colonização do Povoado de Formigas ( 1908-1960 ). Passo Fundo, 2008.			
GRITTI, Isabel R. <b>Imigração e Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul</b> : a emergência do preconceito. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.			
_____. <b>Imigração Polonesa</b> : a emergência do preconceito. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007.			
GRITTI, Silvana M. <b>Educação Rural e Capitalismo</b> . Passo Fundo: UPF, 2007.			
HALL, Stuart. <b>A identidade cultural na pós – modernidade</b> . 6. ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2001.			
PIRAN, Nédio. <b>Agricultura familiar</b> : lutas e perspectivas no Alto Uruguai. Erechim: FAPES, 2001.			
SANSONE, Livio. <b>Negritude sem etnicidade</b> : o local e o global nas Relações Raciais e na produção cultural negra no Brasil. Salvador: Pallas, 2003.			
SPONCHIADO, Breno A. <b>O Positivismo e a Colonização do Norte do Rio Grande do Sul</b> . Porto Alegre: PUC, 2000.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH552	História social da América Latina	4	60
<b>EMENTA</b>			
Revolução Mexicana. Mariátegui e o Socialismo Indo-Americano. O panorama histórico das experiências de organização popular na América Latina após a década de 1950.			
<b>OBJETIVO</b>			
Analisar as experiências de organização social popular na América Latina no século XX.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ALTMANN, Werner. <b>México e Cuba: revolução, nacionalismo, política externa</b> . São Leopoldo: Unisinos, 2001. ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina; ESCOBAR, Arturo (Org.). <b>Cultura e Política nos movimentos sociais latino-americanos</b> . Novas leituras. Belo Horizonte: UFMG, 2000. GOHN, Maria da Glória. <b>Teoria dos movimentos sociais</b> . Paradigmas clássicos e contemporâneos. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000. MARIÁTEGUI, José Carlos. <b>Sete ensaios sobre a realidade Peurana</b> . São Paulo: Alfa Ômega, 1979, 1990. MARTINS, José de Souza. <b>A chegada do estrangeiro</b> . São Paulo: Hucitec, 1993. VITALE, Luis. <b>Introducción a una teoría de la historia para América Latina</b> . Buenos Aires: Planeta, 1992.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
CHARTIER, Roger. O mundo como representação. <b>Estudos Avançados</b> , v. 5, n. 11, jan./abr. 1991. FAUSTO, Bóris. <b>Trabalho urbano e conflito social (1890-1924)</b> . São Paulo: Brasiliense, 1976. HELLER, Agnes; FÉHER, Ferenc. <b>A condição política pós-moderna</b> . Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. HOBSBAWM, Eric. <b>Os Trabalhadores</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. LARANGEIRA, Sônia (Org.). <b>Classes e movimentos sociais na América Latina</b> . São Paulo: HUCITEC, 1990. MOTA, Carlos Guilherme. <b>A ideia de revolução no Brasil (1789-1801): estudo das formas de pensamento</b> . Petrópolis: Vozes, 1979. PETRAS, James. <b>Armadilha neoliberal e alternativas para a América Latina</b> . São Paulo: Xamã, 1999. PINHEIRO, Paulo S.; HALL, Michael M. <b>A Classe operária no Brasil. 1889-1930</b> . São Paulo: Alfa-Omega, 1979. 2 v. QUEIROZ, Maurício Vinhas de. <b>Messianismo e conflito social: a Guerra Santa do Contestado: 1912-1916</b> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. TOURAINÉ, Alain. <b>Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina</b> . São Paulo: Trajetória Cultural/UNICAMP, 1989.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH553	História da Ciência	4	60
<b>EMENTA</b>			
<p>A ciência na Antiguidade: Civilizações Orientais Antigas e Antiguidade Clássica (Grécia e Roma). O mundo árabe. América Latina, Brasil e as possibilidades de uma ciência pré-colombiana. O mundo medieval. O Renascimento. O século XVII e a Revolução Científica. O Iluminismo. O século XIX. Darwinismo. Os séculos XX e XXI. As físicas relativística e quântica. A Cosmologia. As ciências humanas. O humano como objeto de investigação - fenomenologia, estruturalismo e marxismo. A História. A “História da loucura” de Michel Foucault e a possibilidade de uma outra história da ciência. O discurso científico e o ambiente da pós-modernidade.</p>			
<b>OBJETIVO</b>			
<p>Compreender (1) as condições históricas de constituição da ciência como saber separado da religião e do mito na Antiguidade Clássica, bem como as de sua evolução e influência (como elemento dialeticamente influenciador e influenciado) na cultura; (2) as visões filosófico-epistemológicas acerca de o que seja a ciência e de suas possibilidades como constructo humano, consubstanciadas em idéias como as de Bachelard, Popper, Kuhn e Feyerabend; (3) as relações entre a ciência e a sociedade; (4) a dinâmica histórica de cada uma das ciências, vista e problematizada desde um ponto de vista “interno”: história da Matemática, da Física, da Química, da Biologia; (5) as possibilidades de diálogo entre a ciência e as religiões, e a própria história dessa relação; e (6) as representações da ciência nas artes.</p>			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<p>ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. <b>O que é História da Ciência</b>. São Paulo: Brasiliense, 2004.</p> <p>BRAGA, Marco. <b>Breve história da ciência moderna</b>. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 4 v.</p> <p>CHASSOT, Attico. <b>A ciência através dos tempos</b>. São Paulo: Moderna, 2004.</p> <p>MOSLEY, Michael. <b>Uma história da ciência</b>. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.</p> <p>RONAN, Colin. <b>História ilustrada da ciência da Universidade de Cambridge</b>. São Paulo: Círculo do Livro, 1989. 4 v.</p>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
<p>ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria et al. <b>Escrevendo a História da Ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas</b>. São Paulo: EDUC, 2004.</p> <p>ALVES, Rubem. <b>Filosofia da ciência – Introdução ao jogo e suas regras</b>. São Paulo: Loyola, 2005.</p> <p>DAWKINS, Richard. <b>A grande história da evolução</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.</p> <p>FOUCAULT, Michel. <b>História da loucura na Idade Clássica</b>. São Paulo: Perspectiva, 1997.</p> <p>GLEISER, Marcelo. <b>A dança do Universo – dos mitos de criação ao Big Bang</b>. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.</p>			



HAWKING, Stephen. **Uma nova história do tempo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

HELLMANN, Hal. **Grandes debates da ciência** – Dez das maiores contendas de todos os tempos. São Paulo: Unesp, 1999.

MARTINS, Roberto. **Universo**: teorias sobre sua origem e evolução. São Paulo: Moderna, 1997.

NICOLELIS, Miguel. **Muito além do nosso eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.



Código	Componentes Curriculares	Créditos	Horas
GCH554	História da educação brasileira	4	60
<b>EMENTA</b>			
A educação brasileira no período colonial: os aldeamentos e os colégios jesuíticos. Projetos Educacionais da Modernidade. As influências das reformas pombalinas para a educação brasileira. A constituição histórica do sistema público de ensino no Brasil. As reformas educativas na Primeira República. A conformação da Educação durante o Estado Novo. O regime militar e a política educacional brasileira. As principais reformas da educação no século XX.			
<b>OBJETIVO</b>			
Analisar as práticas e processos educativos no Brasil, problematizando sua relação com os vários projetos de nação.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
DALLABRIDA, Norberto. <b>A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República</b> . Florianópolis: Cidade Futura, 2001.			
GERMANO, José Willington. <b>Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)</b> . São Paulo: Cortez, 2000.			
GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. <b>Educação, poder e sociedade no império brasileiro</b> . São Paulo: Cortez, 2008.			
RIBEIRO, Maria Luisa Santos. <b>História da educação brasileira: a organização escolar</b> . São Paulo: Cortez Autores Associados, 1991.			
SAVIANI, Dermeval. <b>História das ideias pedagógicas no Brasil</b> . Campinas: Autores Associados, 2008.			
SOUZA, Rosa Fátima. <b>História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil</b> . São Paulo: Cortez, 2008.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
CARVALHO, José Murilo de. <b>A formação das almas: o imaginário da República no Brasil</b> . São Paulo: Cia das Letras, 1990.			
CUNHA JUNIOR, Carlos Fernando Ferreira da. <b>O Imperial Collegio de Pedro II e o ensino secundário da boa sociedade brasileira</b> . Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.			
CUNHA, Luiz Antonio. <b>Educação, estado e democracia no Brasil</b> . São Paulo: Cortez, 1991.			
DEL PRIORE, Mary (Org.). <b>História das crianças no Brasil</b> . 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.			
FÁVERO, Osmar (Org.). <b>A educação nas constituintes brasileiras (1823-1988)</b> . Campinas: Autores Associados, 1996.			
FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). <b>Memória intelectual da educação brasileira</b> . Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2002.			
HILSDORF, M. L. <b>História da Educação Brasileira: leituras</b> . São Paulo: Thomson, 2003.			



LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra/Fundação Getúlio Vargas, 2000.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH555	História das religiões	4	60
<b>EMENTA</b>			
Estudo, em perspectiva comparada, da história das grandes religiões do Ocidente e do Oriente.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender conceitualmente a história das principais tradições religiosas do Ocidente e do Oriente, tendo como referencial de análise a perspectiva teórico-metológico e a leitura e a interpretação dos textos fundamentais.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ELIADE, Mircea. <b>História das crenças e das ideias religiosas</b> : da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. 1 v.			
ELIADE, Mircea. <b>História das crenças e das ideias religiosas</b> : de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. 2 v.			
ELIADE, Mircea. <b>História das crenças e das ideias religiosas</b> : De Maomé à Idade das Reformas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. 3 v.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
CAMPBELL, Joseph. <b>As máscaras de Deus</b> : mitologia ocidental. 2. ed. São Paulo: Palas Atena, 2008.			
CAMPBELL, Joseph. <b>As máscaras de Deus</b> : mitologia oriental. 6. ed. São Paulo: Palas Atena, 2008.			
CAMPBELL, Joseph. <b>As máscaras de Deus</b> : mitologia primitiva. São Paulo: Palas Atena, [s. d.].			
ECKEL, Malcom David. <b>Conhecendo o budismo</b> . Petrópolis: Vozes, 2009.			
GORDON, Matthew S. <b>Conhecendo o islamismo</b> . Petrópolis: Vozes, 2009.			
GRANET, Marcel. <b>O pensamento chinês</b> . Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.			
MOORE, Charles (Org.). <b>Filosofia</b> : oriente e ocidente. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1978.			
OLDSTONE-MOORE, Jennifer. <b>Conhecendo o taoísmo</b> . Petrópolis: Vozes, 2010.			
SCARPI, Paolo. <b>Politeísmos</b> : as religiões do mundo antigo (Egito, Roma, Grécia, Mesopotâmia, Pérsia). São Paulo: Hedra, 2004.			
WATTS, Alan. <b>Mito e religião</b> : transcritos editados. Rio de Janeiro: Fissus, 2002.			
ZIMMER, Heinrich. <b>Filosofias da Índia</b> . 4. ed. São Paulo: Palas Athena, 2008.			



Código	Componente Curricular	Créditos	Horas
GCH557	História do Futebol	04	60

#### EMENTA

A disciplina discutirá os principais aspectos históricos do futebol no Brasil e no mundo, tomando a História Social como referencial condutor. O futebol será visto dentro de sua interface com outros movimentos históricos, tais como industrialização e urbanização; conformação e afirmação das classes sociais; desenvolvimento da imprensa e massificação do esporte; criação de identidades locais, regionais e nacionais; relações entre o futebol e política, globalização e resistência.

#### OBJETIVO

Promover a discussão do futebol enquanto fenômeno social e objeto acadêmico.

#### REFERÊNCIAS BÁSICAS

ALABARCES, Pablo. **Futbolologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio. O futebol e o Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

#### REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. **“Com brasileiro não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: Unesp, 2004.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

FRYDENBERG, Julio. **Historia social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización**. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 2011.

GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni (Org.). **Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006.

GUAZZELLI, Cesar; DOMINGOS, Charles; BECK, José; QUINSANI, Rafael (Org.). **Vida é jogo! Ensaio de História, cinema e esporte**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Niterói: Eduff, 1998.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo,**



regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

MASCARENHAS, Gilmar. **A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar:** por uma Geografia do Futebol e de seu Advento no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2001.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH569	História e antropologia da alimentação	4	60
<b>EMENTA</b>			
As práticas alimentares no contexto histórico. A comida como cultura. A relação entre identidade e alimentação. Os saberes e práticas alimentares dos diferentes grupos. A tradição oral e escrita sobre a alimentação e o seu reconhecimento patrimonial.			
<b>OBJETIVO</b>			
Analisar as práticas alimentares no contexto histórico, bem como constitutivas da identidade cultural. Refletir sobre o processo de reconhecimento destas práticas como patrimônio imaterial de determinada cultura.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
CARNEIRO, Henrique. <b>Comida e Sociedade: uma história da alimentação</b> . Rio de Janeiro: Campus, 2003. CASCUDO, Luís da Câmara. <b>História da Alimentação no Brasil</b> . 3. ed. São Paulo: Global, 2004. FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Máximo. <b>História da alimentação</b> . 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2007. MENASCHE, Renata (Org.). <b>A Agricultura Familiar à Mesa: saberes e práticas da alimentação</b> . Porto Alegre: UFRGS, 2007. MONTANARI, Máximo. <b>Comida como cultura</b> . São Paulo: SENAC, 2008. TEMPASS, Martín César. O belo discreto: a estética alimentar Mbyá-Guarani. <b>Espaço Ameríndio</b> , Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 170-194, jul./dez. 2007.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ARAÚJO, Wilma M. C. et al. (Org.). <b>Coletânea de palestras do 1º Congresso de Gastronomia e Segurança Alimentar</b> . Brasília: UnB, 2004. BETEMPS, Leandro Ramos. <b>Vinhos e Doces ao Som da Marselhesa: um estudo sobre os 120 anos da tradição francesa na Colônia Santo Antônio em Pelotas – RS</b> . Pelotas: Educat, 2003. CORNELLI, Gabriele. <b>Cultura e alimentação</b> . 1. ed. São Paulo: SESC, 2007. CORREA, Norton Figueiredo. A comida é a base da religião: a culinária ritual no batuque do Rio Grande do Sul. <b>Horizontes Antropológicos</b> , v. 4, p. 49-60, 1996. COUTY, Louis; TAMBARA, Elomar. <b>A erva mate e o charque</b> . 2. ed. Pelotas: Seiva, 2000. DA MATTA, R. <b>O que faz do Brasil, Brasil</b> . Rio de Janeiro: Rocco, 1996. FREYRE, Gilberto. <b>Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e doces do Nordeste do Brasil</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1997. LESSA, Barbosa; LONA, Adolfo Alberto et al. <b>Do Pampa à Serra: os sabores da terra gaúcha</b> . Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 1999. TEMPASS, Martín César. <b>A doce cosmologia Mbyá-Guarani: uma etnografia de saberes e sabores</b> . Curitiba: Appris, 2012. WOORTMANN, Klaas A. A. W.; WOORTMANN, E. F. O significado do alimento na família camponesa. <b>Revista do Instituto Humanitas</b> , São Leopoldo, UNISINOS, v. 4, n. 163, p. 13-17, 2005.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH558	Imagem e História	4	60
<b>EMENTA</b>			
Estatuto da imagem em diferentes épocas e sociedades. Imagem e mimesis. A noção de representação e seus limites. A imagem como fonte para a história. A imagem como obra de arte. Os gêneros imagéticos. Imagem e movimento. Imagem e memória. O anacronismo das imagens. A imagem dialética. A imagem na sociedade do espetáculo. História e o Cinema. História e a Fotografia.			
<b>OBJETIVO</b>			
Refletir em distintas abordagens teórico-metodológicas sobre a relação entre as imagens e a história e suas implicações nas noções de memória, documento e arquivo.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
AGAMBEN, Giorgio. <b>O homem sem conteúdo</b> . Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 207 p. BENJAMIN, Walter. <b>Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas II</b> . São Paulo: Brasiliense, 1995. DELEUZE, Giles. <b>Lógica do sentido</b> . São Paulo: Perspectiva, 1998. DIDI-HUBERMAN, Georges. <b>O que vemos, o que nos olha</b> . São Paulo: Ed. 34, 1998. GOMBRICH, E. H. <b>Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica</b> . Trad. Raul de Sá Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1986. RANCIÈRE, Jacques. <b>O Destino das Imagens</b> . Lisboa: Orfeu Negro, 2011.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
AGAMBEN, Giorgio. <b>Image et mémoire: écrit sur l'image, la danse et le cinéma</b> . Paris: Hoëbeke, 1998. ANTELO, Raul. <b>Potências da imagem</b> . Chapecó: ARGOS, 2004. BENJAMIN, Walter. <b>Origem do drama trágico alemão</b> . Belo Horizonte: Autêntica, 2011. BURKE, Peter. <b>Testemunha ocular: história e imagem</b> . Baurú: EDUSC, 2004. 264 p. DEBORD, Guy. <b>A Sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo</b> . Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p. DIDI-HUBERMAN, Georges. <b>Ante el tiempo: história del arte y anacronismo de las imágenes</b> . Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2008. FABRIS, Annateresa (Org.). <b>Fotografia: usos e funções no século XIX</b> . São Paulo: EDUSP, 1991. MACHADO, Roberto. <b>Deleuze, a arte e a filosofia</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 2009. MOURA, Irineu; CARVALHO, Agda Regina de. História em quadrinhos e pós-moderno. <b>ARTEUNESP</b> , São Paulo, v. 8, p. 203-218, 1992. RANCIÈRE, Jacques. <b>O Espectador Emancipado</b> . São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.			



Código	Componente Curricular	Créditos	Horas
GCH556	História da Imprensa no Brasil	04	60
<b>EMENTA</b>			
Estudo da história da imprensa no Brasil. Imprensa literária. Pasquins. Imprensa política. A moderna imprensa: surgimento e afirmação. A ação das censuras: conformidade e resistência. Imprensa alternativa. Rádio e TV. Mídias modernas			
<b>OBJETIVO</b>			
Promover, através de seminários, a discussão das relações entre a imprensa e a escrita da História.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ARBEX JÚNIOR, José. <b>Showrnalismo: a notícia como espetáculo</b> . São Paulo: Casa Amarela, 2001.			
BARBOSA, Marialva. <b>História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000</b> . Rio de Janeiro: Mauad, 2007.			
DARNTON, Robert. <b>O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1990.			
RÜDIGER, Francisco. <b>Tendências do jornalismo</b> . Porto Alegre: UFRGS, 1998.			
SODRÉ, Nelson Werneck. <b>História da Imprensa no Brasil</b> . Rio de Janeiro: Mauad, 1999.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			
ABRAMO, Perseu. <b>Padrões de manipulação na grande imprensa</b> . São Paulo: Perseu Abramo, 2003.			
CALDAS, Breno; PINHEIRO MACHADO, José Antônio. <b>Meio século de Correio do Povo: glória e agonia de um grande jornal</b> . Porto Alegre: L&PM, 1987.			
CAPELATO, Maria Helena. <b>Imprensa e História do Brasil</b> . São Paulo: Contexto, 1988.			
CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. <b>O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo</b> . São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.			
DORFMAN, Ariel; MATTELART, Armand. <b>Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo</b> . São Paulo: Paz e Terra, 2002.			
FERRO, Marc. <b>A manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação</b> . São Paulo: Ibrasa, 1983.			
FRAGA, Gerson Wasen. <b>Branco e vermelhos: a Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939)</b> . Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.			
GALVANI, Walter. <b>Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior</b> . Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.			
MARX, Karl. <b>Liberdade de imprensa</b> . Porto Alegre: L&PM, 1999.			
SSÓ, Ernani. <b>Barão de Itararé</b> . Porto Alegre: Tchê, 1984.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH559	Intérpretes do Brasil	4	60
<b>EMENTA</b>			
História das idéias. História intelectual do Brasil. Clássicos da interpretação do Brasil. A obra e o pensamento de Gilberto Freyre, Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Nelson Werneck Sodré, Josué de Castro, Darcy Ribeiro e Raymundo Faoro em perspectiva comparada.			
<b>OBJETIVO</b>			
Estudar as obras fundamentais dos assim chamados “intérpretes do Brasil”, de modo a oferecer aos estudantes de graduação oportunidade para aprofundar seus conhecimentos em História do Brasil desde a leitura, a análise e a interpretação dos clássicos do pensamento brasileiro.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
AXT, Gunter; SCHULLER, Fernando. <b>Intérpretes do Brasil</b> – Ensaio de cultura e identidade. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.			
FAUSTO, Boris. <b>História concisa do Brasil</b> . São Paulo: Edusp, 2009.			
MARTINS, Wilson. <b>História da inteligência brasileira</b> . São Paulo: Cultrix, 1977. 7 v.			
REIS, José Carlos. <b>As identidades do Brasil</b> – de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.			
SANTIAGO, Silviano (Org.). <b>Intérpretes do Brasil</b> . Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. <b>Dependência e desenvolvimento na América Latina</b> : ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.			
CASTRO, Josué de. <b>Geografia da fome</b> – O dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.			
FAORO, Raymundo. <b>Os donos do poder</b> . Formação do patronato político brasileiro. São Paulo: Globo, 2008.			
FERNANDES, Florestan. <b>A revolução burguesa no Brasil</b> . Ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 2006.			
FREYRE, Gilberto. <b>Casa Grande &amp; Senzala</b> . Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2010.			
FURTADO, Celso. <b>Formação econômica do Brasil</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2010.			
HOLANDA, Sérgio Buarque. <b>Raízes do Brasil</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2009.			
_____. <b>Visão do paraíso</b> . São Paulo: Brasiliense, 1994.			
PRADO JR., Caio. <b>Formação do Brasil Contemporâneo</b> . São Paulo: Brasiliense, 2009.			
RIBEIRO, Darcy. <b>O povo brasileiro</b> : a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH570	História das mulheres e das relações de gênero	4	60

#### EMENTA

Análise dos elementos teóricos e metodológicos para a construção de um conhecimento a partir do conceito de gênero e das relações de gênero e suas implicações na história das mulheres. Gênero como categoria útil de análise histórica. O feminismo. Construções acerca da masculinidade e feminilidade. Sexualidade e maternidade.

#### OBJETIVO

Discutir e apreender a construção sócio-histórica acerca das relações de gênero articulando gênero a outras categorias. Analisar a história das mulheres, o movimento feminista e as construções discursivas sobre os sujeitos. Possibilitar que os alunos adquiram subsídios teóricos e práticos para o desenvolvimento de suas pesquisas.

#### REFERÊNCIAS BÁSICAS

GROSSI, Miriam. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, n. 75, Florianópolis, PPGAS/UFSC, 2004.

PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Org.). **Masculino, Feminino, Plural**. Gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Mulheres, 2002.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: EDUSC, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul/dez. 1995.

#### REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor marterno**. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Traduzido por Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: UNESP, 2003.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História – Operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SCOTT, Joan. **A cidadã paradoxal**. As feministas francesas e os direitos do homem. Florianópolis: Mulheres, 2002.

Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
--------	-----------------------	----------	-------



GCH571	História, escravidão e pós-abolição	4	60
<b>EMENTA</b>			
A escravidão no período colonial e imperial brasileiro. Formas de resistência, negociação e conflito. Experiências de cativo e liberdade. Família, gênero e infância negra no período escravista. Associações negras no período escravista e pós-abolição. As fontes e o debate historiográfico.			
<b>OBJETIVO</b>			
Analisar a escravidão e o período pós-abolição brasileiro enfatizando as formas de resistência e as novas abordagens acerca da temática escravista.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ABREU, Martha; PEREIRA, Matheus Serva (Org.). <b>Caminhos da liberdade: histórias da abolição e do pós-abolição no Brasil</b> . Niterói: PPGHistória-UFF, 2011.			
GRAHAM, Sandra Lauderdale. <b>Caetana diz não: histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2005.			
MATTOS, Hebe; RIOS, Ana Lugão. <b>Memórias do cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição</b> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.			
MOREIRA, Paulo R. S. <b>Os cativos e os homens de bem – Experiências negras no espaço urbano</b> . 1. ed. Porto Alegre: EST, 2003.			
REIS, João Jose (Org.). <b>Escravidão e suas sombras</b> . 1. ed. Salvador: Edufba, 2012.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ALGRANTI, Leila Mezan. <b>O feitor ausente: estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro – 1808-1822</b> . Petrópolis: Vozes, 1988.			
CHALHOUB, Sidney. <b>Visões da liberdade</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1990.			
_____. <b>Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque</b> . Campinas: Unicamp, 2005.			
FREYRE, Gilberto. <b>Casa Grande e Senzala</b> . 48. ed. São Paulo: Global, 2006.			
LARA, Sílvia Hunold. <b>Campos da violência: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.			
LONER, Beatriz Ana. <b>Negros: Organização e Luta em Pelotas</b> . História em Revista. Pelotas: UFPel, 1999.			
MATTOS, Hebe. <b>Das cores do silêncio</b> . Os significados da liberdade no sudeste escravista (Brasil sec. XIX). 1. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.			
MATTOSO, Katia M. De Queiros. <b>Ser escravo no Brasil</b> . São Paulo: Brasiliense, 2001.			
MONSMA, Karl. <b>América Afro-Latina – 1800-2000</b> . São Carlos, SP: EdUFSCar, 2007.			
SLENES, Robert. <b>Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil sudeste século XIX</b> . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH572	História, patrimônio e museu	4	60
<b>EMENTA</b>			
Análise do papel do patrimônio e dos museus e sua construção e utilização na sociedade. O patrimônio material e imaterial. As políticas de preservação do patrimônio no Brasil. Reflexão sobre a instituição museal e a educação para o patrimônio. A construção das narrativas nos museus e as diferentes concepções acerca do mesmos. Refletir sobre a utilização dos museus no processo educativo e do ensino da história.			
<b>OBJETIVO</b>			
Proporcionar a reflexão sobre o papel do patrimônio e do museu na sociedade, suas narrativas e construções. Analisar a constituição e ampliação do patrimônio e das políticas de preservação no país, bem como a utilização do patrimônio e do museu no ensino da história.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
CHAGAS, Mário; ABREU, Regina. <b>Memória e Patrimônio</b> . Ensaios Contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.			
CHOAY, Françoise. <b>A alegoria do patrimônio</b> . 3. ed. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006.			
FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves. <b>Museus do Gabinete de Curiosidades à Museologia Moderna</b> . Belo Horizonte/Brasília: Argumentum, 2005.			
FONSECA, Maria Cecília Londres. <b>O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
CHAGAS, Mário. <b>Há uma gota de sangue em cada museu</b> . A ótica museológica de Mário de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.			
GONÇALVES, José Reginaldo Santos. <b>A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil</b> . 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.			
GOUVÊA, G.; MIRANDINO, M.; LEAL, M. C. (Org.). <b>Educação e Museu</b> . A construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003.			
LE GOFF, Jacques. <b>História e memória</b> . 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.			
MACHADO, Maria B. P. <b>Educação Patrimonial</b> – orientações para professores do ensino fundamental e médio. Caxias do Sul: Maneco, 2004.			
MENESES, Ulpiano Bezerra de. Os museus na era do virtual. In: BITTENCOURT, José Neves; GRANATO, Marcus; BENCHETRIT, Sarah Fassa (Org.). <b>Museus, ciência e tecnologia</b> . Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007.			
PINHEIRO, Marcos Hosé. <b>Museu, memória e esquecimento</b> . Um projeto da modernidade. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.			
RAMOS, Francisco Régis Lopes. <b>A danação do objeto: o museu no ensino de História</b> . Chapecó: Argos, 2004.			
SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. <b>A escrita do passado em museus históricos</b> . Rio de Janeiro: Garamond, MinC, IPHAN, DEMU, 2006.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH568	Historiografia brasileira	4	60
<b>EMENTA</b>			
A produção da História na América portuguesa, Império e República. Formação do IHGB. A geração de 1930 e os Ensaios de Interpretação nacional. A produção marxista no Brasil. A renovação historiográfica contemporânea.			
<b>OBJETIVO</b>			
Analisar a produção historiográfica brasileira da sua consolidação como campo constituído de saber até as atuais problematizações.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. <b>História: a arte de inventar o passado</b> . Bauru, SP: EDUSC, 2007. ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. <b>Guerra e paz: Casa Grande &amp; Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30</b> . Rio de Janeiro: ed. 34, 1994. CAPISTRANO DE ABREU, João. História Pátria. In: CAPISTRANO DE ABREU, João. <b>Ensaios e estudos (críticas e história)</b> . 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. GOMES, Angela de Castro. <b>A República, a História e o IHGB</b> . Belo Horizonte: Argumentvm, 2009. HOLANDA, Sérgio Buarque de. <b>Raizes do Brasil</b> . 26. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995. LEITE, Dante Moreira. <b>O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia</b> . 5. ed. São Paulo: Ática, 1992.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
BRESCIANI, Maria Stella Martins. <b>O charme da Ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil</b> . 2. ed. São Paulo: UNESP, 2007. FREITAS, Marcos César de (Org.). <b>Historiografia brasileira em perspectiva</b> . São Paulo: Contexto, 1998. FREYRE, Gilberto. <b>Casa-grande &amp; senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal</b> . 21. ed. São Paulo: Global, 2001. FURTADO, Celso. <b>Formação econômica do Brasil</b> . 19. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1984. GOMES, Ângela de Castro. <b>História e historiadores: a política cultural do Estado Novo</b> . Rio de Janeiro: FGV, 1996. GUIMARAES, Manoel Luiz Salgado (Org.). <b>Estudos sobre a escrita da história</b> . Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006. HOLANDA, Sérgio Buarque de. <b>Visões do Paraíso</b> . 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. RAGO, Luzia Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira. <b>Narrar o passado, repensar a história</b> . Campinas: UNICAMP, 2000. RODRIGUES, Jose Honorio. <b>História e historiografia</b> . Petrópolis: Vozes, 1970. SODRE, Nelson Werneck. <b>Formação histórica do Brasil</b> . 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.			



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
GCH561	Marxismo	4	60
<b>EMENTA</b>			
O conjunto das idéias filosóficas, econômicas, sociais, políticas, culturas e históricas que compõem a obra de Karl Marx. As tradições de pensamento com as quais essa obra dialoga – a economia política inglesa, o materialismo filosófico francês, a dialética hegeliana –, bem como a formulação do Materialismo Dialético e do Materialismo Histórico. As relações da obra de Karl Marx com a experiência socialista e comunista dos séculos XIX e XX. A fortuna crítica da obra de Karl Marx. Os marxismos. A atualidade da obra de Karl Marx.			
<b>OBJETIVO</b>			
A disciplina oportunizará o aprofundamento dos estudantes na compreensão da obra de Karl Marx em uma relação orgânica com a grade curricular do curso, ao estabelecer os nexos entre aquela obra e aspectos fundamentais das Teorias e Metodologias da História; da História Moderna e Contemporânea; e da História do Brasil e da América Latina. Também será destacado o espírito interdisciplinar da obra de Karl Marx, investindo-se nas relações da História especialmente com as Ciências Sociais e a Filosofia.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ATTALI, Jacques. <b>Karl Marx ou o espírito do mundo</b> . Rio de Janeiro: Record, 2007. BOTTOMORE, Tom. <b>Dicionário do pensamento marxista</b> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. COUTINHO, Carlos Nelson. <b>O Manifesto Comunista 150 anos depois</b> . Rio de Janeiro: Contraponto, 1998. MARX, Karl. <b>Manifesto do Partido Comunista</b> . Petrópolis: Vozes, 1989. _____. <b>O Capital: crítica da economia política</b> . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970-1975. 6 v. ROSDOLSKY, Roman. <b>Gênese e estrutura de O Capital, de Karl Marx</b> . Rio de Janeiro: EDURJ, 2001.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
BERMAN, Marshall. <b>Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1997. FAUSTO, Ruy. <b>Marx: lógica e política</b> . São Paulo: Brasiliense, 1983-1987. 2 v. GIANOTTI, José Arthur. <b>Certa herança marxista</b> . Companhia das Letras, 2000. GRESPLAN, Jorge. <b>O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política</b> . São Paulo: Hucitec, 1999. HOBSBAWM, Eric J. <b>Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840-2011</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2011. KOSÍČ, Karel. <b>Dialética do concreto</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. KURZ, Robert. <b>O colapso da modernização</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. LÖWY, Michel (Org.). <b>O marxismo na América Latina</b> . São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. MARQUES, J. Luiz. <b>O marxismo: passado e presente</b> . Porto Alegre: UFRGS, 1992. SANTOS, Boaventura de Souza. <b>Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade</b> . São Paulo: Cortez, 1996.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH562	História, Fontes Orais e Memória	4	60
<b>EMENTA</b>			
Análise das perspectivas teóricas e procedimentos metodológicos relacionados ao uso dos suportes da memória como fonte de pesquisa para a produção historiográfica. História oral possibilidades e desafios. Interfaces entre a memória, história e narrativa.			
<b>OBJETIVO</b>			
Discutir os conceitos de memória, história oral e narrativa problematizando seu uso como fonte e/ou método de pesquisa. Possibilitar que os alunos adquiram subsídios teóricos e práticos para o desenvolvimento de suas pesquisas.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ALBERTI, Verena. <b>Manual de História Oral</b> . Rio de Janeiro: FGV, 2004			
AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (Org.). <b>Usos e abusos da História Oral</b> . Rio de Janeiro: FGV, 1996.			
HALBWACHS, Maurice. <b>A memória coletiva</b> . São Paulo: Centauro, 2004.			
LE GOFF, Jacques. <b>História e Memória</b> . Campinas: UNICAMP, 1994.			
MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. <b>História oral: como fazer, como pensar</b> . 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.			
MONTENEGRO, Antonio Torres. <b>História oral e memória: a cultura popular revisitada</b> . 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ALBERTI, Verena. <b>Ouvir contar</b> . Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.			
BENJAMIN, Walter. <b>O narrador. Obras Escolhidas</b> . São Paulo: Brasiliense, 1994. 3 v.			
BOSI, Ecléa. <b>Memória e Sociedade</b> . Lembranças de Velhos. São Paulo: USP, 1987.			
BRESCIANI, Stella; NAXARA, Maria (Org.). <b>Memória e (Res) Sentimento</b> . Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004.			
CANDAU, Joël. <b>Antropologia de la memoria</b> . Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.			
FERREIRA, Marieta (Org.). <b>História Oral: desafios para o século XXI</b> . Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC – FGV, 2000.			
JAMES, Daniel. <b>Doña María: história de vida, memória y identidad política</b> . Buenos Aires: Manantial, 2004.			
LE GOFF, Jacques. <b>História e Memória</b> . Campinas: UNICAMP, 1994.			
POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. <b>Estudos Históricos</b> , Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989,			
PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: <b>Projeto História nº 15</b> . São Paulo: PUC, 1997. p. 13-50.			
THOMPSON, Paul. <b>A Voz do Passado</b> . História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH563	Modernidade: História, linguagens e ficções	4	60
<b>EMENTA</b>			
Modernidade e Anti Modernidade. Esfera pública. Mundos da Intimidade. As narrativas: Histórica e Ficcional. Século XIX e XX: Literatura, Rádio, Cinema, fotografia e TV. Pós-Modernidade e história cultural. Processos contemporâneos de subjetivação. Identidade e identificação.			
<b>OBJETIVO</b>			
Compreender a modernidade em seu caráter plural e multifacetado a partir de um empreendimento arqueológico de suas expressões culturais.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BAUMAN, Zygmunt. <b>Modernidade líquida</b> . Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2001. BENJAMIN, Valter. <b>Obras Escolhidas II</b> . São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. COMPAGNON, Antoine. <b>Os cinco Paradoxos da Modernidade</b> . Belo Horizonte: UFMG, 1996. GAY, Peter. <b>Modernismo: o fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco</b> . São Paulo: Cia das Letras, 2009. JAMESON, Fredric. <b>Modernidade singular: ensaio sobre a ontologia do presente</b> . Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005. WHITE, Hyden. <b>Meta-História: imaginação histórica do século XIX</b> . São Paulo: EDUSP, 1990.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
AGAMBEN, Giorgio. <b>Image et mémoire: écrit sur l'image, la danse et le cinema</b> . Paris: Hoëbeke, 1998. _____. <b>La potencia del pensamiento</b> . Barcelona: Anagrama, 2008. ARENDDT, Hannah. <b>A condição humana</b> . Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987. BAUMAN, Zygmunt. <b>Modernidade e holocausto</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 1998. BHABHA, Homi K. <b>O local da cultura</b> . Belo Horizonte: UFMG, 2001. CANCLINI, Néstor Garcia. <b>Culturas Híbridas</b> . São Paulo: EDUSP, 1997. CEVASCO, Maria Elisa. <b>Dez lições sobre estudos culturais</b> . São Paulo: Boitempo, 2003. DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. <b>Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia</b> . Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. 4 v. DERRIDA, Jacques. <b>Margens da Filosofia</b> . Campinas: Papirus, 1991. DIDI-HUBERMAN, Georges. <b>O que vemos, o que nos olha</b> . São Paulo: Editora 34, 1998.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH565	História do pensamento econômico	4	60
<b>EMENTA</b>			
Uma definição de capitalismo. Passagens do feudalismo para o capitalismo. O mercantilismo. Idéias econômicas anteriores a Adam Smith. O liberalismo clássico. Lei dos mercados, Lei de Say. A economia do socialismo. A crítica de Marx à economia clássica. “O capital”, de Karl Marx. A teoria do valor-trabalho. O liberalismo neoclássico. O utilitarismo. Teorias do imperialismo: Hobson, Luxemburgo e Lênin. 1929 e a crise do liberalismo. As idéias de John Maynard Keynes. Friedrich Kayek, Milton Friedman e a reação neoliberal. A atualidade.			
<b>OBJETIVO</b>			
Explorar a evolução das idéias e teorias econômicas em perspectiva histórica, de modo a (1) oferecer aos estudantes de graduação oportunidade para aprofundar seus conhecimentos em História Moderna e Contemporânea desde o ponto de vista de uma dimensão essencial dessa História: a econômica, constituindo uma História do Capitalismo; e (2) conferir sustentação teórica a todo um campo de investigação da História, a História Econômica, potencializando possibilidades de pesquisa.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ARRIGHI, Giovanni. <b>O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo</b> . Rio de Janeiro: UNESP, 1996.			
HEILBRONER, Robert L. <b>A História do Pensamento Econômico</b> . São Paulo: Nova Cultural, 1996.			
HUNT, E. K. <b>História do Pensamento Econômico</b> . Petrópolis: Vozes, 1997.			
NAPOLEONI, Cláudio. <b>O pensamento econômico do século XX</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.			
SANDRONI, Paulo. <b>Novo dicionário de Economia</b> . São Paulo: Best Seller, 1994.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
BEAUD, Michel. <b>História do Capitalismo: de 1500 até nossos dias</b> . São Paulo: Brasiliense, 1994.			
GALBRAITH, John Kenneth. <b>1929: a crise que mudou o mundo</b> . São Paulo: Larousse, 2010.			
HAYEK, Friedrich A. Von. <b>O caminho da servidão</b> . Porto Alegre: Globo, 1977.			
HOBSBAWM, Eric. <b>A era das revoluções, 1789-1848</b> . São Paulo: Paz e Terra, 2011.			
_____. <b>Era dos extremos: O breve século XX, 1914-1991</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2010.			
LE GOFF, Jacques. <b>A bolsa e a vida: economia e religião na Idade Média</b> . São Paulo: Brasiliense, 1989.			
ROSS, Ian Simpson. <b>Adam Smith: uma biografia</b> . Rio de Janeiro: Record, 1999.			
SINGER, Paul. <b>O Capitalismo: sua evolução, sua lógica e sua dinâmica</b> . São Paulo: Moderna, 1997.			
WHEEN, Francis. <b>O Capital de Marx: uma biografia</b> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH448	História do pensamento latino-americano	4	60
<b>EMENTA</b>			
História das idéias. História intelectual da América Latina. História e identidade latino-americanas. Clássicos do pensamento crítico latino-americano. A obra e o pensamento de José Martí, José Enrique Rodó, José Carlos Mariátegui, Augusto Cezar Sandino, Ernesto “Che” Guevara, Leopoldo Zea, Eduardo Galeano e Subcomandante Marcos em perspectiva comparada.			
<b>OBJETIVO</b>			
Estudar a evolução do pensamento crítico latino-americano em perspectiva histórica, oferecendo aos estudantes de graduação um momento para adensar seus conhecimentos em História da América Latina a partir da leitura e análise dos principais textos interpretativos da realidade latino-americana.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BETHELL, Leslie (Org.). <b>História da América Latina</b> . São Paulo: EDUSP, 1994-2005. 5 v. CANO, Wilson. <b>Soberania e política econômica na América Latina</b> . São Paulo: UNESP, 2000. DONGHI, Tulio Halperin. <b>História da América Latina</b> . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. MITRE, Antonio. <b>O dilema do centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano</b> . Belo Horizonte: UFMG, 2003. ZEA, Leopoldo (Org.). <b>Fuentes de la cultura latinoamericana</b> . México: Fondo de Cultura Económica, 1993-1995. 3 v.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ANDERSON, John Lee. <b>Che Guevara: uma biografia</b> . Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. DI FELICI, Massimo; MUÑOZ, Cristóbal. <b>A revolução invencível – Cartas e comunicados: Subcomandante Marcos e Exército Zapatista de Libertação Nacional</b> . São Paulo: Boitempo, 1998. GALEANO, Eduardo. <b>As veias abertas da América Latina</b> . São Paulo: Paz e Terra, 2008. MARIÁTEGUI, José Carlos. <b>Sete ensaios de interpretação da realidade peruana</b> . São Paulo: Alfa-Ômega, 1975. MARTÍ, José. <b>Nossa América</b> . São Paulo: Hucitec, 1991. MENDOZA, Plinio Apuleyo. <b>Manual do perfeito idiota latino-americano</b> . Rio de Janeiro: Bertrand, 1997. PRÉBISCH, Raúl. <b>Dinâmica do desenvolvimento latino-americano</b> . Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964. RODÓ, José Enrique. <b>Ariel</b> . Barcelona: Cervantes, 1926. SELSER, Gregório. <b>Sandino: general de homens livres</b> . São Paulo: Global, 1979. ZEA, Leopoldo. <b>A filosofia latino-americana como filosofia</b> . São Paulo: Pensieri, 1994.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH566	História das relações interétnicas	4	60
<b>EMENTA</b>			
Etnia e Grupos Étnicos. Etnicidade e Relações Interétnicas. Processos Sócio – Culturais de Construção de Identidades Étnicas. Estudo das Relações Étnicas no Brasil e no Rio Grande do Sul. Movimentos Étnicos Contemporâneos.			
<b>OBJETIVO</b>			
Discutir as relações que se estabeleceram entre os diversos e diferentes grupos étnicos na formação social do Brasil.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BORDIEU, Pierre. <b>O poder simbólico</b> . Lisboa: DIFEL, 1989.			
HALL, Stuart. <b>Da Diáspora: identidades e mediações culturais</b> . Belo Horizonte: UFMG, 2003.			
POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. <b>Teorias da Etnicidade</b> . São Paulo: UNESP, 1998.			
RIBEIRO, Darcy. <b>Os Índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil Moderno</b> . Petrópolis: Vozes, 1970.			
SCHWARCZ, Lilia Moritz. <b>O espetáculo das raças</b> . São Paulo: Cia das Letras, 1993.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
BARTH, F. <b>O Guru, o Iniciante e Outras Variações Antropológicas</b> . Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.			
CARNEIRO, Maria L. T. <b>Preconceito Racial no Brasil Colônia</b> . São Paulo: Brasiliense, 1983.			
GOFFMAN, Erving. <b>Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada</b> . Rio de Janeiro: Zahar, 1982.			
GRITTI, Isabel R. <b>Imigração Polonesa: a emergência do preconceito</b> . Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007.			
HALL, Stuart. <b>A identidade cultural na pós – modernidade</b> . 6. ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2001.			
SANSONE, Livio. <b>Negritude sem etnicidade: o local e o global nas Relações Raciais e na produção cultural negra no Brasil</b> . Salvador: Pallas, 2003.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH567	Tempo, memória e narrativa	4	60
<b>EMENTA</b>			
As reflexões a respeito do Tempo e suas implicações na concepção de distintos regimes de historicidade. As distinções e relações entre História e Memória. Os investimentos políticos na Memória e Patrimônio na contemporaneidade. O problema do Arquivo para os Historiadores. Os conceitos de anacronismo, esquecimento e narrativa na historiografia contemporânea.			
<b>OBJETIVO</b>			
Refletir sobre o tempo e suas implicações na políticas da memória e nas narrativas historiográficas na contemporaneidade.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
AGAMBEN, Giorgio. <b>Infância e história:</b> destruição da experiência e origem da história. Nova ed. aum. Belo Horizonte: UFMG, 2005. 188 p.			
BENJAMIN, Walter. <b>Magia e técnica, arte e política:</b> ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 253 p.			
DELEUZE, Gilles. <b>Bergsonismo.</b> São Paulo: Editora 34, 1999. 141 p			
DIDI-HUBERMANN, Georges. <b>Sobrevivência dos Vaga-Lumes.</b> Belo Horizonte: UFMG, 2011. 160 p.			
NOVAES, Adauto (Org.). <b>Tempo e história.</b> São Paulo: Cia das Letras, 1992. 477 p.			
RICOEUR, Paul. <b>A memória, a história, o esquecimento.</b> Campinas: UNICAMP, 2007. 535 p.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
AGAMBEN, Giorgio. <b>O que é o contemporâneo?</b> e outros ensaios. Chapecó: ARGOS, 2009. 92 p.			
AGAMBEN, Giorgio. <b>O que resta de Auschwitz:</b> o arquivo e a testemunha: homo sacer III. São Paulo: Boitempo, 2008. 175 p.			
BERGSON, Henri. <b>Matéria e memória:</b> ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 4. ed. São Paulo: WMF M. Fontes, 2010.			
DELEUZE, Gilles. <b>Proust e os signos.</b> Rio de Janeiro: Forense-Universitaria, 1987. 183 p.			
GAGNEBIN, Jeanne-Merie. <b>Lembrar, escrever, esquecer.</b> 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009. 223 p.			
GAGNEBIN, Jeanne-Merie. <b>Sete aulas sobre linguagem, memória e história.</b> Rio de Janeiro: Imago, 1997. 186 p.			
KOSELLECK, Reinhart. <b>Futuro passado:</b> contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2006. 366 p.			
MACHADO, Roberto. <b>Deleuze, a arte e a filosofia.</b> Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 340 p.			
NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; MELO SOBRINHO, Noéli Correia de. <b>Escritos sobre história.</b> Rio de Janeiro/São Paulo: PUC/Rio, Loyola, 2005.			
SELIGMANN-SILVA, Márcio. <b>Palavra e imagem:</b> memória e escrita. Chapecó: ARGOS, 2006. 403 p.			



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH395	Educação Popular e EJA	4	60
<b>EMENTA</b>			
<p>Aspectos sócio-políticos e culturais que caracterizam o Brasil como país pluricultural na contemporaneidade. Abordagem sobre os conceitos de cultura, identidade, etnia, educação não-formal, arte-educação. O conceito de cultura popular e sua evolução no Brasil. O papel dos veículos de comunicação de massa e da indústria cultural, e suas influências na nossa cultura contemporânea. Processos educativos que envolvam questões relativas à cultura popular a partir do contato com seus protagonistas: mestres, brincantes, músicos, dançantes, artesãos, etc. As manifestações da cultura popular enquanto processos de construção da identidade cultural no âmbito da educação formal e não-formal.</p>			
<b>OBJETIVO</b>			
<p>Refletir sobre os aspectos políticos e teóricos da educação popular no Brasil.</p>			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<p>ARANTES, Antonio A. <b>O que é Cultura Popular</b>. São Paulo: Brasiliense, 1990.</p> <p>BRANDÃO, Carlos Rodrigues. <b>A Educação Popular na Escola Cidadã</b>. São Paulo: Vozes, 2002.</p> <p>_____. <b>Educação Popular</b>. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).</p> <p>_____. A Educação Popular e a Educação de Jovens e Adultos: antes e agora. In: MACHADO, Maria Margarida (Org.). <b>Formação de Educadores de Jovens e Adultos</b>. II Seminário Nacional. Brasília: SECAD/MEC, UNESCO, 2008. p. 17-56.</p> <p>FREIRE, Paulo. <b>A Educação na Cidade</b>. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.</p>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
<p>COSTA, Marisa Vorraber; FREURI, Reinaldo Matias. <b>Travessia: questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular</b>. Ijuí: Unijui, 2001.</p> <p>FÁVERO, Osmar. <b>Cultura Popular, Educação Popular: memória dos anos 60</b>. Rio de Janeiro: Graal, 1983.</p> <p>FAVERO, Osmar. <b>Uma Pedagogia da Participação Popular: análise da prática educativa do MEB (1961/1966)</b>. Campinas: Autores Associados, 2006. (Coleção Educação Contemporânea).</p> <p>FREIRE, P.; NOGUEIRA, A. <b>Que fazer: teoria e prática em educação popular</b>. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.</p> <p>FREIRE, Paulo. <b>A Educação na Cidade</b>. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.</p> <p>FREIRE, Paulo. <b>Extensão ou Comunicação?</b> 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.</p> <p>PAIVA, Vanilde, P. <b>História da Educação Popular no Brasil: educação popular e educação de adultos</b>. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2003.</p> <p>PALUDO, Conceição. <b>Educação Popular em Busca de Alternativas: uma leitura desde o campo democrático popular</b>. Porto Alegre: Tomo, 2001.</p>			



TORRES, Rosa Naria (Org.). **Educação Popular**: um encontro com Paulo Freire. São Paulo: Loyola, 1987. 9 v. (Coleção Educação Popular).

VALE, Ana Maria do. **Educação Popular na Escola Pública**. 4. ed. São Paulo: Cotez, 2001. 8 v. (Coleção Questões da Nossa Época).



Código	COMPONENTE CURRICULAR	Créditos	Horas
GCH564	História dos movimentos sociais no campo	4	60
<b>EMENTA</b>			
Paradigmas clássicos e contemporâneos. Movimentos Sociais: identidade, cidadania e democratização. A Cultura política, cotidiano e ação política nos movimentos sociais. A política de Reforma Agrária. Principais mediadores da luta pela terra, no século XX, no Brasil.			
<b>OBJETIVO</b>			
Analisar o processo de luta pela Reforma Agrária e a constituição de atores sociais no Brasil do século XX.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Luiz Bernardo (Org.). <b>América Latina: história, ideias e revolução</b> . 2. ed. São Paulo: Xamã, 1998.			
CALDERÓN, Fernando. <b>Movimientos sociales y política: la década de los ochenta em latinoamérica</b> . México: Siglo Veintiuno, 1995.			
DAGNINO, Eveline; ESCOBAR, A. (Org.). <b>Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos: novas leituras</b> . Belo Horizonte: UFMG, 2000.			
HOUTZAGER, Peter. <b>OS últimos cidadãos: conflitos e modernização no Brasil rural (1964-1995)</b> . São Paulo: Globo, 2004.			
MARTINS, José de Souza. <b>Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político</b> . 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.			
MELUCCI, Alberto. <b>A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas</b> . Petrópolis: Vozes, 2001.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ARELLANO, Alejandro Buenrostro Y. <b>As raízes do fenômeno Chiapas: o já basta da resistência zapatista</b> . São Paulo: Alfarrábio, 2002.			
DE VOS, Jan. <b>Una Tierra para sembrar sueños</b> . México/D.F.: FCE, 2002.			
DELGADO, Lucilia de Almeida; FERREIRA, Jorge (Org.). <b>O Brasil república: regime militar e movimentos sociais em fins de século XX</b> . São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.			
FERNANDES, Bernardo Mançano. <b>A formação do MST no Brasil</b> . Petrópolis: Vozes, 2000.			
FERNANDES, Florestan. <b>Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina</b> . 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.			
GOHN, Maria da Glória. <b>Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos</b> . 2. ed. São Paulo: Loyola, 1997.			
GRYBOWSKI, Candido. <b>Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo</b> . Petrópolis: Vozes, 1987.			
IAKOI, Zilda Gricoli. <b>Igreja e Camponeses: Teologia da Libertação e Movimentos Sociais</b>			



no Campo, Brasil e Peru, 1964-1986. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCHERER-WARREN, Ilse. O caráter dos novos movimentos sociais. In: KRISCHKE, Paulo J. **Uma revolução no cotidiano?** Os novos movimentos sociais na América do Sul. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WOLF, Eric. **Guerras camponesas do século XX.** São Paulo: Global, 1984.



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
GCH573	História da arte	4	60
<b>EMENTA</b>			
A arte como documento para pensar a História. Dimensões sobre a vida pública e privada através da arte: gregos e romanos. Valores artísticos entre cristãos, bizantinos, islâmicos, românicos e góticos. O mundo moderno: Renascimento, Barroco e Romantismo. Modernidade e Pós-Modernidade na arte. Diversidade cultural, tendências e embates atuais.			
<b>OBJETIVO</b>			
Familiarizar os alunos com o universo das fontes visuais, especialmente com fontes artísticas, habilitando-os a identificar problemáticas, a propor questões e analisa-las.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
ADES, Dawn. <b>Arte na América Latina: a era moderna (1820-1980)</b> . São Paulo: Cosac & Naify, 1997. ARGAN, Giulio Carlo. <b>História da arte italiana</b> . São Paulo: Cosac Naify, 2003. 3 v. BURUCÚA, José Emílio. <b>História, arte, cultura: De Aby Warburg a Carlo Ginzburg</b> . Argentina: Fôndo de Cultura Econômica, 2003. GOMBRICH, E. H. <b>A história da arte</b> . Rio de Janeiro: LTC, 1999. _____. <b>Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica</b> . São Paulo: Martins Fontes, 1986. PANOFSKY, Erwin. <b>Significado nas artes visuais</b> . São Paulo: Perspectiva, 2002. WARBURG, Aby. <b>Atlas Mnemosyne</b> . Madrid: Ediciones AKAL S.A., 2010.			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			
ALPERS, Svetlana. <b>A arte de descrever: a arte holandesa no século XVII</b> . São Paulo: Edusp, 1999. ARGAN, Giulio Carlo. <b>História da arte italiana</b> . São Paulo: Cosac Naify, 2003. 3 v. _____. <b>Clássico anticlássico: o Renascimento de Brunelleschi a Bruegel</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1999. BASTIDE, Roger. <b>Arte e sociedade</b> . São Paulo: Companhia Editorial Nacional/EDUSP, 1971. BELTING, Hans. <b>O fim da história da arte: uma revisão 10 anos depois</b> . São Paulo: Cosac Naify, 2006. BOURDIEU, Pierre. <b>As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 1996. CLARK, T. J. <b>A pintura da vida moderna: Paris na arte de Manet e de seus seguidores</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2004. ECO, Umberto (Org.). <b>História da beleza</b> . Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004. PANOFSKY, Erwin. <b>Renascimento e Renascimentos na arte ocidental</b> . Lisboa: Presença, 1981. PEVSNER, Nikolaus. <b>Academias de arte: passado e presente</b> . São Paulo: Companhia das Letras, 2005. WOLFFLIN, H. <b>Conceitos fundamentais da história da arte</b> . São Paulo: Martins Fontes, 2000.			



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
GCH529	Seminário temático em História I	4	60
<b>EMENTA</b>			
<b>OBJETIVO</b>			
Desenvolver estudo aprofundado sobre tópicos relacionados à História.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
GCH530	Seminário temático em História II	4	60
<b>EMENTA</b>			
<b>OBJETIVO</b>			
Desenvolver estudo aprofundado sobre tópicos relacionados à História.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
GCH531	Seminário temático em História III	4	60
<b>EMENTA</b>			
<b>OBJETIVO</b>			
Desenvolver estudo aprofundado sobre tópicos relacionados à História.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			



<b>Código</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>Créditos</b>	<b>Horas</b>
GCH532	Seminário temático em História IV	4	60
<b>EMENTA</b>			
<b>OBJETIVO</b>			
Desenvolver estudo aprofundado sobre tópicos relacionados à História.			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES.</b>			

<b>CÓDIGO</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>HORAS</b>
GCH1770	Seminário Temático em História V	4	60
<b>EMENTA</b>			
Desenvolver estudo aprofundado sobre tópicos relacionados à História.			
<b>OBJETIVO</b>			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			
<b>REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES</b>			

<b>CÓDIGO</b>	<b>COMPONENTE CURRICULAR</b>	<b>CRÉDITOS</b>	<b>HORAS</b>
GCH1771	Seminário Temático em História VI	4	60
<b>EMENTA</b>			
Desenvolver estudo aprofundado sobre tópicos relacionados à História.			
<b>OBJETIVO</b>			
<b>REFERÊNCIAS BÁSICAS</b>			



REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CÓDIGO	COMPONENTE CURRICULAR	CRÉDITOS	HORAS
GCH1772	Seminário Temático em História VII	4	60
EMENTA			
Desenvolver estudo aprofundado sobre tópicos relacionados à História.			
OBJETIVO			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			

CÓDIGO	COMPONENTE CURRICULAR	CRÉDITOS	HORAS
GCH1773	Seminário Temático em História VIII	4	60
EMENTA			
Desenvolver estudo aprofundado sobre tópicos relacionados à História.			
OBJETIVO			
REFERÊNCIAS BÁSICAS			
REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES			

CÓDIGO	COMPONENTE CURRICULAR	CRÉDITOS	HORAS
GCH1774	Seminário Temático em História IX	4	60
EMENTA			



Desenvolver estudo aprofundado sobre tópicos relacionados à História.

**OBJETIVO**

**REFERÊNCIAS BÁSICAS**

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES**

CÓDIGO	COMPONENTE CURRICULAR	CRÉDITOS	HORAS
GCH1775	Seminário Temático em História X	4	60

**EMENTA**

Desenvolver estudo aprofundado sobre tópicos relacionados à História.

**OBJETIVO**

**REFERÊNCIAS BÁSICAS**

**REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES**



## 9 PROCESSO PEDAGÓGICO E DE GESTÃO DO CURSO E PROCESSO DE AVALIAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM

A Resolução CNE/CES 13, de treze de março de 2002, determina para a formulação do Projeto Pedagógico que sejam explicitadas as formas de avaliação. Neste sentido, a Resolução CNE/CP 1, de dezoito de fevereiro de 2002 dispõe no art. 8º: “As competências profissionais a serem constituídas pelos professores em formação, de acordo com as presentes Diretrizes, devem ser a referência para todas as formas de avaliação dos cursos, sendo estas:

I - periódicas e sistemáticas, com procedimentos e processos diversificados, incluindo conteúdos trabalhados, modelo de organização, desempenho do quadro de formadores e qualidade da vinculação com escolas de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, conforme o caso;

II - feitas por procedimentos internos e externos, que permitam a identificação das diferentes dimensões daquilo que for avaliado;

III - incidentes sobre processos e resultados.”

O Parecer CNE/CES 492/2001 das Diretrizes para os cursos de História, por sua vez, trata da “Conexão com a Avaliação Institucional: Os cursos deverão criar seus próprios critérios para avaliação periódica, em consonância com os critérios definidos pela IES à qual pertencem.”

Em consonância com os princípios estabelecidos para o desenvolvimento do ensino na Universidade Federal da Fronteira Sul, a avaliação do processo ensino-aprendizagem se dará de forma processual, com preponderância dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos. A avaliação como processo é contínua (VASCONCELLOS, 1994), pois resulta do acompanhamento efetivo do professor durante o período no qual determinado conhecimento está sendo construído pelo estudante. Avaliação, ensino e aprendizagem vinculam-se, portanto, ao cotidiano do trabalho pedagógico e não apenas aos momentos especiais de aplicação de instrumentos específicos.

A avaliação do processo ensino-aprendizagem no curso de História será realizada de forma contínua e sistemática, priorizando as avaliações formativas, considerando os seguintes objetivos: diagnosticar e registrar o progresso do estudante e suas dificuldades; orientar o estudante quanto aos esforços necessários para superar as dificuldades; e orientar as atividades de (re) planejamento dos conteúdos curriculares. Culmina com a perspectiva de avaliação



somativa, cujo objetivo é o de registrar o aproveitamento do estudante em notas traduzidas em valores de 0 (zero) a 10 (dez). Para aprovação nos componentes curriculares, a nota de aproveitamento exigida é de no mínimo 6,0 (seis) e a frequência, igual ou superior a 75%, conforme estabelecem as normativas institucionais.

Respeitadas as deliberações oficiais, os critérios, procedimentos e instrumentos avaliativos serão fundamentados nos objetivos específicos de cada componente curricular, nos objetivos do curso e nos objetivos gerais de formação educacional que norteiam as ações da UFFS.



## 10 AUTOAVALIAÇÃO DO CURSO

A avaliação da qualidade do curso de graduação em História e do desempenho dos estudantes se dará, prioritariamente, pela Avaliação Institucional. Essa avaliação na Universidade Federal da Fronteira Sul será desenvolvida por dois processos, a saber:

1. Avaliação interna: também denominada de autoavaliação, será coordenada pela Comissão Própria de Avaliação (CPA), criada e constituída institucionalmente a partir do que estabelece a Lei no 10.861, de 14 de abril de 2004. Orientada pelas diretrizes e pelo roteiro de autoavaliação institucional propostos pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes) bem como por instrumentos próprios que contemplem as especificidades da Universidade, essa comissão acompanhará a qualidade das atividades desenvolvidas no curso de graduação em História e o desempenho dos estudantes.

Para além da Avaliação Institucional, outro instrumento é a autoavaliação do curso. A autoavaliação do curso de História é diagnóstica, ou seja, visa localizar qualitativamente aspectos positivos e negativos na execução do projeto Pedagógico (PPC), considerando as práticas docente e discente à luz de suas condições materiais de produção, e tendo como parâmetro os objetivos e o perfil do egresso propostos pelo curso. Além disso, busca identificar as intervenções pedagógicas ou administrativas necessárias para a continuidade ou reforço dos aspectos positivos e para a solução de aspectos negativos localizados, sempre com vistas a adequar o projeto e sua execução aos objetivos e ao perfil do egresso desejados, e a garantir a qualidade da Educação no ensino superior. Para que esse diagnóstico seja mais eficaz, foi criado pelo colegiado um dispositivo de avaliação em que docentes e discentes podem avaliar o andamento. Esse questionário é aplicado de maneira on-line todos os semestres e pode ser acessado em [sites.google.com/site/avaliacaodecursohistoria](https://sites.google.com/site/avaliacaodecursohistoria)

2. Avaliação externa: realizada por comissões de especialistas designadas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), tem como referência os padrões de qualidade para a Educação Superior expressos nos instrumentos de avaliação oficiais do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Para essa etapa, o curso disponibilizará os relatórios com os resultados das autoavaliações, sistematicamente aplicadas a todos os segmentos (discentes, docentes e técnico-administrativos) envolvidos nas atividades semestrais.



No conjunto esses processos avaliativos constituirão um sistema que permitirá a visualização integrada das diversas dimensões enfocadas pelos instrumentos aplicados, oferecendo elementos à reflexão, à análise e ao planejamento institucional, visando subsidiar o alcance dos objetivos estabelecidos pelo curso de História.

De acordo com o acima estabelecido e mantendo o padrão qualificado de avaliação que o Curso de História possui, os procedimentos de avaliação serão diversificados, periódicos, sistemáticos e elaborados de modo a contemplar os conhecimentos, competências e habilidades concernentes à formação do historiador na modalidade da Licenciatura, com as especificidades dos âmbitos das disciplinas, estágios, atividades complementares e práticas.

O acompanhamento da implementação do Projeto Pedagógico do Curso será de responsabilidade do colegiado, devendo o mesmo promover periodicamente iniciativas de avaliação que envolva o corpo docente e discente.



## 11 ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Sabe-se que a universidade realiza verdadeiramente seu papel quando promove a articulação das atividades que compõem esta 'tríade fundamental': ensino, pesquisa e extensão. Esses aspectos fundamentais constitutivos da universidade possuem características similares e, na maioria das vezes, cada um é complementar ao/do outro. O ensino, por definição, deve carregar elementos da pesquisa e da extensão; a pesquisa, igualmente, tem estreitas relações com o ensino e exige-se que seja 'extensível' à comunidade; por sua vez, a extensão é o próprio desdobramento da pesquisa e do ensino realizados na universidade, isto é, os conhecimentos que nela circulam ou nela são produzidos, são estendidos à comunidade. Contudo, se o ensino, a pesquisa e a extensão são similares, inter-complementares e indissociáveis, eles não são idênticos e, muitas vezes, infelizmente, são exercidos de forma isolada, donde a importância do conhecimento dos seus significados e das possibilidades de articulação entre ambos.

Uma tarefa primordial dos cursos da UFFS, e aqui em particular do curso de Licenciatura em História, deve ser a de promover um permanente aperfeiçoamento do entendimento e da definição de cada aspecto desta tríade (ensino, pesquisa e extensão) e buscar o pleno exercício dessas atividades, possibilitando a sua articulação. Assim, ao se definir cada uma destas atividades, suas possibilidades de relações e a particularidade de seu exercício no curso de Licenciatura em História da UFFS, pretende-se já demonstrar os modos da articulação entre essas atividades.

As disputas pela centralização de um único "sujeito" do ato pedagógico – seja o professor, o estudante, o método/sistema, seja o conteúdo de saber – que a história da pedagogia registrou, são eloquentes o suficiente para saber que, hoje, o ensino não pode constituir-se privilegiando um único centro irradiador da produção do conhecimento. Atualmente, não se pode mais admitir que os agentes diretamente ligados aos processos de produção e socialização do conhecimento sejam isolados em funções particulares. Estamos acostumados a considerar quase que naturalmente o par 'ensino-aprendizagem' e consideramos que esses processos estão de tal forma irmanados que se pode, hoje, reabilitar a antiga sentença latina que dizia “Homines dum docent discunt”, isto é, "ensinando, os homens aprendem" (Sêneca, Epistulae ad Lucilium [7,8]). Da mesma forma, já não é mais possível privilegiar ou desconsiderar os conteúdos do saber, os objetos do conhecimento e os métodos



de pesquisa. Não obstante a plena consciência das denúncias do caráter ideológico que encerram os livros e os discursos dos homens e as críticas à falibilidade dos métodos e dos sistemas de ensino, sabe-se que o ato pedagógico é esse engajamento político do professor e do estudante em busca do conhecimento. Assim, o ensino, ou melhor, os processos de ensino-aprendizagem, no curso de Licenciatura em História da UFFS, se darão pela busca do envolvimento de toda essa potencialidade que emana dos sujeitos do conhecimento. Contudo, a participação de cada sujeito e de cada objeto, deverá ser periodicamente reavaliada de modo a permitir a livre busca pelo comportamento autônomo diante do conhecimento. Os sujeitos do conhecimento, o professor e o estudante, não podem dispensarem-se mutuamente, ou ignorarem os saberes e procedimentos científicos e o conhecimento disposto em lugares como o livro ou as experiências do tecido social, nem tornarem-se dependentes uns dos outros. Ensinar é permitir autonomia e emancipação intelectual do "aprendiz", é ter consciência da natureza de sujeito intelectual que cada homem/estudante carrega. O curso de história da UFFS, orientar-se-á, portanto, pela exigência de que o ensino, utilizando os diversos meios de que dispõe, deva permitir que o estudante coloque em prática seu potencial intelectual de forma autônoma e desenvolva senso de cooperação e comportamentos orientados pela capacidade de investigação, interrogação e problematização do mundo em que vive.

O ensino, e sua articulação com a extensão e a pesquisa, não acontecerá apenas pelas vias formais das atividades curriculares que oferecem os meios para a busca dos saberes pedagógicos, políticos e filosóficos e das práticas de ensino e pesquisa previstas nos estágios docentes, nas atividades laboratoriais e nos trabalhos monográficos, mas se realizará, sobretudo, pelo sentido político da função do ensino na universidade. Atividades de ensino fundamentadas na atitude crítica, isto é, na atitude interrogativa e problematizadora do mundo amparada em métodos e procedimentos e preocupada com a pertinência social dos objetos e problemas de investigação, certamente conduzirão à plena articulação do ensino com a pesquisa e a extensão.

No documento final da I Conferência de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFFS, (I COEPE), a UFFS “é desafiada a organizar as atividades de Pesquisa de forma a dialogar com a sociedade, reafirmando seu compromisso com a construção de uma instituição pública, popular e de qualidade e desempenhando seu papel de locus de problematização da realidade social” (UFFS/COEPE, 2011, p. 54). Desta maneira, o curso de Licenciatura em História da UFFS, também permitirá que os pesquisadores considerem diretrizes definidas pela



universidade e, ao definirem seus problemas de pesquisa, tenham em vista as demandas pertinentes das políticas da UFFS.

A pesquisa no curso de História da UFFS deverá ser mais um comportamento do que um ritual; a atitude de pesquisador, de cientista, deverá permear todo o trabalho desenvolvido no cotidiano do curso, especialmente, no ensino e na extensão e não ser recorrida apenas nos trabalhos de iniciação à pesquisa científica ou nos trabalhos monográficos de final de curso. O trabalho acadêmico desenvolvido nos Componentes Curriculares (CCR's), os processos de ensino-aprendizagem, os estágios docentes, as práticas pedagógicas, as políticas sociais e as políticas da universidade, a relação entre professor, estudante e comunidade, enfim, tudo que rodeia o trabalho cotidiano do curso e história deverá considerar a possibilidade da sua submissão ao exame da pesquisa científica e seus princípios. A rigor, a pesquisa no curso de História da UFFS deverá ser uma prática permanente nos processos de ensino e aprendizagem. Contudo, ainda é oportuno destacar as atividades formais da pesquisa científica no curso de história: o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) não é concebido como tarefa finalista, mas sim como atividade produzida de forma processual; não é visto como de “conclusão de curso”, mas como “trabalho de graduação”, elaborado processualmente em forma de monografia. Mesmo os CCR's das fases iniciais do curso devem contribuir de forma embrionária para o desenvolvimento das pesquisas monográficas de conclusão do curso. Destarte, essa produção é pensada como a “Obra-Prima de Graduação” e se constituirá num meio privilegiado ao acadêmico para a iniciação à pesquisa e compreensão do processo de produção do conhecimento histórico. No TCC o acadêmico pesquisará, preferencialmente, temas da História local ou regional.

Componentes curriculares como Iniciação à Prática Científica, Teoria e Metodologia da História I, II e III, Metodologia da Pesquisa em História e Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso I e II darão suporte à produção processual da pesquisa de iniciação científica que resultará na elaboração da monografia. Os resultados obtidos serão apresentados individualmente no Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Uma definição bastante direta da extensão é aquela que diz que são as atividades realizadas pela universidade junto com a comunidade. São aquelas ações decorrentes dos estudos e pesquisas realizadas ou em processo de realização que possibilitam ao público interno e externo à universidade o conhecimento desses saberes produzidos ou em desenvolvimento. Por meio de ações educativas, culturais e científicas, a extensão é a forma



não só do prolongamento da universidade, mas também da ampliação da dimensão de seu alcance.

No curso de história da UFFS, existem atividades de caráter extensivo previstas no plano curricular como a participação em eventos científicos e culturais, palestras, seminários, estágios e realização de publicações e apresentações de trabalhos/pesquisas. Essas Atividades Curriculares Complementares que devem somar 240 horas, são pensadas de modo a contemplar atividades diversas do âmbito acadêmico e por isso proporcionam um contato mais direto com o social e com experiências realizadas além dos limites da universidade. Entretanto, à medida em que a extensão é indissociável da pesquisa e do ensino, o desafio é justamente o de promover essa articulação permanentemente e pensar outras formas de realização dessa articulação, isto é, buscar transformar o trabalho cotidiano da universidade no centro do encontro entre a pesquisa, o ensino e a extensão.

Existem ainda, outras ações de extensão que o curso de história pode proporcionar. Sobretudo por se tratar de uma licenciatura, a realidade do ensino nas escolas é preocupação permanente do curso; a cultura escolar deve ser um dos principais objetos de estudo daqueles que participam do curso de história da UFFS. As atividades de conhecimento da escola e dos ambientes de promoção da educação e as atividades que levantam problemas pedagógicos e do ensino de história, devem constituir objetos de estudo permanente.

O curso de história também precisa promover o diálogo com as instituições diretamente ligadas aos objetos da história, tais como os centros de memória, os museus e os arquivos. No momento em que se discute a profissionalização do historiador, é preciso considerar que para estas instituições, existem profissionais especializados como arquivistas, museólogos e arqueólogos, mas que também existe amplo espaço de atuação para o profissional da história, especialmente pela própria condição do trabalho historiográfico que promove e avalia as condições dessas instituições na medida em que é responsável pela "interpretação"/análise dos documentos e monumentos da história e da memória nelas 'protegidos', mas também construídos e reconstruídos por essas mesmas instituições e pelos profissionais que as integram e as produzem.

Ao desenvolver ações de extensão, o curso de história não deve arvorar-se em substituir o Estado no cumprimento de suas funções básicas para a promoção do 'bem estar social' e, igualmente, não deve substituir os profissionais especializados, por exemplo, na arquivística e na museologia, mas deve estabelecer canais de diálogo e troca de saberes com



essas instituições e com esses profissionais de forma crítica, produzindo conhecimento na interação com diversos segmentos da sociedade como organizações governamentais e não governamentais, poder legislativo, empresas, sindicatos, movimentos sociais e outras organizações da sociedade civil, percebendo-se também aí a responsabilidade política daqueles que pretendem estudar, ensinar e discutir história. Também no desenvolvimento da experiência docente, os estudantes não poderão substituir profissionais da educação, mas devem ter trânsito assegurado, livre e periódico no espaço da sala de aula devidamente orientados pela boa prática dos estágios de ensino e do contato experimental no trabalho pedagógico através de oficinas e atividades pedagógicas supervisionadas. Contudo, a comunidade acadêmica da UFFS e do curso de história pode ocupar lugares e posições importantes no desenvolvimento destas instituições. Os projetos de extensão devem, assim, promover o acesso a diferentes posições por meio de atividades que não coloquem os estudantes de história realizando funções que não os compete, mas dando-lhes acesso a esses documentos e monumentos e aos conhecimentos, práticas e comportamentos produzidos por estas instituições e pela sociedade. A graduação em História da UFFS deverá proporcionar meios para que os estudantes de história possam realizar trabalhos de pesquisadores e professores de história nestas instituições, principalmente como aqueles que utilizam e interrogam o museu, a biblioteca, os arquivos, e que, portanto, analisam o que estas instituições produzem e que, embora não possa substituir esses profissionais (como, por exemplo, realizar atividades específicas de um bibliotecário), eles têm lugar nestas instituições, como estudiosos, analistas e críticos de seus objetos. Porém, mesmo assim, há espaço para a realização e conhecimento de atividades mais específicas, mais práticas, que compõem propriamente o *métier* do historiador e do professor de história que pode ser realizado, em grande medida, no interior destas instituições e também por meio do conhecimento dos 'modos de produção', seleção, classificação, conservação e esquecimento dos documentos e monumentos da história.



## 12 QUADRO DE PESSOAL

	Componente curricular	Tit.	Professor
01	Iniciação à prática científica	Dr.	Gerson Severo
02	Produção textual acadêmica	Dr.	Ani Carla Marchesan
03	Introdução ao Pensamento social	Dr.	Daniel Francisco de Bem
04	Fundamentos da Educação	Msc.	Thiago Ingrassia Pereira
05	História antiga I	Dr.	Paulo Sá Bittencourt
07	Informática básica	Msc.	Anibal Guedes
08	Direitos e cidadania	Dr.	Cassio Cunha Soares
09	História antiga II	Dr.	Paulo Sá Bittencourt
10	Teoria e metodologia do ensino de História	Dr.	Thiago Kramer
11	Introdução aos estudos históricos	Dr.	Emerson Neves Silva
13	Didática Geral	Dr.	Adriana Losso
14	História da África		Contratar
15	História medieval	Dr.	Paulo Sá Bittencourt
16	Teoria e metodologia da História I	Dr.	Gerson Severo
17	Optativa I		
19	Política educacional e legislação do ensino no Brasil.	Dr.	Maria Silvia Cristófoli
20	História Indígena	Dr.	Gerson Wasen Fraga
21	Teoria e Metodologia da História II	Dr.	Gerson Severo
22	Optativa II		
23	História Moderna	Dr.	Fábio Feltrin de Souza
24	Língua Brasileira de Sinais Libras		Contratar
25	História da América I	Dr.	Thiago Kramer
26	História do Brasil I	Msc.	Débora Clasen de Paula
27	Teoria e Metodologia da História III	Dr.	Fábio Feltrin de Souza
28	Optativa III		
29	Estágio Curricular Supervisionado I	Msc.	Thiago Kramer
30	História do Brasil II	Msc.	Débora Clasen de Paula
31	História Contemporânea I	Dr.	Fábio Feltrin de Souza
32	História da América II	Dr.	Paulo Sá Bittencourt
33	Meio Ambiente, economia e sociedade	Msc.	Márcio Eduardo
34	Estágio Curricular Supervisionado II		Contratar
35	História do Brasil III	Dr.	Isabel Gritti



36	História Contemporânea II	Dr.	Gerson Wasen Fraga
37	História da América III	Dr.	Emerson Neves Silva
38	Optativa IV		
39	Estágio Curricular Supervisionado III		Contratar
40	Seminário do trabalho de conclusão de curso I	Dr.	Isabel Gritti
41	História Contemporânea III	Dr.	Gerson Wasen Fraga
42	Optativa V		
43	Estágio Curricular Supervisionado IV		Contratar
44	Seminário do trabalho de conclusão de curso II	Dr.	Isabel Gritti
45	História da Fronteira Sul	Dr.	Emerson Neves Silva



## 13 INFRAESTRUTURA NECESSÁRIA AO CURSO

### 13.1 Biblioteca

#### 13.1.1 Apresentação

A Diretoria de Gestão da Informação da Universidade Federal da Fronteira Sul foi recentemente instituída, integrando as Divisões de Bibliotecas e Arquivos. A integração dessas duas áreas, que atuam com informação, portanto estratégicas para a instituição. Tanto a informação disponibilizada pelas bibliotecas como a informação gerada no âmbito da UFFS, quer seja acadêmica, científica e cultural, ou administrativa, juntas poderão agregar valor na oferta de serviços de informação na instituição.

Sua finalidade é promover o acesso, a recuperação e a transferência da informação, o armazenamento e preservação, de forma atualizada, ágil e qualificada a toda a comunidade universitária. Pretende por meio de seus acervos, arquivos, serviços e instalações incentivar o uso e a geração da informação, contribuindo para a excelência da gestão, do ensino, pesquisa e extensão, em todas as áreas do conhecimento, com a utilização eficaz dos recursos públicos.

Pretende se consolidar em um sistema inovador, que atinja seus objetivos com o uso de modernas tecnologias de informação e comunicação, visando à integração das cinco bibliotecas e da área arquivística da instituição em tempo real. Visa, sobretudo manter o compromisso com a democratização do acesso à informação de forma equitativa, respeitando a ética, os valores humanos, a sustentabilidade e a inclusão social.

#### 13.2.2 Estrutura Organizacional

A estrutura organizacional da Diretoria de Gestão da Informação, conforme organograma abaixo, compreende um Departamento de Planejamento e Apoio a Projetos e três setores, ou seja, o Setor de Serviços Administrativos, Setor de Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento de Produtos e Setor de Formação de Acervo e Tratamento da Informação. Esta estrutura atende e oferece suporte para o desenvolvimento das atividades das duas divisões:

I) Divisão de Bibliotecas,



## II) Divisão de Arquivos.

Nos próximos itens estão descritas detalhadamente as atividades de cada um dos setores.

### 13.1.3 Departamento de Planejamento e Apoio a Projetos

A este departamento compete apoiar o planejamento anual das Bibliotecas e Arquivos; consolidar os dados e elaborar os relatórios de atividades mensais e anuais das Bibliotecas e Arquivos, oferecendo mediante os sistemas adotados os indicadores necessários para a avaliação e monitoramento dos serviços com o objetivo de proporcionar os subsídios necessários para implantar melhorias contínuas e inovação nas Bibliotecas e Arquivos. Subsidiar a Diretoria de Gestão da Informação no encaminhamento de projetos a serem apresentados no âmbito interno da UFFS e aos órgãos de fomento em nível regional, nacional e internacional

### 13.1.4 Setor de Serviços Administrativos

Este setor fica encarregado de planejar, organizar, supervisionar e controlar os serviços de expediente, de patrimônio e gerais; controlar os créditos orçamentários e adicionais; elaborar o plano de distribuição dos recursos financeiros para aquisição dos acervos, segundo os critérios fixados pela política de desenvolvimento de coleções; proceder à prestação de contas à Diretoria da Gestão da Informação, bem como, preparar os processos licitatórios, para compra de material bibliográfico, permanente e de consumo, acompanhado as licitações e fiscalizando o processo. Fica também responsável por controlar os pedidos e a distribuição do material de expediente e de consumo; fazer a gestão e os relatórios dos recursos provenientes de projetos de órgãos de fomento, internos e externos, fica também a cargo deste setor a gestão patrimonial dos bens das Bibliotecas e Arquivos.

### 13.1.5 Setor de Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento de Produtos

Este é um setor estratégico no âmbito da Diretoria e tem como compromisso: planejar as ações necessárias ao desenvolvimento tecnológico das Bibliotecas e Arquivos; definir as



políticas de automação e uso de softwares; dar suporte aos Sistemas de Gestão das Bibliotecas e Gerenciamento de Documentos dos Arquivos; identificar e antecipar a solução de problemas técnicos e tecnológicos das Bibliotecas e Arquivos, fazer a gestão do Repositório Institucional e Portal de Periódicos Eletrônicos; monitorar a evolução das tecnologias da área a fim de promover a atualização tecnológica permanente dos serviços das Bibliotecas e Arquivos; oferecer mediante os sistemas adotados os indicadores necessários para a avaliação e monitoramento dos serviços com o objetivo de proporcionar os subsídios necessários para implantar melhorias contínuas e inovação nas Bibliotecas e Arquivos; fazer a gestão do Portal de Periódicos e Repositório Institucional junto à Pró-Reitoria de Pós-Graduação; com suporte da responsável pela Diretoria de Gestão da Informação da Pró-Reitoria de Administração e Infraestrutura, em consonância com as diretrizes institucionais estabelecidas; promover a indexação da produção acadêmica e científica da UFFS em bases de dados nacionais e internacionais; bem como em buscadores na web e criar mecanismos de divulgação dos produtos e serviços de informação baseados em tecnologias e redes sociais, em consonância com as diretrizes da Agência de Comunicação da UFFS; Elaborar estudos bibliométricos e webmétricos da produção acadêmica e científica da UFFS como Fator de impacto, Índice H e Qualis/CAPES, utilizando softwares e sistemas que geram estes produtos; promover com as áreas de atendimento das bibliotecas e arquivos, amplo programa de capacitação de usuários no uso dos recursos informacionais disponíveis e nas novas tecnologias da informação fazendo uso das plataformas de EaD e videoconferência e definir as políticas de preservação digital dos documentos da UFFS em sintonia com as políticas institucionais vigentes.

#### 13.1.6 Setor de Formação de Acervo e Tratamento da Informação

O Setor de Formação de Acervo e Tratamento da Informação tem por finalidade gerenciar o acervo documental das Bibliotecas; realizar o processamento técnico do material adquirido; planejar, organizar, coordenar, dirigir e controlar os serviços de seleção, catalogação, classificação e indexação do material informacional, registrar, verificar, catalogar, classificar e indexar adotando os padrões internacionais definidos, sempre em consonância com diretrizes estabelecidas pelas Bibliotecas e Arquivos; supervisionar a Política de Desenvolvimento de Coleções das Bibliotecas e as políticas para os Arquivos; orientar as decisões quanto a critérios para aquisição, seleção e descarte de materiais e



documentos em todos os seus suportes; cumprir a Política de Desenvolvimento de Coleções das Bibliotecas e as políticas para os Arquivos; cumprir a política de automação, em consonância com diretrizes estabelecidas pelo Setor de Tecnologia, Inovação e Desenvolvimento de Produtos.

### 13.2 DIVISÃO DE ARQUIVOS

A missão da Divisão de Arquivos é desenvolver e coordenar a política e a gestão arquivística na UFFS, visando a eficiência administrativa, a agilização dos fluxos informacionais e a preservação da memória institucional.

A Divisão de Arquivo se consolidará como órgão estratégico na coordenação de um Sistema de Arquivos da instituição, promovendo ações integradas de gestão documental que assegurem o acesso à informação gerencial, acadêmica, pesquisa e preservação da memória da Universidade, com a finalidade de administrar a produção arquivística desde a geração ou recepção dos documentos, até o seu destino final, com ênfase na preservação, compartilhamento e disseminação das informações geradas pelas relações internas e externas da UFFS.

O arquivo da UFFS seguirá o controle técnico, a legislação arquivística nacional e as instruções normativas da área de gestão documental, visando estar em consonância com a legislação e diretrizes nacionais específicas e regulamentações internas. Têm por finalidade normatizar os procedimentos relativos à administração do patrimônio documental e garantir a sua preservação; propor, adequar e elaborar os instrumentos de gestão documental; estabelecer critérios de avaliação da documentação produzida e acumulada pela UFFS; proceder a avaliação e aplicação da Tabela de Temporalidade e destinação de documentos; elaborar estudos e diagnósticos junto aos diversos setores acadêmicos e administrativos, necessários à gestão documental; pesquisar, colher e sistematizar dados e informações pertinentes e necessárias à gestão documental; discutir, analisar e fundamentar propostas temáticas para o desenvolvimento da gestão documental, visando fornecer informações e/ou documentos de caráter probatório ou informativos, necessários às atividades da instituição, preservar e difundir a memória institucional.

A aquisição de um software de gestão eletrônica para os documentos da UFFS permitirá o desenvolvimento customizado e viabilizará as condições para a efetiva gestão



documental da Universidade. Dará à Divisão de Arquivos a condições de construir o ambiente ideal para realizar a efetiva gestão documental na universidade.

### 13.3 DIVISÃO DE BIBLIOTECAS

O Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul – SIBI/UFFS é composto pela biblioteca do Campus Chapecó em Santa Catarina, Campus Laranjeiras do Sul e Campus Realeza no Paraná, Campus Cerro Largo e Campus Erechim no Rio Grande do Sul totalizando cinco bibliotecas integrantes do sistema.

As Bibliotecas da UFFS têm o compromisso de oferecer o acesso à informação a toda à comunidade universitária para subsidiar as atividades de ensino, pesquisa, extensão e estão integradas atuando de forma sistêmica. Cada uma das cinco unidades tem em seu quadro um bibliotecário gestor, com a responsabilidade de garantir que todos os serviços de atendimento à comunidade em cada um dos campi sejam oferecidos de forma consonante com a “Carta de Serviços aos Usuários”, assumindo o compromisso da qualidade na prestação de todos os seus serviços.

### 13.4 QUADRO DE PESSOAL

O Departamento de Planejamento e Apoio a Projetos possui hoje um Administrador, no Setor de Tecnologia Inovação e Desenvolvimento de Produtos atuam duas bibliotecárias, no Setor de Formação de Acervo e Tratamento da Informação uma bibliotecária e um assistente e no Setor de Serviços Administrativos um administrador.

Atualmente a Divisão de Arquivos conta com três arquivistas lotados no Campus Chapecó. O quadro de pessoal atual das Bibliotecas da UFFS está descrito a seguir:

#### Campus Chapecó:

A equipe da biblioteca Chapecó conta com cinco assistentes em administração e uma bibliotecária, os quais atendem as duas unidades.



Campus Laranjeiras do Sul:

A biblioteca no Campus de Laranjeiras conta apenas com um bibliotecário e um assistente em administração.

Campus Realeza:

A equipe da Biblioteca Campus Realeza é formada por um bibliotecário e dois assistentes em administração.

Campus Cerro Largo:

Três assistentes em administração e um bibliotecário compõe a equipe na Biblioteca Campus Cerro Largo.

Campus Erechim:

Em Erechim a equipe é formada atualmente por um bibliotecário e três assistentes em administração. Serão necessários mais dois bibliotecários e oito assistentes.

### 13.5 ESPAÇO FÍSICO

Campus Chapecó:

A biblioteca de Chapecó/Seminário está instalada em um espaço físico de 28.88 m<sup>2</sup> destinados à área administrativa e atendimento, 29.33 m<sup>2</sup> para o acervo, 29.33 m<sup>2</sup> para a sala de estudo em grupo com 12 mesas e 42 cadeiras para os usuários, uma sala de meios com 25 computadores, e área de guarda-volumes.

A biblioteca de Chapecó/Centro está instalada em um espaço físico de 18,6 m<sup>2</sup> destinados à área administrativa e atendimento, 53,4 m<sup>2</sup> para o acervo, 56.12 m<sup>2</sup> para salas de estudo em grupo com 6 mesas e 27 cadeiras para os usuários e ainda área de 10 m<sup>2</sup> para guarda-volumes.

Campus Laranjeiras do Sul:

No campus de Laranjeiras do Sul a biblioteca ocupa um espaço de 70 m<sup>2</sup>. Possui uma sala de estudos em grupo com 32 m<sup>2</sup>, 9 mesas e 23 cadeiras; laboratório de informática de 5,8 m<sup>2</sup>, com três computadores; acervo e área para funcionários de 29,20 m<sup>2</sup>.

Campus Realeza:



Já a biblioteca do campus de Realeza conta com espaço físico de 200 m<sup>2</sup>. A sala de estudo em grupo, o acervo, a sala dos funcionários e o espaço de atendimento encontram-se no mesmo ambiente. Neste espaço há duas mesas grandes e 18 cadeiras para os usuários.

Campus Cerro Largo:

No campus de Cerro Largo a biblioteca possui sala de estudos em grupo com 8 mesas e 18 cadeiras, o espaço é de 44,15 m<sup>2</sup>, sala dos funcionários 17,31 m<sup>2</sup>.

Campus Erechim:

A Biblioteca do Campus de Erechim, conta com área de 115 m<sup>2</sup>. A sala de estudos dedicada aos usuários, o acervo e a sala dos funcionários estão localizados no mesmo ambiente. Para os alunos estão disponíveis 8 mesas e 38 cadeiras. Conta ainda com 9 computadores.

### 13.6 POLÍTICA DE EXPANSÃO DO ACERVO

O acervo das Bibliotecas do SiBi/UFFS, nesta fase de consolidação dos seus cursos vem adquirindo semestralmente a bibliografia básica e complementar dos cursos de graduação e dos Programas de Pós-graduação em implantação, em número de exemplares baseados no número de alunos que cursam cada uma das disciplinas. E, com base na política de desenvolvimento de coleções a ser adotada (em fase de aprovação no CONSUNI), estará junto ao comitê assessor (a ser criado) definindo todas as questões referentes à expansão do acervo.

Ao mesmo tempo vem ocorrendo a aquisição de livros eletrônicos e outras bases de dados para atender as demandas dos cursos existentes.

Além disso foram adquiridos e-books:

- Editora Springer: 3700 títulos (livros estrangeiros)
- Editora Zahar: títulos de história, geografia, filosofia, psicologia, ciências sociais (em português)
- Editora Atheneu: 34 títulos na área de enfermagem (em português)
- Biblioteca Virtual Universitária 1718 títulos das editoras Artmed, Atica, Casa do Psicólogo, Contexto, IBPEX, Manole, Papyrus, Pearson e Scipione, contemplando diferentes áreas do conhecimento. (em português)



## 13.7 SERVIÇOS PRESTADOS

A Divisão de Bibliotecas da UFFS oferece alguns serviços e está disponibilizando novos para atender as necessidades de seus usuários.

### 13.7.1 Serviços ativos

Consulta ao acervo: Catálogo no qual pode-se realizar pesquisas no acervo da biblioteca.

Empréstimo, reserva, renovação, e devolução: Acesso livre ao acervo no qual realiza-se as seguintes operações: empréstimo, reserva, renovação e devolução.

Empréstimo entre bibliotecas: Solicitação de livros das bibliotecas de outros campi para empréstimo.

Empréstimos de notebooks: as bibliotecas contam com equipamentos disponíveis para empréstimo domiciliar.

Divulgação de novas aquisições e serviços: É listada mensalmente as obras adquiridas pela UFFS na página da Biblioteca.

Tele-atendimento: Atendimento ao aluno por telefone na realização de pesquisa, reserva e renovação.

Salas de estudos: Salas de estudos em grupo dedicadas aos usuários.

Acesso internet wireless: Acesso livre à rede de internet sem fio.

Acesso internet laboratório: Disponibiliza computadores para trabalhos acadêmicos e acesso à internet.

Serviço de referência online: A Referência compreende o atendimento personalizado aos usuários, prestando-lhes informações sobre questões bibliográficas, instrucionais ou de pesquisa, o atendimento é prestado através do software Skype e do chat, que se encontra na página da Biblioteca.

Gestão portal periódicos: Suporte às comissões editoriais dos periódicos científicos online a serem editados pela UFFS. O Portal de Periódicos da UFFS será gerenciado pelo Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas – SEER, baseado no software desenvolvido pelo Public Knowledge Project (Open Journal Systems) da Universidade British Columbia, desenvolvido para a construção e gestão de uma publicação periódica eletrônica.



Gestão do repositório institucional: O repositório institucional reunirá os documentos digitais gerados no âmbito da UFFS e outros documentos que, por sua área de abrangência e/ou caráter histórico, sejam de interesse da instituição visando centralizar sua preservação e difusão. O repositório utilizará o Dspace, software livre desenvolvido pelo MIT e HP. Compatível com o protocolo OAI (Arquivos abertos), permitir fácil recuperação dos metadados, através dos serviços de busca na internet.

Visita Guiada: Visitas agendadas previamente por professores, diretórios acadêmicos ou mesmo por grupos de alunos, que propiciam o conhecimento da estrutura das Bibliotecas e dos serviços oferecidos.

Obs.: os serviços que dependem do acesso a internet e a intranet estão comprometidos devido à velocidade de acesso muito baixa, tanto para que o servidor processe o material, desenvolva suas atividades, quanto para que o aluno acesse os serviços da biblioteca e da internet.

### 13.7.2 Serviços já planejados que serão oferecidos futuramente

Comutação bibliográfica: Através do Programa de Comutação Bibliográfica (COMUT), são obtidas cópias de artigos de periódicos, teses, anais de congressos e partes de documentos, localizados em bibliotecas do país ou no exterior que fazem parte do programa, mediante pagamento de taxa.

Capacitação no uso dos recursos de informação: Treinamento dos usuários na utilização das fontes de informação disponíveis, adotando a oferta de programas presenciais nas bibliotecas e à distância, fazendo uso da plataforma Moodle e do sistema de videoconferência.

Orientação normalização de trabalhos: Orientação para a normalização de trabalhos acadêmicos através das normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), de forma presencial e mediante uso de tutoriais disponíveis na página da Biblioteca e plataforma Moodle.

Catálogo na Fonte: A catalogação na fonte gera uma ficha catalográfica, a qual é impressa no verso da página de rosto de um livro, tese, dissertação ou monografia pertencente



à produção da UFFS. A ficha é feita quando a obra está em fase de impressão e é obrigatória para efeito de depósito legal e recomendada pela ABNT.

Serviço de Alerta: Através do Sistema de Gerenciamento de Bibliotecas é enviado aos usuários avisos de: retirada de livro, data de devolução, reserva disponível e informações relevantes sobre a biblioteca.

Serviço de Disseminação Seletiva da Informação: Através de cadastro no Sistema de Gerenciamento de Bibliotecas, o usuário poderá escolher as áreas do conhecimento que deseja receber informações.

Assessoria Editorial: Este serviço será oferecido pela Diretoria de Gestão da Informação visando à colaboração com a área da graduação, pós-graduação, pesquisa e extensão na definição e implantação das políticas institucionais para a publicação de anais de eventos, boletins, periódicos e livros, seja no suporte impresso ou digital, visando também a sua inserção no repositório institucional, contribuindo para a visibilidade da produção acadêmica, científica e cultural da UFFS.

## 13.8 ACERVO

### 13.8.1 Descrição das formas de acesso ao acervo

Todas as bibliotecas que compõem o SiBi/UFFS adotam a forma de livre acesso às estantes. O acervo é aberto à pesquisa para a comunidade interna e externa, mas o empréstimo domiciliar é permitido somente a alunos, professores e técnicos-administrativos da UFFS, mediante a identificação no sistema pelo número de matrícula (alunos) ou Siape (Sistema Integrado de Administração de Recursos Humanos) (professores e técnicos-administrativos). O empréstimo é efetuado conforme segue:

Categoria de Usuário	Quantidade de exemplares / Tempo de Empréstimo (dias corridos)				
	Chapecó	L. do Sul	Realeza	C. Largo	Erechim
Docente	10/ 30	10/ 30	10/ 30	10/ 30	10/ 30
Graduação	5/ 10	5/ 10	5/ 7	5/ 10	5/ 10
Pós- graduação	10/ 30	10/ 30	10/ 30	10/ 30	7/ 15



Técnicos	7/ 15	7/ 15	7/ 15	5/ 30	5/ 15
Administrativos					
Terceirizados	5/ 10	5/ 7	5/ 7	--	2/ 7

### 13.8.2 Bases de dados

A DGI também disponibiliza à sua comunidade acadêmica o acesso a base de dados e e-books, através da liberação de ip (Internet Protocol), possibilitando, por enquanto, o acesso somente nas dependências da UFFS. Abaixo seguem as fontes de informação adquiridas:

III)E-books Atheneu (Biomédica)

IV)E-books Zahar (História, Filosofia, Ciências Sociais e Psicanálise)

V)E-books Springer (Computação; Engenharia; Biomédicas; Medicina; Matemática e Estatística; Negócios e Economia; Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Terra e Meio ambiente; Física e Astronomia; Química de materiais; Comportamento; Arquitetura e Design.)

VI)Atlas Primal Pictures (Base de dados de imagens tridimensionais de toda a Anatomia Humana)

VII)Portal Periódicos Capes (o acesso esta sendo liberado gradativamente pela Capes)

### 13.5 Laboratórios previstos

LABORATÓRIO DE HISTÓRIA ORAL E LINGUAGENS	
Professores Responsáveis: Gerson Wasen Fraga	
Alunos por turma: 25	
Área: 60 m <sup>2</sup>	Localização: Erechim - RS
Quantidade	Descrição



	<p>1-Estabelecer estudos no campo das linguagens e da História Regional que ultrapassem os limites teóricos de uma história dita positivista, o que leva à legitimação de novos agentes históricos nos estudos que tenham a região de abrangência da UFFS como cenário.</p> <p>2-Materializar, através da realização de entrevistas com informantes previamente selecionados, um acervo de História Oral. Tais entrevistas, uma vez gravadas e decupadas, ficarão à disposição dos diversos cursos oferecidos pela UFFS, bem como da comunidade em geral, constituindo-se em importante fonte primária para a realização de estudos no campo da linguagem e da História Oral.</p> <p>3-Possibilitar aos alunos envolvidos com o laboratório as primeiras aproximações com a pesquisa histórica, no que se refere aos seus aspectos teóricos e práticos.</p> <p>4-Desenvolver um trabalho interdisciplinar, envolvendo inicialmente as áreas de História e Linguagens (com a possibilidade de inserirmos outras áreas do conhecimento no futuro), através da realização de entrevistas com informantes previamente selecionados.</p>
--	---

LABORATÓRIO DE DOCÊNCIA	
Professores Responsáveis: Adriana Losso	
Alunos por turma: 32	
Área: 120 m2	Localização: Erechim - RS
Quantidade	Descrição



	<p>Desenvolver projetos que articulem as instâncias da docência, da pesquisa e da extensão no âmbito dos cursos de licenciatura da Universidade.</p> <p>Todas as disciplinas de Prática de Ensino (estágios curriculares), de Didática e Metodologia do Ensino, além de projetos de pesquisa e extensão.</p>
--	--

### 13.6 Viagem de estudos

Visando estimular a pesquisa e acrescentar conhecimento, os Componentes Curriculares (CCR's) História do Brasil I, História do Brasil II, História do Brasil III e História da Fronteira Sul preveem viagens de estudos a locais que possam auxiliar no processo de ensino-aprendizagem tais como centros históricos, museus, arquivos e centros de documentação. As viagens, que contam com a participação de dois professores, são precedidas de planejamento dos locais a serem visitados objetivando o melhor aproveitamento da atividade, bem como oportunizam que o acadêmico não só conheça estes espaços como também possa refletir sobre os mesmos enquanto locais de produção do conhecimento. Para a concretização das referidas viagens é indispensável o recebimento de auxílio por parte dos acadêmicos uma vez que, tal como exposto no perfil dos alunos ingressantes, bem como a localização do campus assim, o tornam necessário.



## 14 ANEXOS

### ANEXO I

#### REGULAMENTO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA

#### CAPÍTULO I

#### DEFINIÇÃO E FINALIDADES

Art. 1º Estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos. (LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008).

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando. (LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008).

§ 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho. (LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008).

#### CAPÍTULO II

#### DAS MODALIDADES DE ESTÁGIO

Art. 2º O Estágio Supervisionado possui duas modalidades: o Estágio Obrigatório – componente integrante da matriz curricular do curso – e o Estágio Não-Obrigatório – atividade opcional acrescida à carga horária regular e obrigatória.

Art. 3º O “Estágio Curricular Supervisionado” corresponde ao “Estágio Obrigatório” do Regulamento de Estágio da UFFS, em conformidades com a Lei Nº 11.788/2008.



### CAPÍTULO III

#### DA DEFINIÇÃO DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA

Art.4º O Estágio Curricular Supervisionado em História deve ser desenvolvido em instituições de ensino de educação básica, públicas ou particulares, devidamente regularizadas e que tenham termo de convênio de estágio formalmente firmado com a UFFS.

Art.5º O Estágio Curricular Supervisionado em História é atividade obrigatória, que privilegia a formação integral do profissional de História, com desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Art.6º O Estágio Curricular Supervisionado em História caracteriza-se pela produção de conhecimentos, elaboração de estratégias de ensino e pela prática efetiva de intervenção docente em ambientes escolares.

Art.7º O Estágio Curricular Supervisionado em História ocorre através de componentes curriculares obrigatórios, sendo indispensável que – para o exercício do estágio – o acadêmico esteja regularmente matriculado no componente curricular correspondente.

### CAPÍTULO III

#### DA CARGA HORÁRIA E DA ESTRUTURA DO ESTAGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO EM HISTÓRIA

Art. 8º A metodologia de trabalho das disciplinas de estágio é orientada pela perspectiva do Ensino de História como uma área de ensino, pesquisa e extensão, no âmbito da Teoria e Metodologia da História. As atividades de estágio consistem no desenvolvimento de pesquisas didático-históricas que visam o acúmulo de conhecimento sobre o Ensino de História, o planejamento e a execução de práticas de intervenção docente.

Art. 9º O Estágio Curricular Supervisionado em História deve contribuir e beneficiar-se do acúmulo de experiências, conhecimentos e documentação sobre as práticas de ensino de



História, contribuindo para a constituição do acervo de Ensino de História do Laboratório de Docência, Pesquisa e Extensão (LADOPEX).

Art.10º A carga horária das disciplinas que integram o Estágio Curricular Supervisionado é de 480 horas, assim distribuídas:

I. Estágio Curricular Supervisionado em História I (120 horas)

30 h – Aulas teóricas;

10 h – Observação geral da escola (o Projeto Político Pedagógico, a estrutura física, a localização, os materiais didáticos, a organização administrativa e pedagógica, entre outros aspectos);

30 h – Observação de aulas do Ensino Fundamental;

20 h – Elaboração do Projeto de Pesquisa e Intervenção em Ensino de História;

30 h – Elaboração do Relatório de Pesquisa Didático-Histórica, composto das seguintes partes: a) Relatório de Observação (com introdução; fundamentação teórico-metodológica; discussão sobre as práticas observadas; considerações finais; bibliografia, anexos); b) Projeto de Pesquisa e Intervenção (com apresentação; discussão bibliográfica sobre o tema; fundamentação teórico-metodológica; planejamento; cronograma; bibliografia; anexos).

II. Estágio Curricular Supervisionado em História II (120 horas)

30 h – Aulas teóricas;

15 h – Preparação de aulas para o Ensino Fundamental;

15 h – Regência no Ensino Fundamental;

30 h – Desenvolvimento do Projeto de Pesquisa e Intervenção;

30 h – Elaboração do Relatório de Pesquisa Didático-Histórica, composto das seguintes partes: a) Relatório de Regência (com introdução; fundamentação teórico-metodológica; discussão sobre as aulas ministradas; considerações finais; bibliografia, anexos.); b) Relatório do Projeto de Pesquisa e Intervenção (com apresentação; discussão bibliográfica sobre o tema; fundamentação teórico-metodológica; relato da execução do projeto; avaliação das atividades desenvolvidas; considerações finais; bibliografia; anexos).



### III. Estágio Curricular Supervisionado em História III (120 horas)

30 h – Aulas teóricas;

10 h – Observação geral da escola (o Projeto Político Pedagógico, a estrutura física, a localização, os materiais didáticos, a organização administrativa e pedagógica, entre outros aspectos);

30 h – Observação de aulas do Ensino Médio;

20 h – Elaboração do Projeto de Pesquisa e Intervenção em Ensino de História;

30 h – Elaboração do Relatório de Pesquisa Didático-Histórica, composto das seguintes partes: a) Relatório de Observação (com introdução; fundamentação teórico-metodológica; análise das práticas de Ensino de História; considerações finais; bibliografia, anexos); b) Projeto de Pesquisa e Intervenção (com apresentação; discussão bibliográfica sobre o tema; fundamentação teórico-metodológica; descrição da proposta de intervenção; cronograma; bibliografia; anexos).

### IV. Estágio Curricular Supervisionado em História IV (120 horas)

30 h – Aulas teóricas;

15 h – Preparação de aulas para o Ensino Médio;

15 h – Regência no Ensino Médio;

30 h – Desenvolvimento do Projeto de Pesquisa e Intervenção;

30 h – Elaboração do Relatório de Pesquisa Didático-Histórica, composto das seguintes partes: a) Relatório de Regência (com introdução; fundamentação teórico-metodológica; análise das aulas ministradas; considerações finais; bibliografia, anexos.); b) Relatório do Projeto de Pesquisa e Intervenção (com apresentação; fundamentação teórico-metodológica; relato da execução do projeto; avaliação das atividades desenvolvidas; considerações finais; bibliografia; anexos).

Art.11º Os estagiários devem realizar parte do estágio em turmas de Educação de Jovens e



Adultos, exceto quando as escolas escolhidas não oferecerem turmas na modalidade EJA.

Art.12º Os Relatórios de Estágio devem ser produzidos preferencialmente em grupos de até quatro estagiários. Contudo, todos devem cumprir individualmente a carga horária de Observação e Regência e anexarem individualmente a documentação exigida pela legislação e pelo orientador de Estágio.

Art. 13º Desde que cumpridas as normas regimentais e legais, os critérios e instrumentos de avaliação dos estagiários - em cada um de seus componentes curriculares – devem ser respeitar a relativa autonomia do Orientador de Estágio para elaboração de seu Plano de Ensino.

#### CAPÍTULO IV

##### DO ESTÁGIO NÃO-OBRIGATÓRIO

Art. 14º. O Estágio Não-Obrigatório deve ser desenvolvido de acordo com as normas estabelecidas pela Lei LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008 e pela PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010.

#### CAPÍTULO V

##### DA UFFS

Art. 15º É obrigação da UFFS celebrar termo de compromisso com o educando e com a parte concedente. (LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008).

Art. 16º UFFS indicará em seu regulamento de estágio o procedimento ou a atribuição da contratação do seguro para os estágios obrigatórios.

Art. 17º É de responsabilidade da UFFS oferecer aos estagiários, aos supervisores e ao coordenador de Estágio Curricular Supervisionado as condições de trabalho e de estudo e estrutura física adequadas ao desenvolvimento das atividades do Estágio estabelecidos do PPC do curso de História.



## CAPÍTULO VI

### DA PARTE DA UNIDADE CONCEDENTE DE ESTÁGIO (UCE)

Art. 18º Podem receber alunos estagiários para atividades de Estágio Obrigatório as instituições de ensino de educação básica – públicas ou privadas – devidamente regularizadas e que possuírem convênio firmado com a UFFS.

Art. 19º É de responsabilidade da parte concedente celebrar termo de compromisso com a UFFS e com o estagiário, zelando por seu cumprimento. (LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008).

Art. 20º As instituições de ensino básico devem indicar um funcionário de seu quadro de pessoal, com formação ou experiência profissional na área de conhecimento desenvolvida no curso do estagiário, para supervisionar até 10 (dez) estagiários simultaneamente. (LEI Nº 11.788, DE 25 DE SETEMBRO DE 2008).

## CAPÍTULO VII

### DA COORDENAÇÃO DE ESTÁGIOS DO CURSO

Art. 21º A organização das atividades de estágio, em nível de Curso, é feita pelo coordenador de estágios indicado pelo Colegiado do mesmo, com mandato de 01 (um) ano, podendo ser renovado a critério do mesmo colegiado. (PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010)

Art. 22º O coordenador de estágios do curso de História deve ser também professor do curso de História e ministrar disciplinas do Domínio Específico, preferencialmente componentes curriculares de Estágio Supervisionado.

Art. 23º A carga horária atribuída ao coordenador de estágio será de 10 (dez) horas semanais.

Art. 24º Constituem atribuições do Coordenador de Estágio (PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010):

I - coordenar as atividades de Estágio Obrigatório e Não-Obrigatório em nível de Curso, em



articulação com os professores do componente disciplinar, com os professores orientadores de estágio, com o Setor de Estágios do Campus (SEC) e com as Unidades Concedentes de Estágio (UCEs);

II - executar a política de estágio no âmbito do Curso;

III - levantar as demandas de estágio vinculadas à execução do Projeto Pedagógico do Curso;

IV - integrar, junto com o Setor de Estágio (SEC) e a Coordenação Acadêmica do Campus, a organização de atividades de integração entre a UFFS e as Unidades Concedentes de Estágio (UCEs);

V - integrar o fórum permanente de discussões teórico-práticas e logísticos relacionados ao desenvolvimento das atividades de estágio em nível de Campus;

VI - promover estudos e discussões com os professores do componente disciplinar de estágio e com os professores orientadores de estágio do curso de História;

VII - orientar os acadêmicos com relação aos estágios;

VIII - mapear as demandas de estágio dos semestres junto ao Curso e buscar equacionar as vagas junto às unidades concedentes, de forma projetiva, com o apoio do Setor de Estágios do Campus (SEC).

IX - providenciar a organização da distribuição das demandas de estágio com seus respectivos campos de atuação no âmbito do Curso;

X - receber e encaminhar documentos e relatórios de estágio;

XI - promover a socialização das atividades de estágio junto ao Curso, intercursos e Unidades Concedentes de Estágio;

XII - promover ações que integrem as atividades de estágio entre os cursos de áreas afins e/ou com domínios curriculares conexos;

XIII - atender a demandas requeridas pelo Setor de Estágio de Campus (SEC) associadas ao desenvolvimento de atividades de estágio do Curso.

## CAPÍTULO VII

### DO ORIENTADOR DE ESTÁGIO



Art. 25º O orientador de Estágio Curricular Supervisionado em História deve ser docente do curso com formação em História (em nível de graduação, mestrado ou doutorado).

Art. 26º No Estágio Obrigatório as atividades de acompanhamento e supervisão no campo de estágio deverão ser desenvolvidas, preferencialmente, pelo professor do componente disciplinar. (PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010).

Art. 27º São atribuições do Orientador de estágio (PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010):

I – conhecer e cumprir o regulamento do Estágio Curricular Supervisionado, o Regulamento de Estágio da UFFS e a Lei Federal de Estágios.

II - participar dos encontros de estudo e discussão e das atividades vinculadas ao estágio e promovidas pela Coordenação de Estágios do Curso;

III - elaborar conjuntamente com o Estagiário e com o Supervisor de estágio da Unidade Concedente de Estágio (UCE) um Plano de Atividades de Estágio;

IV - orientar e acompanhar os Estágios Não-Obrigatórios;

V - analisar os relatórios de Estágio Não-Obrigatório produzidos pelos estagiários e pela Supervisão da Unidade Concedente e emitir parecer com aprovação ou reprovação para certificação institucional;

VI – orientar, acompanhar e supervisionar as atividades de Estágio Obrigatório junto aos campos de estágio;

VII - avaliar as atividades relacionadas ao desenvolvimento do Estágio Obrigatório.

## CAPÍTULO IX

### DO SUPERVISOR DE ESTÁGIO DA UCE

Art. 28 O Supervisor da Unidade Concedente de Estágio (UCE) é responsável pelo acompanhamento das atividades do acadêmico junto ao campo de estágio, devendo ter formação ou experiência profissional na área de conhecimento na qual o estagiário irá atuar. (PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010).

Art. 29 O supervisor da UCE tem as seguintes atribuições (PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/



2010):

- I - colaborar na elaboração do Plano de Atividades de Estágio;
- II - zelar pelo cumprimento do Termo de Compromisso;
- III - assegurar, no âmbito da Unidade Concedente de Estágio (UCE), as condições de trabalho para o bom desempenho das atividades formativas dos estagiários;
- IV - orientar e supervisionar as atividades de estágio, nos termos da Lei;
- V - controlar a frequência dos estagiários;
- VI - emitir relatório periódico sobre as atividades desenvolvidas pelos estagiários;
- VII – informar o Setor de Estágios do Campus (SEC) sobre os processos de estágio desenvolvidos na Unidade Concedente (UCE);
- VIII - participar de atividades de integração promovidas pela UFFS.

## CAPÍTULO IX

### DO ESTAGIÁRIO

Art. 30 Para desenvolver atividades de estágio, o acadêmico deve estar devidamente matriculado, frequentar um Curso de Graduação na UFFS e preencher os requisitos previstos nesse Regulamento (PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010).

Art. 31 Constituem atribuições do Estagiário (PORTARIA Nº 370/GR/UFFS/ 2010):

- I – conhecer e cumprir o regulamento do Estágio Curricular Supervisionado, o Regulamento de Estágio da UFFS e a Lei Federal de Estágios.
- II - assinar o Termo de Compromisso;
- III - colaborar na elaboração do Plano de Atividades de Estágio;
- IV - comparecer no dia e horário de orientação;
- V - desenvolver as atividades previstas no Plano de Atividades de forma acadêmica, profissional e ética junto à Unidade Concedente de Estágio (UCE);
- VI - zelar pela boa imagem da Instituição formadora junto à Concedente e contribuir para



manutenção e a ampliação das oportunidades de estágio junto à mesma;

VII - entregar relatório ao final da vigência do estágio e sempre que solicitado;

VIII - comunicar qualquer irregularidade no andamento do seu estágio ao Setor de Estágios do Campus (SEC) ou à Coordenação de Estágios do Curso.

#### DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 32 - Os casos omissos serão resolvidos pela Coordenação de Estágios do Curso, cabendo recurso ao colegiado do Curso de História.



## ANEXO II

### REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - LICENCIATURA

#### CAPÍTULO I

#### DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCCs)

##### SEÇÃO I

##### DAS DISPOSIÇÕES GERAIS DAS ATIVIDADES DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCCs)

Art. 1º Para fins do disposto neste Regulamento, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Graduação em História – Licenciatura da UFFS é concebido como atividade produzida de forma processual; não é pensado apenas como “conclusão de curso”, mas como “trabalho de graduação”, elaborado processualmente em forma de monografia e como princípio de iniciação científica.

Art. 2º O Trabalho de Conclusão de Curso consiste no desenvolvimento monográfico, de modo experimental, obrigatório para a conclusão do Curso de Graduação em História - Licenciatura na UFFS.

##### SEÇÃO II

##### DOS OBJETIVOS DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Art. 3º Desenvolver habilidades e competências na construção científica de produção de conhecimentos na área de História.

Art. 4º Fomentar a elaboração e a execução de projetos de pesquisa estimulando a busca constante do conhecimento histórico.



Art. 5º Propiciar o momento de excelência na articulação da teoria e da prática na construção do conhecimento histórico.

### SEÇÃO III

#### DA ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Art. 6º Os Seminários de Trabalho de Conclusão do Curso I e II do Curso de Graduação em História - Licenciatura serão oferecidos nos último dois semestres, perfazendo um total de 8 créditos, num total de 120 horas.

Art. 7º Em Componentes Curriculares como Iniciação à Prática Científica, Teoria e Metodologia da História I, II e III e Metodologia da Pesquisa em História o acadêmico cumprirá os passos incipientes e processuais até a elaboração final do Trabalho de Conclusão de Curso.

Art. 8º Orientado por um docente do Curso de Graduação em História - Licenciatura o acadêmico escolherá um tema e elaborará um projeto de pesquisa como requisito para a elaboração do TCC. São requisitos fundamentais na construção do projeto:

- I – Introdução (tema, problema, pressupostos teóricos, proposta de trabalho);
- II – Justificativa;
- III – Objetivos: geral e específicos;
- IV – Metodologia;
- V – Referências Bibliográficas e fontes de pesquisa;
- VI – Cronograma de atividades.

### SEÇÃO IV

#### DO PROFESSOR DO COMPONENTE CURRICULAR DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

Art. 9º Compete ao professor do Componente Curricular de Trabalho de Conclusão de Curso:

- I – Orientar os acadêmicos na construção metodológica do TCC conforme normalização da ABNT;
- II – Acompanhar os acadêmicos redimindo dúvidas e auxiliando na elaboração dos trabalhos;
- III – Elaborar calendários de atividades relativas ao TCC, principalmente na apresentação das monografias;
- IV – Formular e encaminhar aos professores orientadores formulários para registro da presença e do desempenho dos acadêmicos;



V – Auxiliar os acadêmicos na sugestão de temáticas, de materiais disponíveis e encaminhamento aos professores orientadores; VI – Convocar reuniões com orientandos e orientadores; VII – Arquivar projetos de TCC em andamento ou concluídos; VIII – Encaminhar para a biblioteca as cópias de TCCs aprovados; IX – Elaborar e arquivar atas de apresentação de TCCs. XI – Atribuir notas, auxiliador pelos professores orientadores e registrar em diário; XII – Tomar as medidas necessárias para o cumprimento deste regulamento.

## SEÇÃO V DO PROFESSOR ORIENTADOR DE TCC

Art. 10 Compete ao professor Orientador de Trabalho de Conclusão: I – Orientar os acadêmicos até a apresentação final do TCC; II – Disponibilizar individualmente, tempo para orientação de cada acadêmico; III – Frequentar reuniões convocadas pelo professor de TCC; IV – Participar das bancas de apresentação de TCCs dos acadêmicos que orientou; V – Providenciar a relação dos membros que comporão a banca avaliadora dos seus orientandos; VI – Entregar ao professor de TCC 03 (três) cópias da versão final do trabalho, encadernadas em capa dura, preferencialmente de cor azul ou preta, acompanhadas da ata de registro, com a nota atribuída ao acadêmico.

Art. 11 A responsabilidade pela elaboração do TCC é do aluno, o que não exime o professor orientador de desempenhar adequadamente, dentro das normas desta regulamentação, as atribuições de sua atividade.

Art. 12 A substituição do professor orientador, durante o processo de elaboração de TCC, só será permitida mediante aprovação do colegiado. Parágrafo único: cada orientador poderá assumir, no máximo 8 (oito) orientandos.

## SEÇÃO VI DO ACADÊMICO MATRICULADO NO COMPONENTE DE TCC



Art. 13 Compete ao acadêmico, regularmente matriculado no Componente Curricular de Trabalho de Conclusão:

I – Seguir as orientações e cumprir o cronograma de atividades do professor e do orientador;  
II – Participar de todas as reuniões convocadas pelo professor, pelo orientador ou pelo coordenador do curso;

III – Executar o projeto e elaborar a versão final do TCC; IV – Cumprir os prazos de entrega de relatórios e TCC; V – Entregar três cópias do TCC, encadernado em espiral; VI – Comparecer no dia e hora determinado para apresentação do TCC para a banca; VII – Comparecer, sempre que solicitado, para apresentação de TCC ou resultado de pesquisa, em eventos dentro ou fora da UFFS;

VIII – Entregar 04 (quatro) cópias do TCC, após as sugestões da banca, encadernadas em capa dura (preferencialmente em cor azul ou preta).

Parágrafo único: a entrega da versão final do TCC é requisito para a colação de grau e a secretaria acadêmica será comunicada (através de termo específico) pelo professor do Componente Curricular de TCC II.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL - UFFS PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO DIRETORIA DE ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

#### SEÇÃO VII DO TCC E SUA APRESENTAÇÃO

Art. 14 As normas técnicas da ABNT serão aplicadas na elaboração do TCC que, necessariamente, será estruturado com elementos pré-textuais, elementos textuais e elementos pós textuais.

Art. 15 Os critérios envolvendo apresentações, espaçamento, editor de texto, tipo e tamanho de letras será fornecido pelo professor de TCC.

Art. 16 A apresentação do TCC para uma banca examinadora será organizada pelo professor de TCC que entregará um cronograma com, no mínimo 30 dias de antecedência.

Art. 17 Para apresentação do TCC cada acadêmico terá um tempo de 30 (trinta) minutos para exposição e mais 15 (quinze) para arguição e comentários.

Parágrafo único: o não comparecimento ou a não entrega do TCC, acarretará a reprovação do acadêmico, conforme estabelece a legislação vigente.



## SEÇÃO VIII DA AVALIAÇÃO DO TCC

Art. 18 O TCC será avaliado por uma banca, constando o orientador e mais dois professores docentes da UFFS ou convidados.

Art. 19 A banca avaliará o texto escrito e a apresentação do TCC.

Art. 20 O colegiado definirá os critérios de avaliação e o professor de TCC II providenciará para a banca os formulários próprios para esta finalidade.

Art. 21 Os critérios e as formas de avaliação constarão nos respectivos planos de ensino dos componentes curriculares da Atividade de Conclusão de Curso.

## CAPÍTULO II DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E FINAIS

Art. 22 Os casos omissos neste Regulamento , do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História - Licenciatura serão decididos pelo respectivo Colegiado de Curso.

Art. 23 Das decisões do Colegiado do Curso, cabe recurso à instância superior.

Art. 24 Este Regulamento entra em vigor após a sua aprovação pelo Colegiado e pelo CONSUNI.

Chapecó SC, novembro de 2010



## ANEXO III

### REGULAMENTO DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - LICENCIATURA

#### CAPÍTULO I

#### DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES

##### SEÇÃO I

##### DAS DISPOSIÇÕES GERAIS DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES (ACCs)

Art. 1º Este manual tem por objetivo regulamentar as Atividades Curriculares Complementares (ACCs) do Curso de Graduação em História - Licenciatura.

Art. 2º Para os fins do disposto neste Regulamento, consideram-se Atividades Curriculares Complementares para o Curso de Graduação em História - Licenciaturas que visam a complementação do processo de ensino-aprendizagem e serão desenvolvidas ao longo do período de realização do curso de História.

Art. 3º As Atividades Curriculares Complementares do curso de Graduação em História - Licenciatura compreendem atividades de iniciação científica, desenvolvimento de pesquisas (desde o planejamento, a execução e a divulgação), atividades de extensão, aprimoramento profissional e atividades de cultura e movimentos sociais.

##### SEÇÃO II

##### DOS OBJETIVOS E DO OFERECIMENTO DAS ATIVIDADES CURRICULARES COMPLEMENTARES (ACCs)

Art. 4º As Atividades Curriculares Complementares do Curso de Graduação em História - Licenciatura atendem aos objetivos de complementação da formação acadêmica e



oportunidade de ampliação do universo de conhecimentos facultados dentro ou fora da UFFS.

Art. 5º As Atividades Curriculares Complementares podem ser organizadas:

- I – Pelo colegiado de História ou outros colegiados da UFFS;
- II – Por outros departamentos ou órgãos da própria UFFS;
- III – Por outras instituições, movimentos sociais, sociedade civil, ongs, etc.

Art. 6º–As Atividades Curriculares Complementares envolvem a participação do acadêmico em eventos de formação, cursos, projetos de ensino, de pesquisa e de extensão, monitorias, eventos culturais, eventos artísticos, atividades extra-classe, disciplinas já cursadas em outras instituições ou cursos e não aproveitadas, viagens de estudos e outras atividades não previstas neste regulamento mas compatíveis como Projeto Pedagógico do Curso e mediante parecer favorável do Colegiado do Curso.

Art. 7º As Atividades Curriculares Complementares deverão ser realizadas paralelamente até a conclusão do Curso de Graduação em História - Licenciatura, compreendendo, no mínimo um total de duzentas e quarenta horas, distribuídas entre as Atividades Complementares em Pesquisa, as Atividades Complementares em Extensão e Aprimoramento Profissional e as Atividades Complementares em Cultura e Movimentos sociais.

Parágrafo Único O estudante deverá realizar atividades no âmbito da Pesquisa, Extensão e Aprimoramento Profissional e Cultura e Movimentos sociais.

Art.8º - Poderão ser aproveitadas as atividades desenvolvidas depois da data de matrícula no curso, exceto em caso de retorno de aluno abandono ou transferência interna no âmbito da UFFS.

**\*\*Alterado pelo Ato Deliberativo 2/CCLH/-ER/UFFS/2017.**

### SEÇÃO III

#### DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES EM PESQUISA

Art. 9º As Atividades Complementares em Pesquisa poderão ser integralizadas a partir de:



I – Publicação de artigo em revistas de História ou áreas afins;

II - Publicação de artigos completos e resumos em anais de eventos científicos;

III - Apresentação de trabalhos em eventos científicos;

IV - Participação em projetos de pesquisa.

V) Participação em projetos de pesquisa institucionalizados na condição de bolsista;

VI) Participação em projetos de pesquisa institucionalizados, na condição de voluntário;

VII) Participação em grupos de estudo;

VIII) Participação na condição de monitor em disciplinas da UFFS.

Parágrafo primeiro. Ao apresentar comprovante da Atividade Complementar de Pesquisa o(a) Professor(a) Coordenador(a) do curso atribuirá a carga horária correspondente a cada atividade realizada e emitirá ao acadêmico um termo com a descrição da atividade e a carga horária correspondente. A carga horária também poderá ser emitida pelo coordenador da pesquisa. Os certificados devem ser entregues na secretaria acadêmica, com prazo definido pelo calendário acadêmico.

#### SEÇÃO IV

#### DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES EM EXTENSÃO E APRIMORAMENTO PROFISSIONAL

Art. 10 As Atividades Complementares em extensão e aprimoramento profissional poderão ser integralizadas a partir de:

I - Participação na organização e execução de eventos acadêmicos;

II - Participação em atividades de Extensão Universitária;

III - Participação em grupos de estudos sob a coordenação de professor da universidade;

IV - Participação em congressos, simpósios e seminários na área História ou áreas afins;

V - Participação em cursos extracurriculares, oficinas, minicursos e atividades científicas, culturais e acadêmicas;

VI - Participação em palestras e conferências;



VII - Participação em projetos de monitoria;

VIII - Participação em viagens de estudos, com apresentação de relatório.

IX – Realização de estágios não obrigatórios;

X – Participação em projetos de extensão institucionalizados na condição de bolsista (PIBID, PET, etc...);

XI - Participação em saídas de campo fora do espaço do *campus*, realizadas pela UFFS ou por IE de ensino superior, com apresentação de relatório.

Parágrafo primeiro. Ao apresentar comprovante da Atividade Complementar de Extensão e Aprimoramento Profissional, o(a) Professor(a) Coordenador(a) do curso atribuirá a carga horária correspondente a cada atividade realizada e emitirá ao acadêmico um termo com a descrição da atividade e a carga horária correspondente.

## SEÇÃO V

### DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES EM CULTURA E MOVIMENTOS SOCIAIS

Art. 11 As Atividades Complementares em cultura e movimentos sociais poderão ser integralizadas a partir de:

I - Participação na organização e execução de eventos culturais;

II - Publicação de artigos ou entrevistas na imprensa;

III - Participação em entidades estudantis e representação discente.

IV - Participação em atividades culturais (teatro, cinema, literatura, oficinas de leitura) desenvolvidas no interior da UFFS;

V - Participação comprovada em atividades culturais (teatro, cinema, literatura) desenvolvidas em outras instituições educacionais/culturais legalmente constituídas;

VI - Participação comprovada em grupos ou associações de cultura (artes, música, teatro, dança, etc.)

VII - Saídas de campo e viagens de estudo, realizadas a partir da iniciativa dos(as) docentes da UFFS e/ou de IES reconhecidas pela CAPES/MEC, ou movimentos sociais e instituições. A veracidade da certificação será analisada pelo(a) coordenador(a) do curso.



Parágrafo primeiro. Ao apresentar comprovante da Atividade Complementar de Cultura e Movimentos sociais o(a) Professor(a) Coordenador(a) do curso atribuirá a carga horária correspondente a cada atividade realizada e emitirá ao acadêmico um termo com a descrição da atividade e a carga horária correspondente.

## SEÇÃO VI

### DA DOCUMENTAÇÃO COMPROBATÓRIA

Art. 12 Ao solicitar a atribuição da carga horária correspondente, ao coordenador do curso, o acadêmico deverá apresentar os documentos originais;

Art. 13 O Coordenador do curso, após o cômputo das horas, emitirá um termo comprobatório destacando a carga horária e a atividade envolvendo:

- I – Termo de horas comprovadas em atividades de pesquisa;
- II – Termo de horas comprovadas em atividades de extensão;
- III – Termo de horas comprovadas em atividades de cultura;

Parágrafo único. Para fins de registro acadêmico, serão respeitadas as cargas horárias mínima e máxima para cada grupo de atividades, e para cada atividade especificamente, conforme a tabela abaixo:

Grupo	CH Max Grupo	Tipos de atividade	CH Max por atividade
Atividades complementares de pesquisa	110	Publicação de artigo em revistas de História ou áreas afins	20
		Publicação de artigos completos e resumos em anais de eventos científicos	20
		Apresentação de trabalhos em eventos científicos	60
		Participação em projetos de pesquisa	60
		Participação em projetos de pesquisa institucionalizados, na condição de bolsista	60
		Participação em projetos de pesquisa institucionalizados, na condição de voluntário	30



		Participação em grupos de estudo	30
		Participação na condição de monitor em disciplinas da UFFS	40
Atividades Complementares em extensão e aprimoramento profissional	120	Participação na organização e execução de eventos acadêmicos	10
		Participação em atividades de Extensão Universitária	40
		Participação em grupos de estudos sob a coordenação de professor da universidade	20
		Participação em congressos, simpósios e seminários na área História ou áreas afins	60
		Participação em cursos extracurriculares, oficinas, minicursos e atividades científicas, culturais e acadêmicas	60
		Participação em palestras e conferências	40
		Participação em projetos de monitoria	10
		Participação em viagens de estudos, com apresentação de relatório	20
		Realização de estágios não obrigatórios	50
		Participação em projetos de extensão institucionalizados na condição de bolsista (PIBID, PET, etc...);	60
		Participação em saídas de campo fora do espaço do <i>campus</i> , realizadas pela UFFS ou por IE de ensino superior, com apresentação de relatório	20
		Atividades Complementares em cultura e movimentos sociais	50
Publicação de artigos ou entrevistas na imprensa	10		
Participação em entidades estudantis e representação discente	30		
Participação em atividades culturais (teatro, cinema, literatura, oficinas de leitura) desenvolvidas no interior da UFFS	20		
Participação comprovada em atividades culturais (teatro, cinema, literatura) desenvolvidas em outras instituições educacionais/culturais legalmente constituídas	10		
Participação comprovada em grupos ou associações de cultura (artes, música, teatro, dança, etc.)	10		
Saídas de campo e viagens de estudo, realizadas a partir da iniciativa dos(as) docentes da UFFS e/ou de IES reconhecidas pela CAPES/MEC, ou movimentos sociais e instituições. A veracidade da certificação será analisada pelo(a) coordenador(a) do curso.	20		

Art. 14 Ao integralizar as horas de atividades complementares obrigatórias o acadêmico irá apresentar os termos comprobatórios da carga horária, emitido pelo coordenador do curso, os



certificados ou documentos comprobatórios originais (com cópia para autenticação) na secretaria acadêmica.

Art. 15 Em data prevista no Calendário Acadêmico, o aluno deve apresentar à secretaria acadêmica os comprovantes das atividades realizadas, original e cópia, e preencher formulário específico de solicitação de aproveitamento e validação de ACCs.

## CAPÍTULO II DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

### SEÇÃO I DAS DISPOSIÇÕES GERAIS DAS ATIVIDADES CURRICULARES

Art. 16 As Atividades Curriculares Complementares do Curso de Graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) serão regidas por este Regulamento e pelo Regulamento da Graduação.

Art. 17 Os casos omissos neste regulamento serão submetidos ao Colegiado do curso de Graduação em História - Licenciatura.

Art. 18 Este Regulamento entra em vigor após a sua aprovação pelo Colegiado e pelo CONSUNI.

Chapecó SC, novembro de 2010.

[Anexo alterado pela Resolução N° 01/CCLH/UFFS/2022 protocolo 23205.014855/2022-31](#)



#### Anexo IV

Atas de Aprovação do Projeto de Criação do Curso de Graduação em História - Licenciatura

Ata das reuniões dos dias 29 e 30 de abril de 2010 em Chapecó

Ata da reunião de 20 de agosto de 2010 em Erechim

Aos vinte e nove dias do mês do abril do ano de dois mil e dez, reuniu-se o colegiado do Curso de História para apresentação de propostas, discussão e aprovação do projeto pedagógico do Curso da História da UFFS. O Coordenador cumprimentou os participantes e apresentou a pauta da reunião, desta forma, dando início ao encontro apresentando o projeto do Curso com as conclusões preliminares e colocando em discussão os passos para a apresentação do relatório final. Ao discutir o perfil do curso o texto anterior foi modificado contemplando as habilidades e competências necessárias para o licenciado em História adquirir durante o Curso. Quanto ao perfil do egresso foi destacado o comprometimento do licenciado com a sociedade e as questões de valores. A necessidade de incluir a iniciação científica e a pesquisa durante e após a conclusão da graduação. A representação gráfica foi apresentada e a idéia da representação através de uma araucária espalhando sementes como metáfora dos componentes curriculares, estágios e monografias, será desenvolvida e apresentada posteriormente pois requer tempo e trabalho gráfico. Quanto às formas de acesso ao curso de História, o colegiado sugeriu que permaneça a atenção à população com maior dificuldade de acesso ao ensino superior. O sistema de avaliação do projeto do curso mantém os âmbitos de avaliação interna, prevista em lei, e o sistema externo com um conjunto de



processos avaliativos envolvendo o corpo docente e discente. O sistema de avaliação do processo ensino-aprendizagem permaneceu com a mesma redação com aplicação de instrumentos específicos em consonância com os objetivos, também permanecendo no aguardo do documento final da comissão de avaliação da UFFS. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) também foi discutido e ganharam ênfase as atividades de graduação como elaboração processual durante o curso, nos componentes curriculares que servem de base para elaboração do mesmo. As atividades complementares como práticas independentes e feitas ao longo do período de realização do curso permanecem sem alterações e aprovadas como requisitos obrigatórios com oportunidade de escolha, por parte do estudante, em três grandes grupos: atividades de pesquisa, atividades complementares em cultura e atividades em extensão e aprimoramento profissional. O estágio curricular permaneceu com a mesma redação dentro dos três componentes curriculares de Estágio Curricular Supervisionado I, II e III abarcando o Ensino Fundamental e Médio e a elaboração de um relatório no final. A estrutura curricular abrange todos os componentes do Tronco Comum, Domínio Conexo e Domínio Específico, estas últimas sendo analisadas pelo colegiado e discutido as alterações pertinentes. Esgotado o tempo neste dia vinte e nove de abril o colegiado deliberou por continuar a reunião amanhã,(30/04/2010) neste mesmo local e hora. Na continuidade da reunião, aos trinta dias do mês de abril de dois mil e dez, os trabalhos foram retomados com a discussão dos ementários, objetivos e referências de cada um dos componentes curriculares do domínio específico. Os componentes do tronco comum e do domínio conexo foram discutidos em instâncias específicas por comissões designadas para tal finalidade. Definidas as comissões, os quatro professores do Campus de Chapecó bem como foram os professores do Campus de Erechim RS, ficaram com atividades para serem realizadas posteriormente e apresentadas para sistematização e encaminhamentos finais do Projeto Pedagógico do Curso de História da UFFS. Nada mais tendo a constar esta ata vai assinada por mim, Delmir José Valentini e pelos demais participantes do colegiado do Curso de História.



Aos vinte dias do mês de agosto de dois mil e dez reuniram-se no campus da UFFS de Erechim os professores Delmir José Valentini (coordenador do curso de História de Chapecó), José Carlos Radin, Vicente Ribeiro e Jaisson Teixeira Lino do curso de história de Chapecó, e os professores Gerson Fraga (coordenador do curso de História de Erechim) e Paulo Bittencourt, do curso de história de Erechim, para debater a formulação do Projeto Pedagógica do Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul. Às quatorze horas foi iniciada a reunião. Após uma breve apresentação realizada pelo coordenador do curso de história de Chapecó, foi iniciado o debate a partir da leitura da proposta de Projeto Político Pedagógico. A seguir, nesta ata, serão listados os tópicos debatidos bem como, quando for o caso, o nome do responsável por redigir as alterações discutidas. Entre os presentes foi constatado não estar bem clara a composição do Núcleo Docente Estruturante do Curso, ficando encaminhado consultar a Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) sobre a definição e a partir disso revisar a composição do Núcleo (Delmir). A prática pedagógica do componente curricular (PPCC) deve ser desenvolvida em todos os componentes no qual estão reservadas horas. Para isso, deve ser discutido nas reuniões de colegiado como em cada disciplina isso será desenvolvido. Os referenciais orientadores foram lidos ficando encaminhado que os professores presentes enviarão sugestões sobre a redação final deste item. O objetivo do curso foi lido, devendo esse ser adaptado em seu formato (Delmir). O quadro com a análise vertical e horizontal das disciplinas deve ser revisto, dividido em Diurno-Chapecó, Noturno-Erechim e Noturno-Chapecó (Vicente). O item perfil docente deve ser redigido (Gérson) e sobre o processo de qualificação docente será feita uma consulta à Pró-reitoria. O item avaliação deve ser revisto (Delmir). As atividades curriculares complementares deverão ser revistas, formulando grupos e atividades que permitam ao estudante desenvolver as atividades necessárias à sua formação e adaptadas à realidade dos estudantes do curso. No item laboratórios será incorporado por Chapecó o Laboratório de Docência, no qual será responsável pelo curso de história o professor Vicente, e por Erechim o Laboratório de Linguística e História Oral e o Laboratório de Interdisciplinar de Docência, em ambos o responsável pelo curso de história será o



professor Gérson (Gérson, Vicente). A partir dos modelos enviados pela PROGRAD, deverão ser elaborados os regulamentos de Trabalho de Conclusão de Curso e de Estágio (Delmir). Foram definidos os professores Gérson e Vicente como coordenadores de estágio respectivamente para os campi de Erechim e Chapecó. Devem ser indicadas dez instituições para a universidade celebrar convênios por cada um dos cursos visando os estágios curriculares obrigatórios e não-obrigatórios. Nada mais tendo a constar esta ata vai assinada por mim, Vicente Neves da Silva Ribeiro, e pelos demais participantes do colegiado do Curso de História. A reunião foi encerrado às 17h30min.



Anexo V

Atas do NDE e do Colegiado referente à Reformulação do PPC e da Matriz Curricular

ATA DA QUARTA REUNIÃO DO NÚCLEO ESTRUTURANTE DOCENTE DO CURSO  
DE HISTÓRIA DA UFFS – CAMPUS ERECHIM – RS.

Às oito horas e trinta minutos do dia vinte de junho de dois mil e doze, na sala 03 do Campus Erechim da Universidade Federal da Fronteira Sul, sito a Avenida Dom João Hoffmann, 313, Bairro Fátima em Erechim-RS, foi realizada a reunião ordinária do NDE, convocada para apreciação e deliberação das matérias constantes da pauta anteriormente preparada e enviada via e-mail, ao membros do NDE do Curso de História – Licenciatura da UFFS – Campus Erechim, sob a Presidência do Coordenador do curso, professor Fábio Francisco Feltrin de Souza. Fizeram-se presentes os seguintes professores membros do NDE: Émerson Neves da Silva, Débora Clasen de Paula, Gerson Wasen Fraga, Gerson Luís Egas Severo, Isabel Rosa Gritti, Paulo José Sá Bittencourt. Também contou com a presença dos professores, membros do NDE de Chapecó: Délcio Marquetti, Fernando Vojniak, Renilda Vicenzi, Ricardo Machado. Os membros do NDE se reuniram para atendimento da seguinte pauta: 1) Apreciação dos pontos de pauta; 2) Aprovação da ata 003-2012; 3) Restruturação do Domínio Específico do Curso. O Coordenador professor Fábio Francisco Feltrin de Souza deu início aos trabalhos. 1) Apreciação dos pontos de pauta: Não houve alteração nos pontos de pauta. 2) Aprovação da ata 003-2012: A ata foi aprovada pelos membros do NDE. 3) Restruturação do Domínio Específico do Curso: O coordenador propôs a seguinte metodologia de trabalho do dia: Pela parte da manhã até às doze horas (12:00), reiniciando à tarde às treze horas e trinta minutos (13:30). O professor Délcio ressaltou que a partir do debate que ocorreu em Chapecó neste primeiro momento deveriam ir direto para algumas questões práticas como organização curricular, após este primeiro momento partir para um debate mais teórico, filosófico, de fundamentação do projeto. Após os últimos debates chegaram a conclusão que se reduzindo a carga horária do domínio comum não terão tanta liberdade para incluir mais componentes no domínio específico, pois isso implicaria em manter o tempo de duração do curso, sendo esse um dos pontos levantados, trazer a possibilidade da redução do tempo do curso, pois consideram quatro anos e meio para o diurno e cinco anos para o noturno um tempo muito longo. Também salientou que se forem considerados os componentes do domínio comum como estão hoje, onze (11) componentes, no caso de Chapecó que optou por passar a



disciplina de Introdução à Prática Científica para o domínio específico, ficando dez (10) componentes. A proposta de Chapecó é de redução para trezentos e sessenta horas (360), dessa maneira tentar discutir a grade dentro de um tempo de quatro (4) anos ou quatro anos e meio (4,5). Outra questão levantada pelo professor foi a questão das Práticas Pedagógicas de cada componente, que precisam ser encaminhadas para o próximo semestre. Também salientou a questão das disciplinas optativas que devem ser definidas. O item que também foi apresentado foi a da História da Fronteira Sul e da História Regional. A proposta de Chapecó foi de que houvesse redução para dois (2) créditos na História da Fronteira Sul, já na História Regional foi pensado em substituir por uma História do Estado. No caso de Chapecó, História de Santa Catarina; e de Erechim, História do RS. Outro item abordado pelo professor foi a questão dos estágios, que até o momento não teve muito avanço nos debates, mas que num próximo momento será melhor abordada. O coordenador argumentou sobre a relação dos prazos, já que na comissão do domínio comum foi acertado que se estenderá o prazo dos debates para o mês de agosto, pois em outubro devem ser postados a nova matriz curricular. O coordenador perguntou aos professores se iniciarão o ano de dois mil e treze (2013) com a nova matriz curricular. Outro ponto fundamental é a possibilidade das turmas atuais migrarem para a matriz nova. A professora Renilda ressaltou que o curso necessariamente tem que estar reconhecido, e que, somente poderão migrar os que ainda não ultrapassarão os 50% do curso. Os cursos que já ultrapassarão 50% do curso precisam se manter na grade atual. Também comentou que os cursos que quiserem migrar não poderão pedir o reconhecimento, pois eles não podem migrar estando em processo de reconhecimento e precisarão ser reconhecidos com a grade em que estão. O coordenador falou que, junto aos colegas de Erechim, defendem que as turmas de 2013-1 inicie com a nova matriz, apresentando uma proposta com o ementário, bibliografia, domínio comum, domínio conexo e domínio específico, estando fechado até o dia trinta (30) de setembro. O professor Êmerson destacou que o tempo do curso é demasiado, pois o ideal seria quatro (4) anos ou quatro anos e meio (4/5). Também argumentou que fica preocupado em alterar para 2013 e significa que em 2014 estariam com três (3) currículos diferentes. Argumentou também que a alteração de forma mais efetiva do domínio comum seria a alternativa mais correta, mas talvez não a possível agora. A professora Renilda disse que as autoavaliações do curso tem auxiliado, pois os alunos assinaram o excesso de horas do domínio comum. Isso cria argumentos de aumentar a carga horária do domínio específico. Frisou a professora que começando a turma dois mil e treze turma-um (2013-1) com a grade



atual, após poderão migrar para uma nova grade, e então o curso já estará reconhecido. Também falou que as avaliações dos alunos mostra que o domínio comum está embargando o processo. O professor Fernando disse que a partir de agosto, quando terminarem as discussões sobre o domínio comum e o domínio conexo, poderão trabalhar com uma definição concreta, para a partir daí começar a pensar no currículo. Argumentou que a partir desse momento começarão definindo uma agenda com reuniões para pensar no próprio projeto, onde possa ser discutido o objetivo do curso, o estágio, as horas a distância, as disciplinas optativas, pesquisa e extensão. O coordenador enfatizou que a criação do domínio comum está posta e não irá cair. A Instituição vai manter o domínio comum, mas que foi assinalado pela reitoria é a diminuição provável para de trezentos e sessenta (360) horas, sendo que o número de disciplinas não irá passar disso, cinco (5) disciplinas, abrindo para disciplinas optativas. Também falou que o que for fechado em agosto irá perdurar por algum tempo, não irá mudar em dois mil e treze (2013), nem em dois mil e quatorze (2014), pelo menos durante essa gestão. O coordenador destacou que devem trabalhar com um horizonte de cinco (5) disciplinas de domínio comum, abrindo espaço para os alunos fazerem as disciplinas optativas, eletivas, com um número X de horas no que pensariam para o domínio conexo. Também frisou de já se pensar numa matriz com ementário e bibliografia, pois se quiserem migrar em dois mil e treze isso deve estar acertado. O coordenador defendeu a ideia de iniciar dois mil e treze (2013) com uma matriz nova e usar o instrumento de avaliação como defesa. O professor Ricardo salientou estar de acordo com o que o professor Fábio defendeu. Também falou sobre terem condições de repensar as disciplinas e criar uma comissão para trabalhar na redação do PPC, nos textos introdutórios. Argumentou que há condições de trabalharem até o final do ano, oferecendo para o próximo ano um curso de História melhor. O professor Délcio disse que o debate em torno do domínio comum é de já pensar numa proposta de grade com algumas disciplinas reservas, caso o domínio comum se defina com uma carga horária maior. O professor Paulo perguntou se mesmo que se mantenha o domínio comum a Reitoria entenderia que a redução seria inevitável. O coordenador disse que foi o que se percebeu na reunião em Chapecó. O professor Fernando falou que irá diminuir a carga horária, mesmo que mudasse a Reitoria o domínio comum não cairia, pois tem bastantes professores que defendem essa proposta. Há os movimentos sociais que pesam no Consuni, salientou o professor. O professor disse não ser tão contrário a essa proposta de uma matriz comum, que todos os cursos tenham essa formação básica. Também argumentou que na medida que ela



ficasse com uma carga horária de trezentas e poucas horas parece ser uma proposta interessante. O professor sugeriu que primeiro seja feito uma reflexão em torno do tempo de duração do curso, após fazer um rol de disciplinas que consideram imprescindíveis. Também falou que o princípio metodológico é sociabilizar as propostas de quadro gerais que cada campus pensou, após definir o curso com a carga horária estabelecida. O professor Gerson Fraga falou que a duração do domínio comum ainda é dúvida. Também disse achar bom um curso com duração de cinco (5) anos, ainda mais por se tratar de um curso noturno. A professora Isabel falou que a proposta deve estar pronta até setembro, para que se possa iniciar no próximo semestre. O coordenador manifestou-se dizendo a questão da greve, é algo que está no horizonte, parece inevitável, também falou que mesmo havendo greve há condições de criar uma nova matriz para final de setembro. Afirmou que independente do horizonte da greve devem trabalhar com o horizonte de mudança. O coordenador pontuou alguns assuntos que foram discutidos e após esse momento, rediscutir as disciplinas, montar uma grade e definir comissões para elaborar o ementário e a bibliografia. O coordenador falou sobre a questão das horas práticas, pois a ideia que a própria reitoria tem de implementação do curso é de ter doze (12) professores. No momento, o curso de História possui oito (8) professores e não haverá mais que duas (2) vagas no próximo concurso, sendo assim terão que trabalhar a atual matriz com dez (10) professores. O coordenador ressaltou que irá chegar um momento que os professores estarão ministrando três (3) componentes curriculares. Mencionou, inclusive, que a proposta do professor responsável pelo Estágio de Ensino, Tiago Kramer, é de transformar os três (3) momentos do estágio supervisionado em quatro (4) momentos com quatro (4) disciplinas de seis (6) e oito (8) créditos. O professor Délcio disse que o primeiro momento do estágio seria de suporte teórico, o segundo momento do estágio seria de observação e planejamento no ensino fundamental, o terceiro momento será do estágio no ensino fundamental e a observação no ensino médio, o quarto momento o aluno fará o estágio no médio e o relatório, desta maneira fica mais distribuído. A professora Renilda disse achar a proposta interessante. Também salientou não concordar que seja a penas um professor, deve-se garantir dois (2) professores, o que qualificaria muito mais o estágio. O coordenador disse estar procurando um parecer do MEC que diz que o professor efetivo de Práticas de Estágio não pode ter mais de quinze (15) alunos. Também disse que os próximos quatro (4) concursos, duas (2) seriam para estágio, para garantir o que a professora Renilda falou, que deve haver dois (2) professores em sala de aula. A professora Renilda explicou que o professor da escola



é que recebe o estagiário. Também mencionou que a necessidade de saber quais escolas a universidade está credenciada, a localização delas, isso demanda uma série de coisas e aí se vê a importância de se ter dois profissionais na área de estágio, porque eles terão que correr atrás disso inclusive. O professor Ricardo falou que também está previsto no PPC do curso o estágio em locais de educação não formais, o que pode ser bem interessante mais bem mais complexo, pois será preciso uma articulação com a comunidade. O coordenador salientou que outra questão que gostaria de pontuar é a de substituir a disciplina de História da Fronteira Sul por História do RS aqui no campus de Erechim. O professor Ricardo falou que a discussão no caso de Chapecó é em torno da disciplina de História Regional, a proposta seria de mexer na História Regional e substituí-la pela História de Santa Catarina. Também argumentou que deveriam discutir melhor a que é a História da Fronteira Sul, e rediscutir a História Regional em todo o PPC. A professora Renilda falou que a História Regional vem com uma ementa, que não abrange nem a história local nem a regional, mas uma literatura que é da Teoria da História. O professor Gerson Severo questionou algumas disciplinas de acordo com a ementa. Defendeu a inclusão de uma disciplina de Arqueologia e Pré História e uma disciplina de Historiografia separada de Teoria e Metodologia da História. O professor Gerson Fraga enfatizou que para ele a disciplina de História Regional deveria ser eliminada do curso. O professor Délcio falou que o curso de História deveria tirar da grade a História da Fronteira Sul, com o compromisso de oferecer para os outros cursos, repensando na ementa desta disciplina, e introduzir mais uma História da América e mais uma História do Brasil. O professor Émerson disse que poderiam eliminar esta disciplina colocando-a nas optativas, sendo que o aluno poderia escolher. O professor Ricardo disse achar a proposta boa, ter uma disciplina do Estado sem a disciplina da História da Fronteira Sul. O coordenador propôs passar o leque de disciplinas e a partir daí organizar semestralmente para num próximo passo formar as ementas e as bibliografias. A professora Renilda propôs que as disciplinas, com exceção das disciplinas do estágio, fiquem em quatro (4) créditos. O professor Ricardo falou que se uma proposta para redução do tempo de curso seria a de ter disciplinas à distância, como uma disciplina de Leitura. O professor Délcio falou que as optativas não precisam ser necessariamente no primeiro semestre. Também argumentou que as optativas devem ficar para o segundo semestre, que é o momento que o aluno tem mais claro o que realmente quer. O professor Ricardo disse que o maior problema das optativas é a validação das disciplinas quando o aluno troca de universidade. A professora Renilda disse que além da questão da



validação, deve ser oferecidas duas (2) disciplinas por semestre como optativas, para que o aluno possa escolher. Garantir optativas ao longo do curso mas tomando alguns cuidados, em qual semestre serão, quais serão elas, já montadas para que se garanta um horário e professores para ministrá-las. O professor Paulo sugeriu que fosse feita primeiro uma consulta aos alunos. Também questionou qual seria a margem de liberdade oferecida aos estudantes, pois os professores decidindo qual disciplinas irão ofertar, talvez os alunos não sendo consultados farão as disciplinas por que terão de fazer e não por terem interesse. O coordenador disse ser contra haver disciplinas optativas no primeiro semestre, pois por questões de operacionalização e também por ter domínio comum e conexo, o aluno acaba não tendo nenhuma disciplina obrigatória de História no primeiro semestre. Também falou que poderão pensar em cinco (5) ou seis (6) disciplinas optativas ao longo do curso de quatro (4) anos, isso daria uma optativa por semestre a partir do terceiro semestre. O coordenador falou que na nova matriz vai ter que compor um rol de disciplina optativas com ementário e bibliografia já aprovadas. Também lembrou que poderão oferecer a disciplina de Seminário. O professor Paulo falou que o Seminário é uma disciplina de livre oferta não possui ementário, nem bibliografia já pré estabelecida, entrando como uma disciplina optativa. O coordenador propôs quatro anos e meio (4/5) de tempo de curso. O coordenador deu início ao exercício, com a distribuição das disciplinas. O coordenador definiu que seja montada uma comissão para construção dos ementários e bibliografias das disciplinas que farão parte da nova matriz curricular. Também estabeleceu para o final do mês de agosto o prazo para produção das ementas. A professora Renilda perguntou se as ACCS para este novo PPC, ficarão da forma como estão, duzentas e quarenta horas (240). O coordenador falou que com relação as ACCS não há muito o que fazer, os alunos terão de correr atrás. A professora Renilda comentou que a grande maioria dos alunos vem somente com horas em participação em eventos. O professor Ricardo falou que poderão deixar mais claro a amplitude das possibilidades nas ACCS, para que assim os alunos corram atrás. O coordenador montou juntamente com os professores as comissões que irão construir os ementários e as bibliografias das respectivas disciplinas, sendo um professor de Erechim e outro de Chapecó. O professor Ricardo sugeriu que as disciplinas optativas fossem distintas. Também sugeriu a criação de um Seminário de Pesquisa, para apresentar as pesquisas de Iniciação Científicas que estão sendo desenvolvidos no curso de História, realizado um ano em Chapecó e outro em Erechim. No primeiro semestre trabalhar a Semana da História e no segundo semestre um Seminário de Pesquisa,



que integrasse os dois cursos. Seriam dois (2) ou três (3) dias de socialização dos trabalhos. Sugeri, então, começar já nesse ano, no segundo semestre. O professor Délcio sugeriu que cada NDE, de Erechim e de Chapecó, ficassem com um dos itens da reconstrução do texto do PPC. A reconstrução foi definida pelos professores, com a distribuição de cada item para o NDE de Erechim e Chapecó. A professora Renilda falou que deve-se postar no PPC o Seminário. Também sugeriu que na justificativa do PPC deva constar a necessidade de novos professores. O coordenador enfatizou que o PPC esteja pronto em setembro. Não havendo mais nada a tratar, eu, Cláudia Cunha, lavrei a presente ata, que depois de apresentada e aprovada, vai devidamente assinada. Erechim, 20 de junho de 2012.



ATA DA QUINTA REUNIÃO ORDINÁRIA DO COLEGIADO DO CURSO DE  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
– CAMPUS ERECHIM – RS.

Aos quatorze dias do mês de novembro do ano de dois mil e doze, às quatorze horas, reuniram-se, na sala de número três, conforme convocação 005/2012, os membros do colegiado do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Erechim/RS, situada na Avenida Dom João Hoffmann, 313, Bairro Fátima. A reunião foi presidida pelo coordenador do curso de Licenciatura em História, professor Fábio Francisco Feltrin de Souza, secretariada por Fabíola Carla Andretta Teffili, e contou com a presença dos seguintes docentes: Ani Carla Marchesan, Débora Clasen de Paula, Gerson Luís Egas Severo, Gerson Wasen Fraga e Paulo José Sá Bittencourt. Justificaram a ausência os professores: Anibal Lopes Guedes, Daniel Francisco de Bem, Émerson Neves da Silva, Isabel Rosa Gritti e Tiago Kramer de Oliveira. A reunião teve a seguinte pauta: 1. Aprovação da pauta; 2. Informes; 3. Aprovação da ata 004-2012 Reunião Ordinária; 4. Substituição temporária da coordenação; 5. Aprovação dos planos de ensino; 6. Avaliação da reconstrução do PPC; 7. Apreciação do processo de remoção da professora Ani Carla Marchesan; 8. Outros assuntos. 1. Aprovação da pauta: O professor Paulo solicitou que fosse incluído como ponto de pauta a formalização do grupo de estudos: “Entre o Lógos e o TAO: Estudos de Filosofia e Religião comparadas do Ocidente e do Oriente”. O professor Gerson Severo solicitou que fosse incluído como ponto de pauta a instalação do Partilhando Leituras no curso de História. A pauta aprovada ficou nesta ordem: 2. Formalização do grupo de estudos: “Entre o Lógos e o TAO: Estudos de Filosofia e Religião comparadas do Ocidente e do Oriente”; 3. Instalação do Partilhando Leituras no curso de História; 4. Informes; 5. Aprovação da ata 004-2012 Reunião Ordinária; 6. Substituição temporária da coordenação; 7. Aprovação dos planos de ensino; 8. Avaliação da reconstrução do PPC; 9. Apreciação do processo de remoção da professora Ani Carla Marchesan; 10. Outros assuntos. O professor Fábio deu início as discussões aprovadas. 2. Formalização do grupo de estudos: “Entre o Lógos e o TAO: Estudos de Filosofia e Religião comparadas do Ocidente e do Oriente”: O colegiado aprovou o grupo de estudos conforme apresentado pelo professor Paulo. 3. Instalação do Partilhando Leituras no curso de História: O colegiado aprovou a instalação do Partilhando Leituras, apresentado pelo professor Gerson Severo, dentro do curso de História. Em próximas reuniões será definido o



calendário dos dois eventos e os livros a serem abordados. 4. Informes: Não houve informes. 5. Aprovação da ata 004-2012 Reunião Ordinária: A ata foi aprovada pelos presentes. 6. Substituição temporária da coordenação: No período de 22/12/12 à 10/02/2013 o professor Fábio, coordenador do curso, estará em férias. Assim se faz necessário que neste período outro professor o substitua. O professor Fábio irá verificar com o professor Tiago Kramer de Oliveira e com a coordenação acadêmica as possibilidades de substituição. 7. Aprovação dos planos de ensino: Os professores Ani Carla Marchesan, Débora Clasen de Paula, Fábio Francisco Feltrin de Souza, Gerson Luís Egas Severo, Gerson Wasen Fraga e Paulo José Sá Bittencourt, presentes na reunião, apresentaram seus planos de ensino, sendo os mesmos aprovados, os quais serão enviados por e-mail à assessora do curso Fabíola, para após encaminhá-los ao pedagogo Marcelo da coordenação acadêmica do campus. Na apresentação feita pelo professor Gerson Severo, o mesmo destacou que é preciso regulamentar a situação de divisão de disciplina no sistema, para que conste o nome de todos os professores envolvidos. O professor Fábio sugeriu que seja enviado um memorando para a coordenação acadêmica do campus, para a DOP – Diretoria de Organização Pedagógica e para a DRA – Diretoria de Registro Acadêmico. Todos concordaram. O professor Anibal Lopes Guedes, tendo enviado o plano de ensino e justificado a ausência na reunião, seu plano também foi aprovado pelo colegiado. A professora Adriana Regina Sanceverino Losso enviou seu plano, contudo o mesmo necessitará de ajustes. Os professores Daniel Francisco de Bem, Émerson Neves da Silva, Isabel Rosa Gritti e Tiago Kramer de Oliveira não enviaram seus planos de ensino, ficando os mesmos pendentes para aprovação. 8. Avaliação da reconstrução do PPC: O professor Fábio falou a respeito da reconstrução feita no PPC e destacou que com acordo da PROGRAD e da DOP, os cursos de História de Erechim e Chapecó possuem PPC diferente. Chamou atenção que a turma 2010 é impossível migrar para o novo PPC em função da equivalência das disciplinas. Ficou definido que somente a 2012 irá migrar para o novo PPC, a partir de 2013, e que a turma 2013 já inicia com a nova matriz curricular. Informou que já foi realizada uma assembleia com os estudantes. Era necessário constar no PPC as disciplinas de domínio conexo, optando entre as cinco, por quatro disciplinas de quatro créditos. Assim o professor Fábio retirou a disciplina de Teorias da Aprendizagem e explicou que tomou esta decisão sozinho em função de prazos que tinha que cumprir. Neste momento o colegiado aprovou a decisão tomada pelo coordenador. Informou ainda que fez um estudo no que diz respeito as vagas para os docentes, sendo muito provável que o curso tenha apenas uma vaga,



e portanto, integralizado então com nove professores. O professor Fábio irá enviar este estudo ao colegiado e destacou que será discussão no fórum de coordenadores. 9. Apreciação do processo de remoção da professora Ani Carla Marchesan: A professora Ani fez seu pedido de remoção para o campus Chapecó em função de sua formação acadêmica considerando que lá existe o curso de Letras. Assim o professor Fábio comunicou que o colegiado precisa emitir um parecer para a comissão do Conselho de Campus. Nesse sentido o colegiado aprovou o pedido mediante a reposição de vaga. 10. Outros assuntos: Não houve outros assuntos. Não havendo mais nada a tratar, eu, Fabíola Carla Andretta Teffili, lavrei a presente ata, que depois de apresentada e aprovada, vai devidamente assinada. Erechim, 14 de novembro de 2012.